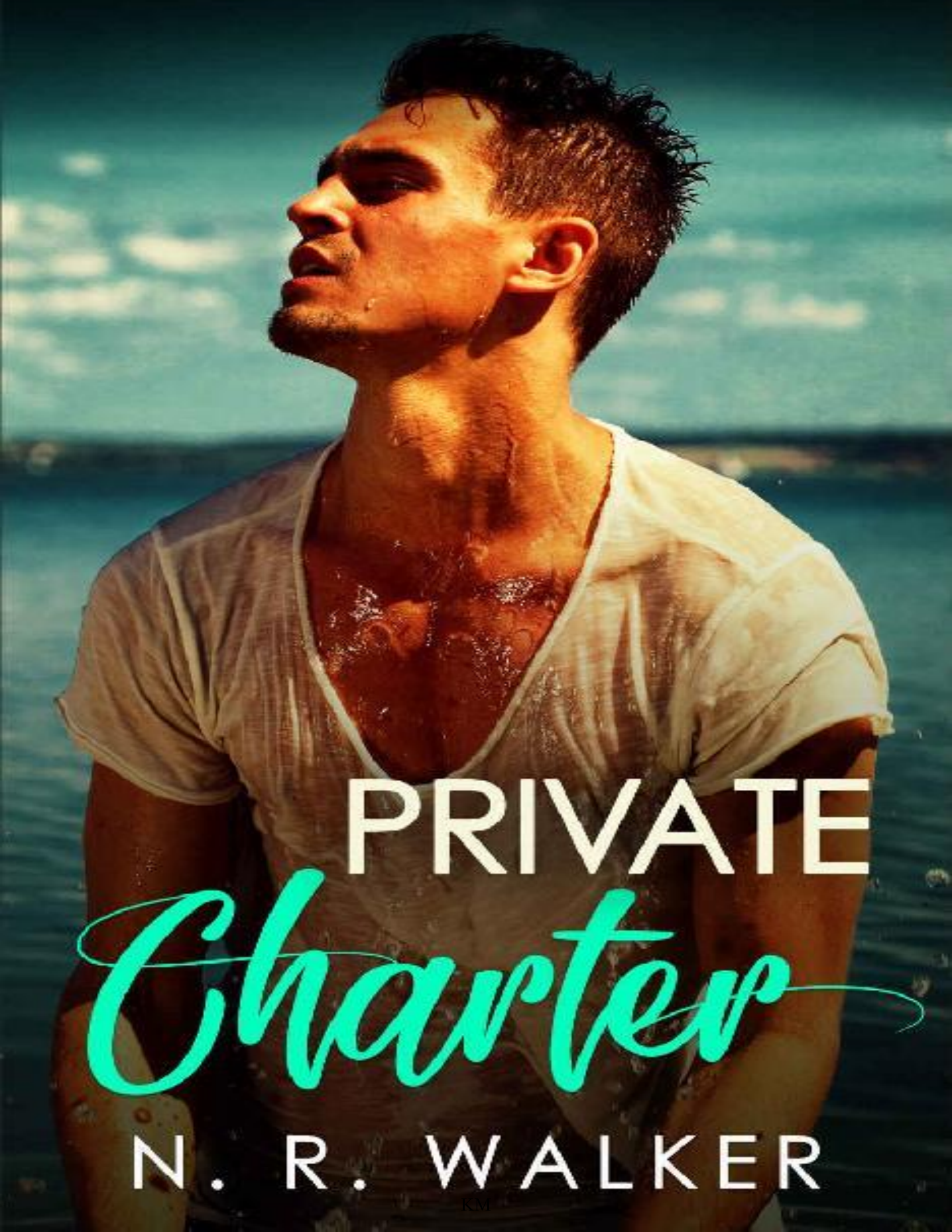




PRIVATE

Charter

N. R. WALKER



*A toda equipe e todos os leitores.
Feliz Natal...*



KM





REVISÃO INICIAL: GAIA
REVISÃO FINAL: RAMONA STAVROS
ARTE: KAVARR

PRIVATE CHARTER

N.R. WALKER

DEDICAÇÃO

Para quem precisa lembrar.

A vida é curta, viva o seu sonho.



SINOPSE

O trabalho de Stuart Jenner é de muito estresse e alto risco e tudo o que ele busca. Então, por que, quando o ápice de sua carreira está ao seu alcance, ele tropeça? Por insistência da sua médica, ele reserva um iate particular para navegar pelos Whitsundays¹ por duas semanas de sol, surf e sexo. Quando seu amigo com benefícios cancela com ele no último minuto, Stuart decide ir sozinho.

Foster Knight deixou a corrida de ratos² para trás há seis anos, comprou um iate e agora chama a Grande Barreira de Corais de sua casa. Velejar com turistas pelas águas tropicais faz parte de um dia de trabalho e ele nunca esteve tão feliz. Quando o próximo cliente chega sozinho, o contrato de duas semanas será o emprego mais privado que ele já teve.

Foster pode ver como Stuart está estressado e exausto, e promete a ele um extenso descanso e relaxamento. Stuart lentamente percebe que seu plano original para duas semanas de sol, surf e sexo ainda pode não estar perdido. Confinados a um iate, isolados por oceanos de água azul e pelo sol escaldante, Stuart e Foster estão prestes a descobrir o quão quente os trópicos podem ficar.

¹ As 74 ilhas de Whitsunday ficam entre a costa nordeste de Queensland, Austrália, e a Grande Barreira de Corais, uma vasta extensão de corais com vida marinha abundante. A maioria das ilhas é desabitada e tem floresta tropical densa, trilhas e praias de areias brancas.

² Um modo de vida em que as pessoas são envolvidas em uma luta ferozmente competitiva por riqueza ou poder.

CAPÍTULO UM

STUART JENNER

Eu precisava disso. Eu estava esgotado. Estressado, exausto. Minha mente não estava melhor que mingau. Eu tinha me ferrado para fechar meu último acordo e, às seis e vinte e cinco da tarde de sexta-feira, saí do meu escritório bombeado para minhas férias tão necessárias.

Doze dias de sol, surf, velejar, natação e muito sexo.

Peguei meu telefone com toda a intenção de ligar para Jason, mas ele tocou na minha mão. O nome do meu chefe apareceu na tela. *Gerard Soto*. Eu nem estava fora do maldito prédio. Cerrei os dentes e apertei em atender. — Você chegou à secretária eletrônica de Stuart Jenner. Por favor deixe uma mensagem.

— Boa tentativa, Jenner.

Revirei os olhos, mas parei de andar. Se ele precisasse me ver, eu só teria que me virar e voltar. E, por mais que eu odiasse, nós dois sabíamos que iria. — Patrão. O que posso fazer por você?

— Assinou a conta Goodridge?

— Claro que sim.

— E as preliminares de Washington?

— O contrato está com o jurídico. Entreguei na Browning pessoalmente.

— Humm — foi sua única resposta. Depois. — E presumo que seu relatório mensal completo esteja na minha mesa.

Um relatório mensal completo para metade do qual eu não estaria lá. — Claro que está.

Havia uma razão pela qual eu era um dos melhores analistas sênior de finanças corporativas em Brisbane. Tão bom, de fato, que quando os caçadores de talentos de Sydney e Cingapura tentaram me atrair para longe, meu chefe me ofereceu uma oferta incrivelmente lucrativa para ficar. Fiquei aqui, e é por isso que ele agora me possuía. Então, quando ele ligava, eu atendia. Quando ele perguntava, eu respondia.

Eu não tinha dúvida de que ele sabia que o relatório havia sido arquivado antes mesmo de perguntar. Soto jogava pequenos jogos ego-maniacos assim. — A que horas você vai embora amanhã?

Ele estava realmente perguntando a que horas ele poderia me ligar. Afrouxei meu queixo e coloquei um sorriso no meu rosto, mesmo que ele não pudesse vê-lo. — Meu voo sai às seis e meia amanhã. — Eu olhei para o meu relógio. Doze horas.

— E você não será contatável? — Ele perguntou. Novamente.

— Não. Sem serviço telefônico, sem internet. — Isso não era tecnicamente verdade. Eu teria algum acesso limitado, mas ele não

sabia disso. — Haverá um telefone via satélite para emergências. Posso conseguir o número para você, se precisar.

— Hum, não, isso não será necessário — acrescentou ele sem rodeios. Só ofereci porque sabia muito bem que ele não gostaria de ligar para um telefone via satélite, o que sem dúvida era uma pergunta servil. — Bem então...

— Ok, eu te vejo no dia vinte e sete.

— Certo. Sim. Suponho que te desejo boas férias.

Eu quase ri de sua compaixão. — Obrigado.

— Volte bem descansado.

Isso parecia quase uma ameaça.

— Esse é o plano.

Ele murmurou algo que soou como um adeus, e a linha desligou. Respirei fundo algumas vezes, tentando controlar minha pressão sanguínea, embora as batidas nas minhas têmporas me dissessem que era inútil. Eu mantive meu telefone na mão, joguei minha bolsa por cima do ombro e peguei o elevador até o estacionamento do porão. O calor e a umidade de Brisbane em fevereiro não eram particularmente agradáveis de fato, mas eu não me importei.

Eu tinha duas semanas de folga. Duas semanas inteiras.

Duas semanas por insistência da minha médica, mas mesmo assim umas férias.

Excesso de trabalho, excesso de estresse e durante a corrida de ratos, era isso que eu era. Eu tinha trinta e quatro anos e me dirigia para um ataque cardíaco maciço, ela avisou. — Você precisa de uma pausa e precisa de uma agora.

Tirei um tempo de férias, mas deixei de fora o impulso médico por trás dele. Gerard Soto não precisava saber que seu garoto de ouro estava começando a mostrar erros. Ou talvez fraturas por estresse seja uma descrição mais adequada.

Deslizei atrás do leme do carro, coloquei meu telefone no suporte e liguei o motor. Assim que saí do estacionamento e me afastei de camadas de concreto e aço, pressionei o Bluetooth. — Ligue para Jason.

O número dele chegou e ele tocou, tocou e tocou. Toquei em Desligar antes de passar para o correio de voz. Talvez ele estivesse preso no trabalho, na academia ou no chuveiro... Espero que ele já esteja pronto para sair e a caminho de minha casa.

Tentei-o novamente quando saí do elevador no meu apartamento e, novamente, sem resposta.

Ótimo.

Sorri para a minha mochila e tirei meu terno e, tomando um banho frio, deixei a água lavar o dia de merda. E enquanto vestia um short casual e uma camiseta, eu já estava no modo de férias.

O plano original era para eu pegar Jason antes de ir para o aeroporto de manhã, mas me perguntei se ele gostaria de ficar aqui

hoje à noite. Poderíamos pedir sua comida chinesa favorita, assistir a um filme, ir dormir cedo...

Se ele atendesse o maldito telefone.

Eu tentei novamente, ainda sem resposta. Meus planos para uma noite relaxante e fácil para dois se tornaram uma noite triste e solitária para um. Vasculhei minha cozinha para jantar. Eu não tinha pedido nenhum mantimento novo porque estava indo embora, e como não consegui pedir novos, então me acomodei com uma tigela de cereal muito deprimente para o jantar. Nada na TV despertou meu interesse e, depois de passar uma hora folheando os canais estúpidos, enviei uma mensagem para Jason.

Vou buscá-lo às 05:00. Esteja fora na frente. Precisa que eu lhe envie uma chamada de despertar?

Eu sorri quando apertei enviar. Ele nunca estava totalmente operacional a essa hora do dia.

Uma bolha apareceu, sinalizando que ele estava respondendo. Então desapareceu, depois reapareceu, depois desapareceu, e eu estava franzindo a testa para o meu telefone quando tocou. Era Jason, e eu sabia que não seria um bom telefonema.

— Ei — ele começou. — Hum.

— Apenas diga, Jason — eu disse, não me importando com o tom rude. Era uma loucura a facilidade com que eu podia entrar no modo profissional de tubarão. Todos os negócios e tolerância zero para besteiras.

Música tocava e as pessoas falavam em segundo plano. Então ele estava em algum lugar e não tinha absolutamente nenhuma intenção de vir comigo amanhã. Agora eu me perguntava se ele pretendia ir comigo em primeiro lugar.

— Bem, você vê — ele disse — eu não posso ir. Algo surgiu no trabalho e eu só descobri ontem. Eu tentei resolver o problema hoje para que eu pudesse fugir, mas você sabe como essas coisas acontecem.

O engraçado é que eu *sabia*. Trabalhamos no mesmo setor. Eu sabia exatamente como era. Eu também sabia exatamente como Jason operava. — Bem, espero que ele valha a pena.

Houve um som abafado seguido por seu silêncio, embora a música ainda tocasse. — Não é realmente assim.

— Entendi — eu disse friamente. — Da próxima vez que alguém lhe oferecer férias de duas semanas com todas as despesas pagas, tente avisá-lo para que ele possa substituí-lo. Porque você é substituível. Eu poderia ter perguntado a qualquer uma das minhas conexões casuais se eles queriam ir comigo. — Jason era normalmente divertido de se conviver e nos demos bem. Embora raramente passássemos mais de uma noite juntos a qualquer momento, e talvez duas semanas a sós em um veleiro seria um pouco demais, mas caramba, ele poderia ter dito não quando perguntei.

— Sim, me desculpe, mas é trabalho.

— Está bem. Eu te vejo por aí.

Não esperei pela resposta dele. Eu encerrei a ligação e joguei meu telefone na mesa de café. Foda-se, foda-se, foda-se.

Eu não estava ligando para alguém na minha lista de contatos para perguntar se algum deles poderia tirar duas semanas de folga do trabalho e, ah, a propósito, vamos sair às seis horas amanhã de manhã...

Porra.

Bem, isso acabou com o 'lote inteiro de sexo', sol, velejar, natação que eu havia planejado para as minhas férias.

Certo, então. Pensei em tirar as duas caixas de preservativos - porque qual era o sentido? — Mas decidi mantê-las. Com um pouco de sorte, quando entrarmos no porto em algumas das cidades turísticas, pode haver algumas boates. Eu considerei pesquisar um bar gay em Far North Queensland, mas eu tinha jogado meu telefone sobre a mesa de café e não conseguia me levantar.

Foda-se Jason por desistir e por estragar minhas férias antes mesmo de começar.

Foi acertado. Eu estava em um iate alugado por duas semanas em torno da Grande Barreira de Corais, no tropical North Queensland, sozinho. Só eu e o capitão. Se ele fosse um cara velho e duro que nunca calasse a boca, eu simplesmente me jogaria no mar. Ou se fosse uma mulher de meia idade que nunca calasse a boca, eu me jogaria no mar. Ou talvez fingir sofrer enjoo crônico e precisar voar para casa seria menos dramático. Pelo menos o capitão era

amigável ao LGBT - anunciava como tal -, então isso era uma preocupação a menos.

Mas droga. Eu estava saindo nestas férias e deitaria na porra do sol e relaxaria. Eu só esperava que o capitão do iate fosse uma pessoa legal, porque durante os próximos doze dias, vinte e quatro horas por dia, não seria nada além de nós e um oceano inteiro.

CAPÍTULO DOIS



FOSTER KNIGHT

Eu tinha suprimentos suficientes para durar com três pessoas por três dias, antes que precisássemos reabastecer em algum lugar no litoral. Este trabalho era de duas semanas para um casal. Quando as reservas chegavam, se os nomes dos casais indicavam que eram dois homens ou duas mulheres, a sede geralmente os reservava comigo.

Sendo gay, eu não me importava com os caras colocando isso na minha frente, e os casais de lésbicas geralmente preferiam minha

orientação. Menos ameaçador do que um cara hétero que pode querer participar da ação, imaginei.

Porque, quando estamos a quilômetros da costa, rodeados de água por dias, os clientes precisam estar confortáveis ao meu redor, e não apenas confiantes em minha capacidade de navegar, mas também em deixá-los em paz.

Meu iate tinha apenas 14 metros de comprimento. Havia três cabines e uma sala comum, cozinha e banheiro. Não havia muito espaço para se esconder, e eu conhecia meus clientes muito bem. Eu estava sempre animado para conhecer meus novos clientes e, geralmente, nos primeiros cinco minutos de conhecê-los, eu sabia o que eles precisavam que eu fosse. Se eles queriam um guia vocal da costa, um contador de histórias com um lado engraçado para fazê-los rir, ou se eles precisavam que eu fosse visto e não ouvido.

Então fiquei surpreso quando fiquei na entrada da marinha, esperando dois caras aparecerem, quando um único cara chegou, parecendo fora do lugar e como se estivesse procurando por alguém, e estava sozinho.

— Você está procurando Tropic Heat Tours? — Eu perguntei.

Ele parou, olhou para mim e olhou duas vezes. — Uh, sim. Eu acho que é isso.

— Stuart Jenner e Jason Hardgrave? Festa pra dois? — Eu perguntei, esperando esclarecer.

Ele sorriu e estendeu a mão. — Stuart Jenner. Agora uma festa para um. Tudo bem?

Oh um? — Sim, claro, isso está perfeitamente bem. — Peguei sua mochila e apertei sua mão. — Foster Knight. — Fiz um gesto para o cais e fomos em direção a ele. — Está tudo bem com seu amigo?

— A versão curta é que ele não está vindo — ele retrucou.

Certo então. Jesus. Seria uma semana interessante e mais do que provavelmente embaraçosa se esse cara fosse um idiota o tempo todo.

Ele suspirou e seus ombros caíram. — Desculpa. Tem sido um... Eu sinto muito. Ele decidiu me dizer ontem à noite que não viria.

Eu olhei para ele enquanto caminhávamos em direção ao final do cais. Ele usava bermuda cáqui e uma camisa azul clara de manga curta. Ele tinha cabelos castanhos, a parte de trás e laterais curtas, olhos castanhos escuros e um queixo que podia cortar vidro. Mas ele também tinha olheiras e parecia que não dormia há anos. Ele olhou de soslaio ao sol, e me lembrei que ele tinha terminado com o namorado na noite passada e estava acordado desde que Deus sabia quando. Ou talvez ele não tivesse dormido. — Tudo bem. Não é preciso pedir desculpas — eu disse, dando-lhe o meu melhor sorriso. — Como foi o seu voo até aqui? Você é de...

— Brisbane — ele respondeu. — O voo foi bom. Não agitado, o que é sempre bom. Posso lhe dizer que estou ansioso por estas férias? Como você não pode acreditar.

Eu parei de andar, e ele também. — Bem, espero que seja tudo o que você quer que seja.

— Sol, dormir, nadar, velejar, frutos do mar — respondeu ele. Jesus, ele realmente parecia exausto.

— Então você veio ao lugar certo. — Voltei-me para o meu orgulho e alegria. Minha casa — Essa é ela.

Meu iate era um Beneteau Oceanis 45. Ela era elegante e aerodinâmica, branca com janelas escuras e o convés traseiro era de ripas de madeira caiadas de branco. O nome, Cavaleiro Branco, estava pintado atrás, e o contorno abstrato do perfil de um cavaleiro terminava o desenho.

Todos assumiram que a referência dos Cavaleiros era o meu nome, e era, principalmente. Eu nunca me incomodei em explicar o jogo de palavras, não que alguém alguma vez perguntou.

— Casa pelos próximos doze dias — eu disse, subindo a bordo. — Vamos lá, eu vou te mostrar seus aposentos.

Ele me seguiu, observando meu iate. Seus olhos arregalados e seu sorriso me disseram que ele gostou do que viu. — Uau. As fotos não fazem justiça — ele disse enquanto descíamos as escadas para a cabine.

Fiz um gesto em direção à área de estar do salão, depois para a cozinha. — Geladeira e a despensa totalmente equipadas. Sirva-se de qualquer coisa a qualquer momento. Eu serei seu chef extraordinário. Você pré-selecionou seu menu, mas podemos alterá-lo um pouco, se desejar. Seremos apenas você e eu, então o que você quiser. Basta perguntar.

Ele assentiu devagar. — Suponho que você pediu comida suficiente para dois clientes. Me desculpe por isso.

Eu acenei para ele. — Não tem problema. Significa mais cerveja para você. — Ele claramente estava se sentindo muito triste, então eu sorri para ele. — Mais tudo para nós. Mas estamos programados para atracar em algumas marinhas na costa, por isso, se você quiser mais alguma coisa, deixe-me saber e eu a pegarei. Nada é um problema.

— Ok, obrigado — ele murmurou distraidamente, olhando ao redor do interior. — É lindo.

Eu amava a primeira impressão das pessoas. Nunca ficava velho. — Com certeza é. — Mostrei-lhe o banheiro e abri a porta da cabine principal na proa do barco. — Este é o seu quarto. Você tem seu próprio banheiro.

Ele enfiou a cabeça no quarto. — Este é o maior?

— Sim. Não é enorme, mas você está em um iate, não em um hotel. — Tentei manter meu tom leve, mas ele estava realmente chateado com o tamanho do quarto?

— Oh, não — Ele disse rapidamente. — Eu apenas presumi que você teria o quarto maior.

Oh.

— Cliente em primeiro lugar, certo? Eu tenho o quarto do lado de trás da porta — expliquei, apontando de volta para um dos dois quartos perto da escada. — Não preciso de muito. Prefiro que você se sinta confortável.

Ele entrou em sua cabine e colocou sua bolsa na cama. Ele observou o quarto inteiro e pareceu ceder um pouco. — Bem, isso é ótimo, obrigado.

— Por que você não se instala. Talvez até tire uma soneca. Vou nos levar para fora do porto, indo para o sul no início, e sempre é lento até chegarmos ao mar aberto.

— Indo devagar?

— Ah com certeza. Há um grande terminal de exportação de açúcar, uma base naval operacional, depósitos de polícia alfandegária e de águas, frota de pesca comercial, rampas e docas flutuantes, companhias de navegação, empresas de excursões de pesca e mergulho...

— Oh. — Ele riu. — Eu não sabia que era tão ocupado.

Eu sorri para ele. — Você está bem?

Ele sorriu de volta, cansado, mas a maneira como seus lábios se curvavam torto, dava ao rosto duro um tom mais suave. — Sim,

eu estou bem. Mas estou meio cansado — ele murmurou, brincando distraidamente com a alça da bolsa enquanto olhava para a cama.

— Então eu vou deixar você — eu respondi, fazendo exatamente isso. Voltei para o convés e liguei o motor. Ele ronronou com vida, puxei as linhas de doca e me afastei do cais, depois nos levei lentamente para fora da Marlin Marinha.

O porto estava ocupado, mas eu continuei, demorou um pouco para sair do porto. Eu amei essa parte do meu trabalho; só eu na cabine e nada mais que o céu azul e o oceano cor verde-água. Eu tinha viajado por todo o mundo, mas em nenhum outro lugar se comparava aos trópicos do Norte de Queensland, aos Whitsundays e ao recife de coral.

Mas o que eu realmente amava, como *realmente* amava, era quando eu podia içar as velas, ligar o motor e velejar.

Era onde meu coração estava. Sendo levado pelo vento à mercê da Mãe Natureza e aos elementos que ela comandava.

Eu amei o poder disso, desafiando sua força. Isso nunca ficaria velho. Nunca.

Eu tive o poder corporativo antes. Eu conhecia aquela pressa, esse vício. Aquele vácuo sugador de almas e destruidor de vidas. Mas isso era poder e liberdade, e essa era a maior pressa para mim. E nunca me sentia mais vivo.

Levei-nos para o sul, como disse que faria, apenas a meio passo, até o fundo da ilha de Fitzroy³, e mantive um ritmo constante ao longo da costa. Minha agenda não exigia mais pressa, e as únicas referências ao tempo em que eu observava esses dias eram o sol, a lua e a maré. Os únicos prazos que eu tinha que cumprir eram os meus. Se chegássemos à nossa primeira parada hoje ou amanhã não estaria aqui nem ali. Eu tinha quase duas semanas para mostrar a Stuart o Whitsundays.

E enquanto ele dormia lá embaixo, tive que me perguntar qual era a história dele. Ele chegou sozinho, e ficou bem claro que não foi sua escolha fazê-lo. Ele era um cara bonito. Eu não poderia negar isso. Eu só esperava que essas duas semanas juntos não fossem estranhas. Eu nunca tinha feito um a um antes. Eu não tinha ideia de quais eram suas expectativas ou suas intenções.

Mas ele estava exausto, eu pude ver isso. Assim, quando ficamos bem longe de outras embarcações e sem saber quanto tempo ele poderia tirar uma soneca, deixei-me ir, que era o idioma da vela para fazer uma pausa. Sentei-me ao leme, com um pé de lado, e me inclinei para trás, respirando profundamente nos pulmões o ar salgado e deixando os sons do oceano me banharem. Gaivotas soaram no alto e a água lambeu o casco. Era uma sinfonia por trás do silêncio, e eu podia ouvi-lo o dia todo.

³ A ilha Fitzroy é uma ilha continental pertencente ao estado de Queensland, na Austrália

Mas a manhã logo foi tarde e, ainda assim, Stuart não havia saído. Eu não tinha certeza se ele estava me evitando, ou talvez ele achasse o fato de que éramos apenas nós dois mais do que estranhos. Mas havia uma maneira certa de tirá-lo de sua cabine sem bater descaradamente.

Eu acendi a churrasqueira.

Enquanto o camarão cozinhava, piquei algumas mangas e abacate e acrescentei um pouco de molho com pimenta o suficiente para fazer seus lábios formigarem. E com certeza, no momento em que eu estava arrumando, a porta da cabine se abriu e um Stuart desbotado apareceu.

— Oh, momento perfeito — eu disse com um sorriso, entregando-lhe um prato.

Ele almoçou e franziu o rosto daquele jeito ainda meio adormecido e sacudiu-o. — Desculpa. Pensei em adormecer um pouco. Não quis adormecer assim.

— Está bem. — Eu entreguei a ele um garfo. — Você não perdeu muito. Eu diminuí a velocidade. Não queria passar por nada que você gostaria de ver.

Peguei duas garrafas de água da geladeira, coloquei-as debaixo do braço, peguei meu prato e subi as escadas para a cabine. Stuart me seguiu e, quando estava no topo, olhou em volta para a vastidão do oceano azul esverdeado para o lado de estibordo e para o lindo litoral florestal, e ele sorriu. — Uau.

Eu ri e me sentei ao leme, e ele se juntou a mim no banco comprido que media a largura da cabine. O sol estava brilhante e quente, o vento era um alívio fresco. — Não é uma visão ruim, hein?

— Você já se cansou disso?

— Nunca.

Ele sorriu e mordeu um camarão. — Meu Deus. Você acabou de cozinhar isso?

— Dois minutos atrás. — Tomei outro gole e sorri enquanto mastigava. A maioria das pessoas tinha a mesma reação.

— É incrível.

— São camarões frescos, capturados hoje de manhã, e a receita de molho tropical da minha tia. Leva três minutos.

Ele balançou o garfo no ar enquanto mastigava e engolia. — Bem, agradeça a sua tia por mim. Isso é divino.

Eu ri. — Eu vou. Ela ficará satisfeita.

Ele deu outra mordida e suspirou, fechando os olhos para o sol, e apenas aproveitou o calor e a brisa e repetiu isso até que seu prato estivesse vazio. Eu podia vê-lo relaxar uma fração a cada suspiro, a cada segundo que ele tomava para respirar.

— Dormiu bem?

— Tão bem — Ele respondeu sem abrir os olhos. Sua cabeça estava para trás, seu rosto se aquecendo ao sol, e isso me permitiu a oportunidade de estudá-lo sem ser notado. Sim, ele realmente era bonito. Seu queixo era um ângulo que eu poderia ter medido com um

esquadro. — Sério, aquela cama e o balanço do barco, e eu estava fora como uma luz.

Eu ri. — Sim, não é ruim.

Ele abriu um olho. — Então você navega pelos trópicos para viver e pode cozinhar como um chef, e as pessoas pagam uma pequena fortuna. Você tem o melhor emprego do mundo?

Eu sorri para ele. — Acho que sim. Outros podem discordar.

Ele fechou os olhos e sorriu. — Outros estariam errados.

— Aqui, deixe-me pegar seu prato — eu disse, levantando-me. Ele olhou para mim por tempo suficiente para entregá-lo, mas logo fechou os olhos novamente.

— Não sei se é melhor aproveitar o sol ou apreciar a vista — ele murmurou.

— Ambos geralmente funcionam — eu ofereci, desaparecendo no convés. Levei apenas um minuto para carregar tudo na máquina de lavar louça, e quando voltei ao convés, ele não se mexeu. Suas pernas estavam estendidas, cruzadas nos tornozelos, os braços apoiados no encosto, os olhos ainda fechados. Ele certamente não era difícil de olhar, e parecia muito mais agradável agora que descansara um pouco. Talvez até amigável. Aquele sorriso torto parecia bom nele.

Sentei-me atrás do leme ao lado dele e ele lentamente abriu os olhos. — O que está na agenda para esta tarde?

— Muito do mesmo, se estiver tudo bem.

— Muito bem.

— Há uma enseada com uma pequena praia a alguns quilômetros de distância, geralmente isolada. Podemos ancorar lá e nadar, se você quiser.

— Parece perfeito para mim.

— Bem, eu estou completamente à sua disposição — acrescentei. — Eu nunca fiz um trabalho individual antes.

Ele encontrou meu olhar e não desviou o olhar. — Isso te deixa desconfortável?

Ele claramente tinha nervos de aço para olhar alguém nos olhos e fazer perguntas que poderiam tornar as coisas estranhas. Tive a sensação de que ele usava a mesma tática para ganhar vantagem em salas de reuniões ou reuniões de negócios. Eu costumava fazer a mesma coisa. Eu olhei de volta para ele, um sorriso puxando meus lábios. — De modo nenhum. Desculpe seu namorado ter desistido.

Ele não desviou o olhar. — Ele não era meu namorado. Apenas um conhecido ocasional, se você entender meu significado. — Ele suspirou dramaticamente. — Aparentemente, eu pagar para que ele se juntasse a mim em um cruzeiro de duas semanas com todo o sol, surf e sexo que ele conseguisse lidar estava cruzando uma linha.

Eu soltei uma risada. Ok, talvez a cara de jogo dele fosse melhor que a minha. — Parece uma linda mulher⁴. Ele também era um prostituto?

Ele bufou. — Não, apenas um cara que...

— Você tinha um acordo de cavalheiro?

— Certo. Vamos com isso.

Eu ri e ele sorriu. Eu não tinha certeza do que fazer com ele por quase duas semanas, mas então eu tive uma ideia. — Porque somos apenas nós, quer que eu lhe mostre como navegar?

Seus olhos dispararam para os meus, arregalados e cheios de faísca. — Sério?

— Por que não. — Dei de ombros. — Mas não se preocupe, eu não vou colocá-lo para trabalhar ou qualquer coisa. Apenas o básico. Não posso preencher o seu tempo como seu amigo, mas posso tentar.

⁴ É um filme de comédia romântica americano de 1990, ambientado em Los Angeles estrelado por Richard Gere e Julia Roberts. A história de *Pretty Woman* se concentra na prostituta de Hollywood e de pouca sorte Vivian Ward que é contratada por um rico empresário, Edward Lewis, para ser sua acompanhante para várias funções empresariais e sociais, e sua relação se desenvolve ao longo da estadia de uma semana de Vivian com ele.

CAPÍTULO TRÊS

STUART

Como a conversa entre nós flertou em torno do sexo, eu nunca vou saber. Foster era sexy como o inferno - o sol havia beijado sua pele, descorado as pontas dos cabelos. Cabelos bronzeados e cor de areia, olhos azuis como o céu acima de nós. Ele tinha uma voz profunda, uma risada calorosa e mãos que pareciam fortes. Ele estava descalço, usava shorts cargo bege e uma camisa azul com o logotipo Tropic Heat. Ele parecia tão elegante e polido quanto seu iate de luxo, mas tão livre e selvagem quanto a costa em que trabalhava.

Foi uma combinação interessante. Como eu disse, uma combinação sexy como o inferno.

Eu me perguntei como seriam esses doze dias, só eu e o capitão, e temi que pudesse ser estranho. Mas, pelo que pude dizer, considerando que haviam passado apenas algumas horas, achei que poderíamos nos dar bem.

Eu não tinha percebido que poderia querer aprender uma coisa sobre velejar até que ele mencionou. Mas foi como um desafio, e se havia algo garantido para me interessar, era aprender coisas novas e desafiadoras. Ele me mostrou a lança, a vela principal, a vela de proa

ou a lança, a cobertura da vela, as linhas e o cordame. — Linhas? Elas não são apenas cordas?

Ele riu. — Não. Termos náuticos são diferentes. Você quer o motivo técnico pelo qual não é chamado de corda ou realmente não se importa?

— Termo técnico.

Ele inclinou a cabeça um pouco. Eu acho que ele gostou da minha resposta direta. — As cordas são do que as linhas são feitas, e uma corda enrolada não é atribuída a um trabalho específico. É apenas corda. Mas as linhas têm um propósito específico. Linha de ancoragem ou doca. E a linha designada para puxar a vela principal, ou a principal como a chamamos, é chamada de adriça.

— Termos náuticos são confusos. Como lado do porto e popa. Quero dizer, quem inventou essa merda?

Ele riu. — Acho que aconteceu na Idade Média quando os marinheiros de todo o mundo precisavam de um idioma comum.

Eu quase bufei. — Verdade. Acho que não pensei assim.

Ele deu a volta no iate como se estivesse em terra firme, familiarizado com cada centímetro dele. E onde eu estava um pouco instável e incerto, ele se moveu com ele, fluido e gentil, como se fosse uma extensão do iate, do oceano.

Ele me mostrou o GPS, como funcionavam os lemes duplos, como ligar o motor, como ancorar. — Tudo é elétrico neste iate —

explicou. — Pelo preço dele, assim deve ser — Ele sorriu quando disse isso.

— Eu odiaria pensar quanto custa esse iate — pensei.

— Bem, é minha casa e escritório — acrescentou, passando a mão pela borda branca da cabine. Quero dizer, alojamento mister. Deus. Eu nunca aprenderia a terminologia.

— Sua casa?

— Certo. Eu moro a bordo.

Eu olhei para ele. — Isso é tudo que você possui? Sem casa, sem outros pertences?

Minhas perguntas francas não o ofenderam. Ele apenas sorriu mais. — Isso é tudo que eu preciso. Acredite, tive apartamentos, carros, ternos caros, todos os aparelhos de alta tecnologia disponíveis. Fiquei feliz em deixar para trás.

Eu virei suas palavras na minha cabeça. *Fiquei feliz em deixá-lo para trás.* Deus, se ao menos. — Uau.

Ele me olhou por um longo tempo antes de me dar um sorriso simpático. — Que tal nadar?

Soltei um suspiro lento. — Soa muito bem.

— Acha que você pode içar a matriz?

— Sozinho? Você perdeu a cabeça?

Ele riu da minha expressão. — Vamos lá, eu faço. Você assiste para a próxima vez.

Ele conseguiu com tanto esforço quanto respirar, falando quando ele o fez. — Quando eu era criança, tive que trabalhar as linhas e as velas manualmente. Agora, basta pressionar um botão para a maioria deles. Eu posso gerenciar as velas da cabine. Uma necessidade, considerando que estou fazendo tudo sozinho.

Eu assisti tudo o que ele fez. — Você sempre navegou? Mesmo quando criança?

— Meu pai saiu de Rushcutters.

— Sydney?

Ele assentiu. — Nascido e criado.

— Há quanto tempo você faz isso?

— Seis anos. — Ele me deu um sorriso vencedor enquanto apertava a corda... linha... adriça. Tanto faz. E logo, a vela estava subindo na brisa, e começamos a nos mover. — Você está pronto para isso? — Ele perguntou, movendo-se rapidamente, habilmente, de volta ao assento que abrangia a largura do barco e pegou um dos lemes.

Subi para me juntar a ele com o que parecia toda a graça de um elefante para sua gazela. — Aqui, pegue o leme — disse ele.

— Merda. — Eu fiz o que ele pediu. A roda em si era enorme e elegante, envolvida com couro fino, para que não ficasse escorregadia.

— Relaxe. É como dirigir um carro. Mais ou menos. — Então ele me lançou um olhar. — Você pode dirigir um carro, certo?

Eu ri disso. — Sim, claro.

E ele estava certo. Depois que relaxei um pouco, comecei a realmente gostar. O vento, a velocidade de cruzeiro. Ele me ajudou a navegar um pouco - porque não era como dirigir um carro - e logo, contornamos um promontório e encontramos a pequena praia particular que ele mencionou anteriormente. — Oh, uau — murmurei.

Era impressionante. Absolutamente deslumbrante. A areia mais branca, água azul esverdeada, palmeiras e uma floresta tropical.

Ele passou por mim, subiu no convés para verificar alguma coisa, depois voltou para a cabine e recolheu a vela grande em pouco tempo. Ele fez tudo parecer tão fácil. Então ele voltou e me bateu no joelho. — Mexa-se, dê um pouco de espaço.

Deslizei para o canto e ele se sentou ao meu lado, guiando o barco enquanto flutuávamos na entrada sem problemas. Quando ele encontrou um lugar que considerou perfeito, ele me deixou ancorar. O que era pressionar um botão, mas ainda assim. Eu tive que ancorar.

Eu estava sorrindo como uma criança em uma loja de pirulitos, e ele riu quando olhou para mim. — É muito legal, sim?

— É incrível. — Eu apreciei a paisagem, 360 graus de perfeição tropical. — Eu preciso de palavras melhores do que uau e incrível.

Ele riu. — Você arrumou seu equipamento de natação?

— Ah, claro.

Fui para o meu quarto, trocar para nadar e lembrei que só tinha levado um par de sungas brancas. Eu pensei que estaria tomando sol com Jason, e ele sempre apreciou minha bunda no mínimo. Agora eu me arrependi de não ter empacotado bermudas. Peguei tudo o que tinha guardado e não tinha nada além de shorts e calções de golfe. Eu não poderia usá-los nadando.

Porra.

Com um suspiro todo-poderoso, mudei para a sunga, ajustei meu pau, peguei uma toalha, enrolei-a na cintura e voltei para a cabine. Foster estava ajustando algo na parte de trás do barco.

— Você certo? — Ele perguntou, o que eu tomei de que era o jeito dele de perguntar se estava tudo bem.

— Sim. Tudo bem.

Ele me deu um sorriso e voltou aos negócios. — Ok, há algumas coisas que preciso mostrar para você. É importante.

Seu tom era sério, então imaginei que fosse uma questão de segurança. E eu estava certo. — Você precisa garantir que a escada esteja abaixada antes de mergulhar. Não posso enfatizar isso o suficiente.

— Eu vi esse filme — admiti — onde todos entraram e a escada não desceu. Eles não puderam voltar e se afogaram.

Ele assentiu. — História real. Normalmente, existem mais do que apenas duas pessoas, e eu fico a bordo enquanto elas nadam e depois mergulham rapidamente, depois voltam em segurança.

Mais uma vez, ele mencionou que éramos apenas nós dois. — Sim, desculpe-me. Ele não me deu aviso prévio.

— Não, está bem. Isso não me incomoda. Só precisamos nos ajustar, só isso. — Ele olhou para o céu e o oceano ao nosso redor. — As condições são perfeitas. Não temos preocupações. Eu só tenho que lhe dar um resumo, por lei.

— Sim, é justo. Eu agradeço.

Ele sorriu finalmente. — Agora, protetor solar?

— Oh. — Era bastante óbvio que eu não tinha pensado nisso. — Eu arrumei algum. Só não o coloquei ainda.

— Eu tenho alguns. — Ele limpou a garganta e fez uma careta. — Precisa hum... precisa de mim para ajudar com isso? — Ele levantou o assento no cabine e pegou uma garrafa de SPF 50. — Sendo de Brisbane, você está acostumado ao sol, mas já tive pessoas de outras partes do mundo que se assemelhavam a lagostas depois do primeiro dia.

— Eu posso imaginar. — Eu olhei para o protetor solar que ele estava segurando e preendi a respiração que eu queria suspirar. — Se você pudesse me ajudar nas costas, seria ótimo. — Eu me virei e ouvi o estalo da tampa, e então suas mãos fortes e quentes estavam

nos meus ombros. O creme estava frio, mas ele o esfregou, apertando meus ombros um pouco.

— Você está rígido como o inferno.

Eu bufei. — Você não é o primeiro homem a me dizer isso.

Suas mãos pararam e sua voz era mais baixa. — Oh. Eu quis dizer nos ombros.

Eu atirei um sorriso por cima do ombro para ele. — Sim, eu sabia disso. Eu simplesmente não conseguia deixar essa piada suspensa.

Ele terminou de esfregar o protetor solar, usando mãos firmes e golpes fortes. Eu tinha que admitir, gostei do seu toque.

— Você malha — disse ele. Era uma afirmação, não uma pergunta. Sua voz estava rouca? Ou era minha imaginação?

— Sim. Ajuda com o estresse.

Ele apertou meus ombros novamente. — Não parece estar funcionando muito bem

Eu deixei minha cabeça recuar quando ele enfiou os polegares. — Sim. É um trabalho em progresso. E de qualquer maneira, é para isso que estou aqui. Para relaxar e desestressar.

— Então você veio ao lugar certo — disse ele, afastando as mãos.

Eu me virei para encará-lo, agradecido que a toalha estivesse atada na minha frente, me dando um pequeno espaço para esconder

qualquer apreciação que pudesse estar mostrando na minha sunga.

— Precisa que eu devolva o favor?

Ele se virou rapidamente e tirou a camisa. — Certo.

Os ombros eram largos, os braços bem musculosos, a cintura fina. Passei protetor solar nas costas dele e comecei a trabalhar. — Você não é nada rígido.

Agora foi ele quem bufou. — Não posso dizer que já me disseram isso.

Eu ri disso. — Eu espero que não.

Ele revirou os ombros. — Não tenho um dia estressante há seis anos.

Então eu corri meus dedos pelas clavículas e pelos bíceps dele, esfregando um pouco de protetor solar lá. Realmente não precisava tocá-lo lá, mas eu tinha uma boa desculpa. Ele estava firme sob minhas mãos, sua pele bronzeada e bonita, e eu desejava ver a frente. — Sortudo. Parece que foi a melhor coisa que você já fez.

— Realmente foi. — Ele se virou para mim e eu não fiquei desapontado com seu peito. Oh não... não estou decepcionado. Bronzeado, com a quantidade perfeita de pelos no peito, mais escuro que o loiro escuro. Ele não tinha exatamente um pacote de seis, mas estava definitivamente bem definido por toda parte.

Esse pensamento me fez tremer.

Felizmente, ele não percebeu. Ele estava muito ocupado esguichando protetor solar em sua mão, e então ele me entregou

antes de passar a esfregar sobre o peito e o estômago, os braços, e finalmente o rosto. E eu ainda estava preso olhando para ele. Ele era lindo.

Merda.

Por que eu tinha que usar uma sunga minúscula e branca?

Precisando da distração, ocupei-me em passar protetor solar e, quando terminei, não aguentei mais. Fui até a parte de trás do iate, deixei cair a toalha e mergulhei na água cristalina.

Gostaria de saber se ele me viu soltar a toalha. Parte de mim esperava que ele tivesse.

Provavelmente foi ridículo. E totalmente fútil. Mesmo se ele estivesse interessado em homens, ele provavelmente teria alguma política da empresa sobre confraternizar com clientes pagantes. Bem como eu tinha; nunca se envolva pessoalmente com os clientes. Era uma boa ética de trabalho, e se eu vivesse com ela, certamente não poderia culpar Foster por fazer o mesmo.

Mas caramba, ele era gostoso. E éramos apenas nós dois...

Jesus, Stuart. Recomponha-se.

Eu quebrei a superfície e deixei o ar salgado encher meus pulmões. A água era gloriosa e um alívio bem-vindo ao calor e à umidade do verão tropical. Eu podia ver a areia branca no fundo, apenas alguns metros abaixo. Estávamos perto o suficiente da costa para poder nadar até a praia. Eram talvez cinquenta metros. Fiz dez vezes isso para terminar minhas sessões de ginástica... E então eu

pensei que era uma ótima ideia. Então, parti em um ritmo calmo, com bons movimentos longos, e mantive minha respiração até que eu pudesse me levantar.

Fiquei com água até cintura e me virei para encarar o iate. E uau, se não parecia glorioso contra o pano de fundo. Com certeza era um barco bonito. Foster ficou de pé e acenou, e eu pude ver o sorriso em seu rosto de onde eu estava. Acenei de volta e comecei a flutuar de costas por um momento ou dois. Não havia ondas. A entrada estava protegida e eu podia flutuar facilmente.

Parecia incrível.

Sendo imerso em água fria, o sol quente na minha frente, o silêncio, a sensação de ser suprimido. Não havia estresse aqui. Sem prazos loucos, sem gritos de chefe, sem clientes reclamando, ou pior, chorando. Não havia colegas de trabalho tentando se convencer nos banheiros, nem assistentes olhando nervosamente pelos escritórios.

Nada além do som do meu próprio batimento cardíaco em meus ouvidos e o som da água batendo na minha pele.

Foi exatamente o que o médico ordenou.

Levantei-me novamente e subi a praia. Era completamente privada, não havia outra alma por quilômetros, com exceção de Foster, mas até ele estava me dando espaço. Subi na areia mais branca que eu já vi, sedosa e quente sob o sol, e coloquei minha mão em uma das muitas palmeiras. Era áspera e quente, e a madeira era incrível.

Eu sempre amei a textura de objetos diferentes, coisas obscuras, e isso foi perfeito. Tudo parecia incrível. Parecia diferente aqui. Como férias deveriam ser.

Claro, fiquei decepcionado por Jason ter optado por não participar, mas não podia mudar isso agora e, de qualquer forma, gostei de Foster. E eu tinha certeza de que ele não estaria compartilhando histórias comigo nem me ensinando o básico de velejar se Jason estivesse aqui. Ele não teria se oferecido para esfregar protetor solar nas minhas costas, isso era certo.

Certamente um pouco de paquera de férias era permitido. Não precisava levar a lugar algum, mas um sorriso sexy, uma risada e uma conversa real às vezes eram tão terapêuticas quanto o sexo. Especialmente sexo que não significava nada.

Eu não estava cansado de conexões de uma noite. Eu estava?

Não que isso realmente importasse. Eu não tinha escolha. Meu trabalho era um compromisso tão grande que não tinha tempo para ninguém. Não seria justo com ele. Não, minha carreira era o número um, e conexões casuais eram tudo que eu precisava.

Eu andei um pouco pela praia, imaginando se esfregar protetor solar era tudo o que Foster estava interessado. Suas mãos estavam tão boas em mim que eu certamente não me importaria com o toque dele em outras partes do meu corpo. Isso tornaria as coisas estranhas entre nós se eu perguntasse? E se ele dissesse não?

E se ele dissesse sim?

Jesus. Ele poderia estar feliz por tudo que eu sabia.

Eu olhei de volta para o iate. Foster não estava no convés, nem na cabine, nem na água, então presumi que ele estivesse na cabine. Eu não me importei. Eu me sentia a um milhão de milhas de distância de tudo, mas de alguma maneira Foster sabia o meu paradeiro a cada segundo. Então, continuei andando em ritmo lento e, quando voltei para a praia, Foster estava sentado na parte de trás do iate, com os pés na água. Ele agora estava de bermuda e me deu um aceno e eu pude ver seu sorriso.

Eu achava que o havia deixado sozinho o suficiente ou o preocupado o suficiente com o que diabos eu estava fazendo, então voltei e comecei a nadar devagar e lentamente para o iate. Eu fiquei a alguns metros dele na água, absorvendo sua forma sexy e sem camisa. — Entrando? — Eu perguntei a ele.

— Talvez.

— É divino.

Ele me deu um sorriso abafado e chutou os pés na água, mas recostou-se nas mãos e olhou para mim como se estivesse tentando decidir. Era um olhar curioso, então ele mordeu o lábio inferior, como se estivesse pensando se cruzaria uma linha ou não.

Oh sim. Reconhecia um conflito de interesses quando o via.

Talvez ele estivesse lendo meus sinais mistos. Talvez ele estivesse conferindo-lhes. Talvez ele tivesse dormido com todos os

clientes que embarcaram no seu iate; talvez ele estivesse se perguntando como oferecer seus serviços especiais para mim.

Talvez eu devesse facilitar muito para ele. Talvez eu devesse colocar minhas cartas na mesa, fazê-lo fazer o mesmo e ver qual de nós tinha o ás.

Nadei até o iate, peguei a escada com as duas mãos e me levantei para fora da água, passo a passo lento. Ele assistiu todos os movimentos e soltou um suspiro lento quando me sentei ao lado dele. Talvez a sunga branca não fosse uma ideia tão ruim, afinal, porque ele observou todas as partes de mim.

Eu poderia ter feito um pequeno show batendo minha toalha no meu corpo, que ele tentou não assistir, mas falhou, e eu sorri quando ele lambeu o lábio inferior.

— Você deveria mergulhar totalmente — eu disse, significando cada grama de duplo sentido que eu poderia carregar em apenas quatro palavras. — Vale a pena.

Ele pigarreou e olhou de volta para a praia antes de passar a mão pelos cabelos. — Você provavelmente está certo — respondeu ele, levantando-se e mergulhando antes que eu pudesse dizer outra palavra.

Eu era muito bom em ler pessoas. Foi o que me fez brilhante no meu trabalho. E eu tinha certeza de que estava lendo direito. Sim, a sunga branca não fora um erro, afinal.

CAPÍTULO QUATRO

FOSTER

Sunga branca. Sunga branca minúscula. Por que ele tinha que usá-la, de todas as coisas? Eu não ligo para quantos forros ela tinha, aquela sunga branca apertada quase não escondia nada. E como se ela não tivesse revelado o suficiente quando seca, mas molhada? Eu pude ver tudo. Toda linha, toda veia, toda coisa.

Ele era sem cortes, quase sem pelos. Suas bolas estavam firmes, seu pênis apertado para a esquerda.

Como eu deveria passar por duas semanas disso? Eu mal consegui um dia.

Sungas brancas eram minhas favoritas. Pequenas sungas brancas davam água na boca e meu pau percebeu. Como se não tivesse notado já.

Eu gostei da maneira como ele escutou quando eu o ensinei sobre o iate, a maneira como ele fez perguntas, a forma como uma linha de concentração se formou entre as sobrancelhas, como ele mordia o lábio inferior. Gostei de como ele usou as mãos; ele gostava de tocar em tudo. A fibra de vidro lisa da cabine, a sensação das ripas de madeira na cabine, os cabos e cordas entrelaçados nas linhas. Ele

gostava de tocar, isso era bem claro. Sentir, conciliar a textura com a palavra, o objeto.

Ele era tátil.

Eu gostei bastante daquilo.

Ele cuidava do seu corpo. Ele estava aqui para cuidar de sua mente. E eu tive que me lembrar que ele era um cliente. A última coisa que eu precisava era de um processo por assédio sexual se eu tentasse e ele me rejeitasse.

Apesar do olhar em seus olhos.

Apesar de seu jogo de palavras.

Apesar da exibição flagrante de seu corpo.

Apesar da sua sunga branca.

Sua minúscula sunga branca.

Jesus.

Eu precisava mergulhar na água para limpar minha cabeça e esperar que a água fria limpasse minha libido. Isso não ia acabar bem. Como diabos eu deveria sobreviver nas próximas duas semanas com ele, apenas nós dois? Não havia para onde fugir, exceto mergulhar no oceano para colocar alguma distância entre nós. Eu não esperava a intimidade de haver apenas nós dois. Não havia mais ninguém para amortecer a conversa, para absorver nossa atenção. Eu teria que ligar a TV e fingir que precisava cuidar das coisas abaixo do convés. Inferno, se meu pau não se acalmasse, eu teria que me trancar no meu quarto.

Fiquei perto do iate e fingi que estava fazendo uma verificação do casco enquanto tinha a chance, e quando levei minha bunda de volta a bordo, Stuart estava deitado de costas no convés, aproveitando o sol. Pelo menos ele estava com a toalha na cintura.

Graças a Deus.

Sequei, fingindo não o notar. Então ele levantou uma perna, dobrando-a no joelho, e sua toalha se abriu para revelar a roupa de banho branca em seu quadril.

Provocação.

— Refrescante, sim? — Ele disse, seus olhos ainda fechados.

Oh sim.

— Muito.

— Eu talvez nunca queira ir embora — ele murmurou. Então ele retirou a toalha completamente, revelando sua protuberância. Ele abriu os olhos, apenas para me ver observá-lo. Então ele rolou lentamente, levantou os quadris e reajustou o pau, depois se abaixou e abriu as pernas.

Droga.

Ele suspirou, e meu olhar disparou para o rosto dele. Ele sorriu quando fechou os olhos. — Você se importaria de me passar o protetor solar de novo? — Ele perguntou.

Porra.

Como se ele pudesse sentir minha hesitação, mesmo com os olhos fechados, ele acrescentou: — Eu odiaria me queimar.

Eu fiquei paralisado por uma fração de segundo, tão diferente de mim. Foi uma péssima ideia, mas não podia admitir muito bem o porquê sem me entregar. Coloquei o creme em seus ombros e comecei a esfregá-lo. Ele revirou os ombros e esticou o pescoço enquanto eu fazia minha parte. Se ele estava jogando ou se ele era realmente tão reativo ao toque, eu só podia adivinhar. Mas a ideia levou a minha mente a lugares que não deveriam ir. Enquanto eu queria ficar, esfregar mais forte - inferno, eu queria montar em suas coxas e fazer uma massagem que ele nunca esqueceria - lembrei-me do meu trabalho e ignorando meu pau endurecido, terminei rapidamente. — Feito. — Limpei minhas mãos na minha toalha. — Eu vou fazer um lanche para você — eu disse, rapidamente dando os passos para dentro da cabine.

Inclinei-me contra os armários da cozinha e respirei fundo. *Esqueça, Foster. Apenas faça seu maldito trabalho.*

Recoloquei a toalha em volta da minha cintura, colocando meu pau em submissão no processo, depois lavei minhas mãos completamente antes de pegar um pouco de queijo, frutas e biscoitos. Imaginei que depois de nadar e caminhar na praia e agora relaxando ao sol, ele teria despertado o apetite, então peguei uma garrafa de cerveja para ele também.

Levei-os de volta para cima para encontrá-lo ainda deitado de bruços, a cabeça virada, os olhos fechados. Eu me permiti um

segundo para assumir sua forma. Bronzeado, em forma e sunga branca.

Aquela maldita sunga branca.

Ele abriu os olhos, e um sorriso de conhecedor puxou seus lábios.

Porra.

— O chá da tarde está servido — eu disse como se não tivesse sido pego olhando para ele.

Ele rolou de lado, gemendo quando se sentou. — Oh, nadar e sol são como um sedativo. — Ele desceu para sentar no banco comprido. Ele segurou a toalha e, sem tentar se cobrir, colocou-a sobre a coxa. Seu pau estava meio duro e encheu sua sunga deliciosamente.

Deus, eu estava com problemas. Ele nem estava a bordo um dia.

Ele parecia gostar de estar em exibição para mim. Provocando-me, tentando-me. Havia uma ligeira curvatura em seus lábios, ousadia em seus olhos. Ele comeu um pouco de queijo, depois um morango e um melão, gemendo. — Isso é tão bom.

Entreguei a cerveja dele. — Para você.

Ele pegou. — Você não quer uma também?

— Eu não bebo quando tenho clientes a bordo.

— Oh, certo. Eu continuo esquecendo que este é o seu trabalho real, não apenas umas férias do sonho.

Eu ri. — Às vezes eu esqueço também. — Havia mais verdade nisso do que eu queria admitir. Como dez minutos atrás, quando eu estava imaginando montá-lo. Um cliente. Sim, às vezes esquecia que esse era meu trabalho de verdade. Melhor voltar para águas mais seguras, então redirecionei a conversa. — É fácil esquecer quando seu escritório é assim — eu disse, gesticulando para todo o horizonte.

— Alguém já quis deserdar? — Ele perguntou, chupando um morango. — Fugir de suas vidas e fazer o que você faz?

Eu ignorei o suco de morango que se acumulava em seus lábios e coloquei um pouco de queijo em um biscoito. Dei de ombros. — Todos eles falam sobre isso, mas ninguém nunca fez. É apenas um sonho para eles.

Ele suspirou. — Bem, parece surreal. Você tem que admitir.

— O que? Tendo o suficiente da corrida dos ratos, gastando todas as suas economias em um iate e navegando para o pôr do sol? — Eu ri. — Surreal, sim. Não é impossível.

Ele tomou um gole de cerveja e olhou para a água. — Alguns dias, eu poderia facilmente ir embora.

— Então por que você não vai?

Seu olhar disparou para o meu. — Eu não sei. Medo do desconhecido. Medo de ser esquecido, substituído. Falta de segurança financeira. — Um sorriso triste apareceu em seus lábios. — Não é tão fácil.

Eu segurei seu olhar intenso. — É exatamente assim tão fácil.

— Você acabou por ir embora?

Eu assenti. — Sim. Lá estava eu, ralando, literalmente me matando por um chefe que, se eu tivesse realmente caído morto, teria me substituído por oito na manhã seguinte. E isso me atingiu como um raio. — Eu ri da lembrança. — Eu estava no meio de uma reunião. Contrato enorme, negócios multimilionários, clientes internacionais, o negócio de uma carreira, e eu percebi que era apenas uma engrenagem na máquina. Eu era substituível, intercambiável, dispensável em todos os aspectos. Eu sacrifiquei tudo por pessoas que não davam a mínima, e isso me atingiu bem no meio da reunião.

Stuart estava me olhando, intrigado. — O que você fez?

— Levantei-me e saí.

— Bem desse jeito?

Eu sorri para ele. — Bem desse jeito.

Ele soltou um suspiro, depois tomou um gole de cerveja. — Eu não poderia fazer isso. Tenho certeza de que meu chefe me seguiria. Ele parece pensar que é dono da minha alma.

Eu bufei. — Todos eles fazem. Inferno, eu era o mesmo. Eu costumava mastigar as pessoas e cuspi-las. E para quê? Para fazê-los infelizes? Para quebrá-los? — Suspirei e balancei minha cabeça tristemente. — Muitas vezes me pergunto o que aconteceu com eles.

Stuart me estudou por um segundo, depois me entregou sua cerveja. Eu ia dizer não, mas pensei, foda-se. Agarrei-a, dei um longo gole e devolvi a ele. — Obrigado.

Ele sorriu. — Você parece comigo. É o que faço para viver. Mastigar as pessoas e cuspi-las. Eu também sou bom nisso. É por isso que meu chefe é meu dono. Bem, isso e porque quando eu ameacei sair, ele me ofereceu uma porrada de dinheiro para ficar. Então, talvez ele tenha comprado minha alma. Alguns dias, acho que ele fez.

— Qual é o seu campo? — Eu perguntei.

— Banco de investimento — ele admitiu. — Mercado global e de capitais.

Bem, eu vou ser amaldiçoado. — Fusões e aquisições, banco corporativo, tesouraria, dívida e patrimônio...

Seu olhar disparou para o meu. — Você sabe disso?

Eu dei a ele um meio sorriso. — Eu sei tudo o que há para saber sobre banco de investimento.

Ele olhou para mim. — Isso é... é disso que você se afastou?

Eu assenti. — Sim. Analista sênior da EconAsia.

— Econ... — Ele murmurou, os olhos arregalados em descrença. — O maior banco corporativo do mundo. A ponte financeira entre a China e... — Suas palavras sumiram e ele olhou para mim.

— O resto do mundo? — Eu terminei por ele. — Sim. *Aquela* EconAsia.

Ele continuou a me encarar por um tempo, com total descrença. — Você... analista sênior...

Eu ri da reação dele. — Analista sênior da EconAsia, sim. Comprei e vendi companhias de seguros, bancos e instituições financeiras em todo o mundo. Inferno, influenciei o mercado comercial e a economia de pequenos países, decidindo quais empresas comprar e quais esmagar, quais famílias mantinham suas casas e quais não. Você vem me falar sobre vender sua alma.

Algo brilhou em seus olhos. Reconhecimento, talvez. Tristeza. Compreensão. Ele sussurrou: — E você foi embora.

Eu segurei seu olhar e assenti. — A melhor coisa que eu já fiz.

Stuart engoliu em seco e recostou-se, puxando a toalha sobre a virilha. Ele olhou para o oceano, a cerveja na mão esquecida. Eu obviamente o incomodei. Ou dei a ele algo para pensar, pelo menos. — Eu vou começar a preparar o jantar — eu disse e o deixei com seus pensamentos.

Não fazia muito tempo do lanche, mas eu precisava de alguma distância e achei que ele também. Fiz uma salada para nós, cozinhei algumas batatas e estava temperando o bife quando Stuart voltou. Ele colocou sua garrafa de cerveja vazia na lixeira e se encostou na pia ao meu lado. — Qualquer coisa que eu possa fazer?

Peguei uma cerveja fresca para ele e ele aceitou com um sorriso agradecido. — Você pode sentar e relaxar. Podemos jantar quando quiser. Eu pensei que poderíamos ficar aqui na enseada hoje à noite. É um local seguro e já ancoramos. A menos que você queira ir mais longe?

Ele sentou no sofá embutido e esticou as pernas. Ele parecia um pouco beijado pelo sol e ainda mais relaxado do que há poucas horas atrás. — Vou deixar em suas mãos muito capazes.

— Você pode nadar antes do café da manhã, se quiser. Então podemos navegar para o leste, para o recife de Sudbury.

— Parece bom.

— Não sei quais são mais espetaculares aqui; nascer do sol ou pôr do sol. Você terá que ver os dois e me dizer qual prefere.

— Podemos jantar na cabine? — Ele parecia meio esperançoso.

Normalmente, eu preferia comer refeições de verdade na mesa da cabine. Lanches estavam bem lá em cima, mas éramos apenas nós dois. — Certo.

Ele me observou por um tempo. — Não precisa de mim para ajudar?

Eu sorri para ele. — Não. A chave para ser capitão e chef é manter as refeições simples. Salada simples de beterraba e rúcula, batatas cozidas e bife. Demora dez minutos.

— Você tem uma arte.

Eu cutuquei uma batata para ver se estava cozida. — A verdadeira chave é saber o que cozinhar com as condições externas. Se estivesse agitado e tempestuoso, eu não estaria fervendo batatas.

— Quais são as piores condições que você já encontrou?

— Quando o ciclone atingiu três anos atrás, eu tive aviso suficiente para ir para o sul. Não tive muito pior que uma tempestade de categoria 2.

Ele estremeceu. — Foi ruim?

— Na verdade não. Eu não tinha ninguém a bordo, o que foi uma bênção — expliquei. — Se recebermos um aviso severo do tempo, a sede cancelará. Isso não acontece com frequência. Nunca na minha época, de qualquer maneira. E de qualquer forma, isto é Queensland. Como é o slogan? Queensland, um dia lindo...

— Perfeito no próximo — ele terminou com um sorriso. — A menos que haja ciclones ou tempestades de categoria 5.

Eu acenei para ele. — Pfft. Bem, você pode esperar um clima perfeito para a sua viagem. Pode chover na próxima semana, mas quando os meteorologistas estão certos? — Desliguei as batatas e as escorri na pia. — De qualquer forma, se pudermos acertar o tempo certo e se a previsão permanecer verdadeira, devemos estar em Low Island; portanto, se você estiver preocupado com o enjoo do mar, terá a opção de permanecer em terra.

— Eu sou bom com enjoo — acrescentou ele com um sorriso.
— Caso contrário, eu não teria escolhido alugar um iate como minhas únicas férias em cinco anos.

Eu deixei minha cabeça cair para trás e gemi. — Eu não sinto falta daqueles dias. Você pode tê-los.

Ele sorriu, mas não respondeu. Ele me viu colocar os bifes no prato da grelha. — Como você gosta do seu bife?

— Médio, obrigado.

Ok, novamente com a proximidade de sermos nós dois. Era muito mais íntimo do que eu estava acostumado. Eu precisava de uma distração. Acenei com a cabeça na direção da pequena TV de tela plana presa à parede. — Você pode ligar a TV, se quiser. Pegar algumas notícias? Resultados de críquete?

Ele olhou para a tela preta como se estivesse considerando. — Você sabe o que? Eu prefiro não. Se o mundo foi para o inferno nas últimas doze horas, não quero saber. — Ele suspirou e quase sorriu. — Você pode me fazer um favor?

Dei de ombros. — Certo. Contanto que seja legal.

Ele bufou. — Se meu chefe entrar em contato com você, diga a ele que não há conexão com a internet, telefone ou TV. Eu posso ter dito a ele que eu estou incomunicável.

Eu ri. — Combinado. Ele ligaria para você mesmo quando está de férias?

Ele levantou uma sobrancelha. — Você precisa perguntar?

Eu concedi com um rolo de olho. — Sim, desculpe-me.

— Eu não ligo meu telefone desde que Jason ligou ontem à noite para cancelar. — Seus lábios torceram em um beicinho divertido. — Eu pensei que teria saques na Internet ou não saberia o que fazer com as mãos, mas, como se vê, Jason cuidou desse dilema. Bem, mesmo sabendo o que fazer com as mãos.

Eu soltei uma risada na sua implicação. — Não sinto falta de ter meu telefone colado no ouvido vinte horas por dia, isso é absolutamente certo. Telefonemas, e-mails, isso nunca acabou. Especialmente por estar em uma plataforma global, ninguém se importava com o fuso horário em que eu estava.

— Eu poderia imaginar.

— Você está em Brisbane, certo? — Eu perguntei.

Ele assentiu. — Paulington.

Hmm. Paulington era uma empresa respeitável, ganhando alguma influência na última vez que ouvi. — Você deve ser bom.

— Eles estão tentando me mudar para Sydney — disse ele, olhando para a cerveja como se tivesse esquecido que estava segurando.

Virei os bifes. — Mas?

— Mas eu não estou interessado. Recusei Cingapura também. — Ele suspirou, alto. — Mas acho que não posso adiar para sempre. Se eu quero continuar minha carreira, é isso.

— Você? Quer promover sua carreira?

Ele levou um longo tempo para responder, franzindo a testa.
— Eu não sei. Eu sinto que estou em uma encruzilhada. Como se eu preciso decidir. Eu quero a carreira e a riqueza, apartamento na cobertura, carro esportivo, as filas intermináveis de homens sem sentido? Ou quero uma vida que não seja essas coisas.

Linhas intermináveis de homens sem sentido. — Soa familiar.

— E você não se arrepende da sua decisão? — Seus olhos eram sinceros, e eu sabia que isso não era apenas uma questão de conversa. Era ele me pedindo conselhos profissionais e pessoais.

— Nem um pouco — eu respondi. — Mas foi a decisão certa para mim.

Ele assentiu devagar. — Sim, eu sei. Eu preciso tomar a decisão por mim.

— Posso ser honesto?

Ele assentiu.

— Parece que você já se decidiu.

— Como assim?

— Você está questionando sua presença lá. Você está questionando se deseja ou não ser parte dela, e isso é uma espécie de resposta em si mesma.

Ele suspirou e encostou a cabeça na parede, esticando as pernas, e aquele olhar de exaustão tomou conta dele novamente. — Fiquei sobrecarregado por muito tempo. Mas concordo com férias

anuais em vez de férias por estresse. Porque... bem, você sabe o porquê.

— Porque os tubarões circulam sem parar. Um cheiro de sangue na água e você se foi.

Seus olhos observaram os meus, afiados e sabedores. — Sem parar.

Tirei os bifes do prato da grelha e desliguei o fogão. Deixei a carne descansar um pouco e coloquei a salada e as batatas. — Quando saí, eu tinha duas prescrições diferentes para pressão arterial e úlceras estomacais, tomava comprimidos para dor de cabeça constantemente. É como lidei com a pressão. A maioria dos outros caras com quem trabalhei consumia cocaína, então me considero sortudo por meus vícios não serem tão ruins.

— Bem, você estava em uma liga diferente da minha — ele murmurou baixinho. Então ele bufou, sorriu e balançou a cabeça. — De onde eu sou, sou o melhor que existe. Eu sou o rei das finanças corporativas. Comparado a você - disse ele, com um sorriso irônico - , sinto que estou sentado à mesa das crianças.

Parei de fatiar o bife. — Comparado comigo? Eu me afastei disso. Agora não sou ninguém no seu mundo.

Ele olhou para o teto e sacudiu levemente a cabeça. Estava bem claro que ele não concordou. — Você estava nadando na grande liga. Eu mal estou sobrevivendo remando na piscina das crianças.

— Isso é treta.

Ele me lançou um olhar. Minhas palavras obviamente o surpreenderam. Eu terminei de cortar os bifes e sorri para ele. — É um jogo diferente hoje em dia. Como tem sido? Seis anos desde que eu saí. Há quanto tempo você faz isso?

— Seis anos.

— O mundo que eu deixei para trás seria irreconhecível para você. Está tão diferente agora; o mundo fica menor a cada dia, mas as expectativas são muito maiores. A tecnologia e a internet são coisas maravilhosas e, com certeza, as oportunidades são maiores, mas diabos, também são as demandas. O modo como você opera hoje funcionaria em torno de mim.

Ele olhou para mim e um leve sorriso apareceu no canto da boca. — Talvez.

Adicionei o bife fatiado à salada, acrescentei um pouco de molho e coloquei os pratos em uma bandeja. Adicionei outra garrafa de cerveja para ele, alguns talheres e guardanapos. — Jantar está servido. Agora vamos ver que tipo de pôr do sol vamos ter hoje.

Carreguei a bandeja para cima e deslizei-a para o assento comprido. Ele sentou-se de um lado; Eu sentei no outro. Peguei meu prato e um garfo e ele riu. — Ah, eu me perguntei por que você fatiou o bife — disse ele. — Prato em uma mão, garfo na outra. Você já fez isso antes.

Eu ri. — Uma vez ou duas.

Ele sorriu e pegou uma garfada de bife e salada. Seu gemido foi obsceno. — Puta merda — ele murmurou em torno de sua comida. — O que é isso?

Eu sorri com a reação dele. — A salada? Beterraba assada e abóbora com rúcula. O molho é a receita espanhola de cebola do meu pai, que jurei pelo sangue manter em segredo.

Ele engoliu em seco e lambeu os lábios. — É incrível. — Ele olhou para a pequena praia, depois para o oceano e balançou a cabeça. — Tudo aqui é incrível.

Depois disso, comemos em silêncio, e ele bebeu sua cerveja enquanto observávamos o pôr do sol no horizonte. O céu tinha brilhantes tons de rosa e laranja, a água azul cristalina, o silêncio entre nós era agradável, e eu me senti estranhamente sereno. Eu também tinha a sensação de que, se tivéssemos, nos conhecido em diferentes circunstâncias, em um bar ou no trabalho, Stuart e eu poderíamos ser amigos. Eu gostei dele. Seu olhar lindo, sorriso matador e olhos de parar o coração de lado, ele era um cara legal.

— Você sabe o que? — Eu disse, sem realmente saber o que aconteceu comigo. — Estou feliz que seu amigo Jason não tenha aparecido. Tenho a sensação de que você está sendo o verdadeiro você, porque não está sendo quem ele provavelmente esperaria que você fosse. Você pode ser o verdadeiro você, sem pressão, sem expectativas.

PRIVATE CHARTER

N.R. WALKER

Ele me olhou por um longo tempo, procurando nos meus olhos.
Ele engoliu em seco. — Eu acho que você pode estar certo.



CAPÍTULO CINCO

STUART

Foster estava certo sobre um monte de coisas. O pôr do sol era deslumbrante; não havia outra maneira de descrevê-lo. E acho que ele estava certo sobre Jason não estar a bordo. Se ele estivesse aqui, eu ainda estaria no modo profissional. Jason só conhecia o profissional, o absurdo que tinha restrições de tempo e prazos. Nosso tempo juntos foi baseado puramente em sexo, e eu praticamente escrevi junto do meu horário. Eu poderia literalmente prendê-lo das nove às dez na quarta e no sábado à noite. Ele aparecia, cuidava de mim de todas as maneiras que eu precisava e desaparecia.

E agora que Foster havia apontado isso, que agora eu estava livre para ser verdadeiramente eu, tive que me perguntar o que diabos estava pensando pedindo a Jason para vir em primeiro lugar.

Claro, o sexo garantido teria sido bom, mas eu podia ver agora que o relaxamento calmante da alma, me encontrar - sendo eu mesmo - era mais importante.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que acabei por ser eu.

Que eu tive que respirar.

Antes que o sol se pusesse completamente, Foster arrumou e pegou a bandeja, mas eu o parei. — Aqui, deixe-me levar isso.

Ele olhou para mim. — Eu não vou.

— Por que não?

— Você é meu convidado. Meu cliente, me pagando para cuidar de você.

Revirei os olhos. — Somos apenas nós dois. Não posso me sentar enquanto você limpa depois de mim.

— Por que não? É exatamente o que você deve fazer.

— Você já teve um motim?

Os olhos dele se arregalaram. — Um motim?

— Sim, não é assim que se chama quando a tripulação discute com o capitão?

— Um motim é mais um golpe.

Peguei a bandeja dele. — Então eu estou assumindo. Eu vou lavar, você seca.

Eu sorri com a expressão dele e desci as escadas para a cozinha. Ele estava logo atrás de mim. — Stuart. Você realmente não precisa fazer isso.

— Eu quero, e você não negaria a um cliente pagador o que ele quer fazer, não é?

Ele caiu. — Você está acostumado a conseguir o que quer, não é?

— Sempre. Não aceito não como resposta. — Encontrei o detergente e enchi a pia com água quente, depois peguei a panela e os utensílios sujos. — Você é um cozinheiro muito arrumado.

Ele me deu um bufo descontente, mas depois quase sorriu. — Quando você é o cozinheiro e o lavador, logo aprende que o minimalismo é bom. E há uma máquina de lavar louça.

— Isso não vai demorar muito — respondi. E em pouco tempo, eu tinha tudo lavado e Foster tinha tudo seco. — Veja? Muitas mãos fazem a luz funcionar. Ou algo assim, minha mãe que diz.

Ele dobrou a toalha de chá e pendurou-a para secar. — Bem, obrigado por sua ajuda.

Abri a pequena geladeira e tirei duas cervejas, retirei a tampa de uma e entreguei a ele. — Continue, prometo não contar a ninguém. — Parecia que ele poderia argumentar, então eu acrescentei: — É um motim, lembra?

Ele rosnou para mim, mas pegou a cerveja. — Você nem está a bordo há um dia e eu quebrei três das minhas regras já.

— Três?

— Deixando você limpar, uma. Beber cerveja, são duas. E a terceira, deixei você sozinho no convés quando entrei na água.

Abri a tampa da minha cerveja e tomei um gole para esconder meu sorriso. Sentei-me à mesa e, olhando para ele, assenti. — Ah, a sunga branca. Você mergulhou na água para se esconder de mim ou para esfriar? Quero dizer, eu sei que essa sunga é gostosa.

Ele corou. — Eu não...

— Você fez totalmente.

Ele se jogou na mesa em frente a mim, nossos pés quase se tocando. Ele suspirou e tomou um longo gole de cerveja. — Eu não estava esperando por ela. É tudo o que estou admitindo.

Eu ri. — Estou brincando, sério. Eu estava nervoso sobre usá-la. Eu deveria ter arrumado algumas bermudas, mas fiz as malas quando pensei que Jason estava vindo e esqueci de tirá-la quando ele cancelou.

Ele tomou outro gole de cerveja e olhou para a garrafa quando falou. — Bem, não posso pedir desculpas.

Eu sorri — Você gosta?

Ele revirou os olhos. — Você sabe que fica bem nela.

Agora eu ri. — O que posso dizer? Ela enfatiza minha melhor característica.

Suas bochechas estavam rosadas e ele pigarreou. Ele ainda estava olhando sua garrafa. — E o que seria isso?

Eu ri de novo. — Minha bunda, é claro. Por quê? Viu algo mais que você gosta?

Eu só estava brincando quando disse isso, mas uau, algo brilhou nos olhos de Foster quando ele lançou um olhar para mim. — Eu... Eu tenho certas regras.

— Que você está feliz em quebrar, aparentemente — eu disse, acenando para a garrafa de cerveja pela qual ele estava fascinado.

Ele bebeu o resto de sua garrafa, depois olhou para mim, e a noite quente ficou muito mais quente. O espaço entre nós parecia muito próximo e muito amplo, e crepitava de tensão. Ele lambeu o canto da boca, sua língua rosa enviando um choque de desejo direto para o meu pau. Mas então ele desviou o olhar, quebrando o transe em que ambos parecíamos estar. — É melhor eu ir fazer uma verificação final no convés — disse ele, sua voz rouca e tensa. — Então eu vou dormir esta noite. Obrigado por me ajudar a limpar depois do jantar. Durma bem. — Ele deixou a garrafa no banco da cozinha e subiu as escadas, desaparecendo na noite.

Então lá estava; minhas cartas estavam agora oficialmente sobre a mesa. E eu conhecia o desejo quando o vi. A maneira como seus olhos escureceram e se afiaram, a maneira como suas bochechas coraram e a maneira como sua respiração engatou um pouco.

Eu era especialista em ler pessoas. É o que me fez bom no meu trabalho. Eu sabia ler as reações deles e sabia quando aplicar pressão e quando recuar.

Ele pode estar fisicamente atraído por mim, mas sua bússola moral estava dirigindo este navio. De mais de uma maneira. Ele colocou tanta distância entre nós quanto este barco permitia, então eu daria a ele a distância que ele procurava.

Se ele mudasse de ideia, sabia onde me encontrar. Não era como se pudéssemos esconder um do outro em um iate de catorze

metros no meio do oceano. Então, sim, eu o deixaria decidir. Eu poderia me esforçar um pouco mais para ver se a centelha de desejo em seus olhos pegaria fogo. Quero dizer, mal estávamos no primeiro dia de doze e já tínhamos borrado algumas das regras dele. Eu mal podia esperar para ver o que o dia dois traria.

Com isso em mente, coloquei nossas garrafas vazias na lixeira e fui para a cama.

Eu nunca soube como poderia dormir tão bem. Eu pretendia ouvir Foster voltar para dentro da cabine, o som de uma porta se fechando ou a descarga do banheiro, mas não ouvi nada. Eu também tinha a intenção de cuidar do meu pau semiduro quando me arrastei para a cama, mas assim que minha cabeça bateu no travesseiro, a pausa da água e o suave balançar do barco me fizeram dormir como uma luz.

Acordei sem saber que horas eram, só que ainda estava escuro do lado de fora da minha pequena janela. Mas ouvi passos no silêncio e sabia que Foster estava acordado. Quando mijei, lavei o rosto e escovei os dentes, encontrei-o na cabine, olhando para uma das telas que ele me mostrara ontem. O céu estava começando a clarear, o suficiente para que eu pudesse vê-lo, a água e o litoral. Parecia fresco e tranquilo, notavelmente bonito, inclusive Foster.

— Bom dia — eu disse quando me juntei a ele. Eu não ia fingir que minha oferta implícita na noite passada não aconteceu, mas também não iria torná-la estranha. Eu ia paquerar e ser brincalhão, e com certeza não sairia da minha sunga branca tão cedo. Eu tinha uma toalha em volta da minha cintura, meu peito nu.

— Bom dia — ele respondeu, me dando um sorriso rápido antes de voltar para a tela. — Dormiu bem?

— Como os mortos. Não sei se é a água, o barco ou o silêncio, mas não durmo bem há... bem, anos.

— Bom. Fico feliz em ouvir isso. — Ele sorriu. — Estou apenas verificando as marés e a direção do vento.

— Como está?

— Perfeito. Devemos ficar bem em navegar para nordeste depois do café da manhã. Como isso soa?

— Parece bom. Ainda estou bem de nadar de antemão? — Eu perguntei, olhando para a parte de trás do iate.

— Certo. A água está linda e em vinte e seis graus. — Ele se virou e olhou para mim diretamente. — O café da manhã estará pronto quando você terminar.

Eu segurei seu olhar e puxei minha toalha, revelando a sunga que ele tanto gostava, mal limitando minha ereção da quase manhã. Seu olhar foi direto para o meu pau, depois para o meu rosto, e ele olhou para mim com um *seu desgraçado* em sua expressão quando ele lutou um sorriso. — Excelente — Eu disse, sorrindo de volta para

ele. Eu ia pedir que ele se juntasse a mim, mas percebi que o olhar que acabei de dar a ele era convite suficiente.

Larguei a toalha, me inclinei e abaixei as escadas como ele tinha me mostrado - enquanto apontava minha bunda para ele - e mergulhei na água.

Era uma maneira nova de acordar corretamente, e eu quebrei a superfície com uma risada. Eu me virei para encarar o iate e pisar na água, sorrindo quando Foster chegou ao fundo do barco, provavelmente para ver do que eu estava rindo. — Isso é incrível — eu disse. — Eu deveria acordar com isso todos os dias.

Ele sorriu e respondeu: — Não é exatamente terrível.

— Você deveria entrar — eu gritei.

Ele olhou por três segundos completos. — Talvez mais tarde — disse ele, antes de voltar ao que estava fazendo.

Talvez mais tarde.

Talvez estejamos fazendo muitas coisas mais tarde... Eu esperava que nós fizéssemos. Ele estava interessado, isso era certo. A maneira como ele olhou para mim quando puxei a toalha me disse tudo o que eu precisava saber. Parecia que ele queria me comer por dias, e eu estava totalmente de acordo com isso. Mais onze dias, para ser exato.

Flutuei de costas e sorri para o céu sem nuvens. Estava ficando mais claro, o sol estava quase começando a quebrar o horizonte, e

algo me ocorreu. Isso me atingiu como um choque que me fez lutar para ficar em pé, para pisar na água novamente.

E se ele não estivesse solteiro?

E se ele tivesse um namorado?

Um marido? Uma esposa?

Oh Deus. Talvez ele estivesse sendo educado porque eu era seu cliente particular por duas semanas e eu o estava deixando incrivelmente desconfortável. Talvez ele estivesse tentando encontrar uma maneira de me decepcionar sem me ofender.

Porque, embora Foster possa ter suas regras, eu também tenho as minhas.

Minha regra de ouro: não toquei no que pertencia a outras pessoas.

Eu não jogava de segundo violino para ninguém. E eu não me esgueirava por aí ou trapaceava. Eu não tinha relacionamentos confusos para começar. Ou complicações.

De qualquer maneira, não tinha tempo para esse tipo de envolvimento, mas havia uma certa integridade a ser mantida quando convidei homens para minha cama. Se eles eram solteiros e livres para fazer o que queriam, então inferno, sim, quanto mais, melhor. Se eles estavam em um relacionamento aberto mutuamente, inferno, sim, quanto mais, melhor. Se eles eram um casal que gostava de desfrutar de um terceiro, diabos, sim.

Mas se um homem estava procurando ser infiel ao namorado ou marido, absolutamente não. Eu tive caras me dizendo que deveríamos foder de qualquer maneira porque a minha consciência estava limpa, mas esse não era o ponto. Relacionamentos eram um grande negócio; uma questão de coração e confiança. E se um cara não pensava nisso, certamente nunca estava conseguindo um pedaço de mim.

Uma noite, amigos casuais, boquetes nos banheiros das boates faziam parte de qualquer fim de semana para mim. Mas nos clubes que frequentava, nos bares que ia, sabia quem era solteiro e, com apenas um olhar, quem estava mentindo.

Nadei de volta para a escada e subi, secando antes de enrolar a toalha em volta de mim e amarrá-la na minha cintura, assim quando Foster estava voltando da cabine com uma bandeja.

— Já voltou? — Ele perguntou, deslizando-a sobre o assento.
— Deixe-me pegar o café.

Sentei-me, a água pingando do meu cabelo, escorrendo pelo meu pescoço. Era agradável contra a brisa. Passava um pouco das seis da manhã e já estava quente. Deixei a toalha se abrir um pouco, não sendo grosseiro, mas revelando o suficiente para que ele notasse.

Foster reapareceu com um êmbolo de café e duas xícaras. Peguei uma e ele me serviu um copo antes de encher a dele e sentar do outro lado da bandeja. E sim, ele percebeu como minha toalha

estava aberta. Ele lambeu os lábios e olhou para o meu rosto. — Como estava a água?

— Perfeita.

Ele encontrou meus olhos então, suas bochechas tingindo de rosa, sabendo que ele havia sido pego. Então ele balançou a cabeça um pouco, como se quisesse limpá-la, e acenou com a cabeça na bandeja. — Iogurte, granola, frutas. Fique à vontade. Eu recebo a granola orgânica que é feita localmente.

— Parece saudável — eu disse. E era. Bonita mesmo. — Com uma dieta como essa, não é de admirar que você pareça tão bem.

Ele tomou um gole de café e corou um pouco mais antes de colocar a xícara na bandeja e tomar uma tigela de iogurte. — É um trabalho bastante físico. Não é difícil ficar em forma. Posso fazer alguns ovos com torradas, se você preferir?

Eu o vi empilhar um pouco de granola e frutas. — Não, isso é perfeito — respondi. — O mergulho e o nascer do sol... É uma maneira espetacular de começar o dia. Você nunca se cansa disso?

Ele bufou. — Nunca.

Eu odiava me aprofundar no território das perguntas pessoais, mas precisava fazer isso antes de prosseguir com toda a rotina de paquera e brincadeira. — Então, esta é sua casa, por assim dizer. Nenhuma porta que você chama de lar? Ninguém especial que espera você atracar seu iate ao lado dele? Ou dela?

Ele mordeu a boca pensativamente e sorriu enquanto engolia.
— Nenhuma porta, como tal. Tenho uma caixa postal em Cairns e uma ancoragem registrada. Se isso faz Cairns uma casa, não tenho certeza. Eu acho que sim.

Ele deixou minha outra pergunta sem resposta. Ou talvez fosse esse o jeito dele de responder. Eu não podia negar que estava um pouco decepcionado; ele era lindo e claramente muito bom com as mãos, e eu tinha certeza de que seria o mesmo na cama. Mas não era para ser assim. Coloquei meu café e arrumei minha toalha, me cobrindo completamente. — Sim, acho que sim.

Ele pareceu divertido com a minha reação e curioso. Ele comeu seu iogurte enquanto eu servia um pouco para mim e assistimos o nascer do sol em silêncio. Ele continuou olhando para mim, seu sorriso se alargando a cada vez, e eventualmente eu levantei uma sobrancelha para ele.

— O que é tão engraçado?

Ele colocou sua tigela vazia de volta na bandeja. — Você estava tentando perguntar se há alguém na minha vida que se importaria de eu navegar pelo trópico sozinho com um cara solteiro gostoso que usa uma minúscula sunga branca?

— Talvez. — Lambi minha colher e ele assistiu. — Eu não toco o que pertence a outra pessoa.

Seu olhar encontrou o meu, e ele inclinou a cabeça um pouco.
— Isso está certo?

— Sim — eu respondi sem hesitar. Um lento sorriso apareceu em seus lábios. — Algo engraçado sobre isso?

— Não, de jeito nenhum. Acabei de ter a impressão de que você estava... — Ele fez uma careta. — Aberto ao quer que esteja no seu caminho.

— Você pensou que eu era um figurão financeiro corporativo que tem alguém que ele quer em sua cama, sempre que ele quiser? Negócios rápidos, carros velozes, sexo rápido, sem se importar com danos colaterais.

— Eu vivi no seu mundo, lembra? — Ele disse, seu olhar inflexível. — Eu sei como é isso. É rápido e completo. Você tem poder em certos círculos e os homens são atraídos por isso.

Ouvi o que ele estava dizendo, e uma coisa que aprendi em minha carreira foi que as críticas eram muitas vezes mais severas quando chegavam perto de casa. Eu também aprendi como deixar isso rolar de mim. Coloquei minha tigela e dei de ombros. — Verdadeiro. Claro, tive caras que se ofereceram para chupar meu pau embaixo da minha mesa, se eles pensassem que isso lhes daria um acordo mais doce. Mas se você realmente sabe como é o meu mundo e como é o melhor, então você saberia que faço verificações de antecedentes em todas as pessoas que cruzam o meu caminho e sei se elas estão namorando, noivas, casadas, divorciado, hétero, bi, gay. Se são tudo menos solteiros, não estão no meu radar. — Coloquei um mirtilo na minha boca. — Além disso, não tenho ninguém do

mundo corporativo na minha cama. Eu gosto de ser fodido no colchão, e a última coisa que preciso é encontrar um conhecido em uma sala de reuniões, se é que você me entende. Eles podem ter todo o poder no quarto que quiserem, mas eu nunca deixei alguém ter esse tipo de poder sobre mim no meu trabalho.

Ele mordeu o interior da bochecha e estudou a costa por um tempo, uma dúzia de emoções diferentes passando pelo rosto. O meu comentário sobre ser fodido no colchão foi demais? Isso o deixou desconfortável? Ele gostou? Ele olhou para o oceano, sem revelar muito. Depois de um tempo, ele disse: — Não estou vendo ninguém. Ninguém para atracar meu iate ao lado, como você disse, e certamente ninguém para se importar se eu passar duas semanas com um cara usando uma minúscula sunga branca.

— Cara gostoso — eu alterei, tentando não sorrir.

Ele me lançou um olhar incrédulo. — Perdão?

— Antes, você disse 'cara gostoso usando minúscula sunga branca'. Eu estava te corrigindo.

Ele sorriu, do tipo de olhos enrugados, e segurou meu olhar. — Eu tolo. Eu esqueci que tipo de arrogância ocorre em fusões e aquisições.

Eu sorri para ele e preendi a toalha nas minhas coxas para que o tecido se amontoasse sobre meu pau. — Não confunda arrogância com honestidade.

Ele olhou para a minha exibição de pele, seus olhos passando sobre mim como um toque. Empurrei o nó da toalha na minha cintura, passando pelo umbigo, revelando mais pele e minha trilha feliz, e dei um aperto no meu pau enquanto esticava minhas pernas. As gotas de água na minha pele foram substituídas por suor. — Você estava certo sobre uma coisa — eu disse. — O nascer do sol é tão bonito quanto o pôr do sol, mas garoto, com certeza está *quente* já.

Foster reprimiu um gemido, levantou-se e saltou para a parte de trás do iate, tirando a camisa enquanto passava. — Eu só vou me refrescar — disse ele antes de ouvir o barulho atrás de mim.

Eu ri e apertei meu pau. Então ele estava solteiro e interessado. Era apenas a regra de 'não fazer sexo com clientes' que o estava segurando, o que eu tinha certeza de que ele estava lutando naquele momento. Mas eu sabia que venceria, sempre vencia. Ele cederia eventualmente. Era como pescar; você tinha que soltar uma pequena linha antes de poder enrolá-los. Para que eu pudesse agir de maneira tímida, mostrar um pouco de pele, ser sincero e ser absolutamente sacana. Ele era um homem inteligente, de espírito econômico, e eu poderia combiná-lo em uma conversa intelectual, estimulando sua mente enquanto usava apenas minha sunga branca, estimulando-o em outro lugar. Ah, sim, paquera brincalhona era o meu ritual de acasalamento favorito.

Fiquei de joelhos e espiei por cima do iate. Ele estava a poucos metros de distância na água e sorrindo. — Sentindo-se melhor? — Eu perguntei.

Ele riu e balançou a cabeça, mas nadou de volta para a escada e subiu a bordo. Ele estava pingando, seu cabelo penteado para trás, seus shorts prendendo-se ao corpo e se amontoando nos lugares certos. Percebendo que ele havia esquecido uma toalha na pressa de se refrescar, levantei-me e desfiz minha toalha e joguei para ele. Ele a pegou e esfregou-o sobre o cabelo e o rosto, depois a segurou contra o peito, mas parou quando percebeu que eu estava ali de pé, vestindo nada além de minha sunga. Minha pequena sunga branca que mal escondia meu pau semiduro. Todo esse pensamento sobre trazê-lo para o quarto estava me excitando. Fiquei ali satisfeito e orgulhoso enquanto ele me olhava, deixando-o saber o que poderia ter, se quisesse.

Ele piscou para sair do transe e bateu de novo no rosto com a toalha. Ah sim, ele cederia com certeza. Sorrindo, peguei a bandeja do café da manhã. — Eu vou cuidar disso — eu disse. — Enquanto você cuida de... — Eu olhei para sua virilha. Eu não precisava terminar minha frase.

Eu já tinha a pia cheia de água quente com sabão quando ele desceu para a cozinha. Ele parecia ter se recuperado e não hesitou em me ver ainda usando apenas minha sunga. — Há algo errado

com a máquina de lavar louça? — Ele perguntou como se estivesse tentando muito não olhar abaixo do nível dos olhos.

— De modo nenhum. Mas são dois pratos, duas colheres, duas xícaras. Não vai demorar um segundo.

Ele franziu a testa. — Você realmente não precisa fazer isso.

— Eu não me importo. — Eu o ignorei e tive as poucas coisas lavadas antes que ele pudesse discutir. Peguei a toalha de chá e peguei uma das xícaras, depois me encostei na pia enquanto a secava. — Não estamos navegando para o nordeste em breve?

Eu me perguntava quanta restrição era necessária para ele manter contato visual, dada a minha roupa. — Ah sim. Você quer usar shorts ou algo assim...?

Eu sorri para ele. — Existem regras de segurança quanto ao uso de roupas de banho durante a navegação?

— Não.

— Então não. Eu estou bem usando isso. Você está bem comigo usando isso?

Seus olhos se estreitaram, sua mandíbula tensa e ele lutou com um sorriso. Mas ele não disse nada. Então, coloquei a xícara seca e peguei a outra, e depois passei a secar enquanto mordida meu lábio inferior para não sorrir muito. — Eu não pensei que você teria um problema com isso.

CAPÍTULO SEIS

FOSTER

Aquela maldita sunga branca. E aquele maldito sorriso. E aqueles malditos olhos, e aquela trilha de cabelos escuros que desaparecia atrás do tecido que mal escondia algo. Suas coxas definidas, seus abdominais, seus ombros... Eu mencionei o sorriso dele?

Controle, Foster. Você já lidou com caras como ele antes.

Toda bravata e ego. Embora eu tivesse certeza de que algo estava diferente com ele. Ele estava vulnerável aqui, tentando desestressar e reavaliar sua vida, sua escolha de carreira. No entanto, ele ainda tinha aquele ar de arrogância. O que ele me disse? Não confundir arrogância com honestidade?

Deus, isso era a verdade.

O problema era que, quando olhava para ele, me via. Dez anos atrás, eu era igual a ele. E talvez fosse arrogância, mas decorria de ser o melhor. Eu dizer que eu era o melhor em fusões e aquisições não era arrogância; era a verdade.

Então Stuart dizendo isso para mim tocou um acorde familiar, uma lembrança de quem eu costumava ser. Não sentia falta da minha vida antiga, nem de uma parte dela. Eu me orgulhava da

excelência naquela época, como ainda fazia hoje. Só agora meu escritório não estava no topo de um prédio em Sydney ou Cingapura. Era um iate de quatorze metros e meu mercado eram os Whitsundays.

Não, não sentia falta da minha vida antiga.

Mas eu perdi o desafio de sair por cima. Vendo quem conseguia se manter por mais tempo, quem tinha coragem de esperar até o outro dobrar sob pressão.

E me perguntei qual de nós, eu ou Stuart, desistiria primeiro.

Ele estava brincando comigo, duro. Ele estava dando um show, brincando com palavras e insinuações, pegando a toalha para revelar a pele sedosa onde sua coxa encontrava seu quadril. Dando-me o conjunto mais quente de olhos “me leve para a cama e me foda” que eu já tinha visto, e sua língua acariciava seu lábio inferior e eu queria prová-lo, sugá-lo em minha boca e...

Porra, inferno.

Nesse ritmo, eu precisaria mergulhar na água a cada vinte minutos. Ter que me retirar e me jogar no oceano, só para não o inclinar sobre o painel de controle e lhe ensinar uma lição por me provocar, já era ruim o suficiente.

Deus, agora eu estava pensando em fazer isso.

Mas gostei de como ele recuou quando pensou que eu já estava comprometido. Eu gostei de como ele tinha padrões em relação a não deitar com qualquer um. Jesus, quando eu estava no lugar dele uma

década atrás, eu não ligava muito para regras. Disposição e preservativos eram as únicas duas regras que eu tinha.

Eu não estava errado quando disse que homens se atiravam em pessoas poderosas e, se eles me olhavam duas vezes, havia uma troca de fluidos corporais logo depois. Não era como se eu nunca me importei se eles usavam anéis de casamento ou não, era que eu nunca pensei em notar.

Eu não fiz então, mas eu fazia agora.

Stuart era uma nova geração de financiadores. E embora eu não sentisse falta da minha vida antiga, eu o invejava um pouco. O poder era um pedestal, e os caras queriam ser ele ou queriam estar com ele, e isso era algo inebriante. Mas mesmo depois de apenas um dia, eu poderia dizer que ele tinha integridade, e isso era algo que não podia ser comprado.

Ele também tinha uma bunda gostosa e a sunga a emoldurava como uma obra de arte.

Eu tinha certeza de que seria eu quem desistiria primeiro.

Ele estava me tocando como um violino, e eu não podia nem estar chateado com isso. As regras que eu impus quando comecei esse negócio de fretamento privado estavam ficando um pouco nebulosas, e eu estava apenas esperando para ceder a ele.

Depois que ele arrumou o café da manhã - que era meu trabalho, não dele - ele bateu palmas. — Então, capitão. Mostre-me como você navega.

— Você precisa de um dispositivo de flutuação antes de irmos a qualquer lugar.

— Realmente?

— Se você pretende estar no convés comigo, sim.

Ele encolheu os ombros. — OK.

Peguei o dispositivo de flutuação do cinto e segurei-o. — Aqui, coloque isso.

Ele levantou uma sobrancelha para mim. — Isso é uma pochete ou um cinto?

— Você estava esperando carros alegóricos? — Eu bufei. — Eles percorreram um longo caminho desde os antigos coletes salvavidas.

Ele riu e prendeu, mas estava meio solto na cintura fina. Ele mordeu o lábio inferior. — Eu não acho que este seja apertado o suficiente — disse ele, segurando a alça e sorrindo para mim.

É claro que ele estava, então o fecho estava bem acima da virilha. Eu o olhei bem nos olhos e puxei-o com força. Seu corpo inteiro deu um pulo para a frente com o movimento, então estávamos quase nos tocando. E é claro que ele olhou para mim e sorriu. — Como está isso? — Eu perguntei.

— Muito melhor — ele sussurrou. Seu sorriso tornou-se algo sujo e sedutor.

Ele estava sendo fofo e merda, o que eu não me importei nem um pouco. E sinceramente, ancorar e velejar era uma distração

muito necessária. Dei-lhe ordens e ele as seguiu à risca. Ele era astuto, cuidadoso e nunca questionou minha autoridade ou conhecimento. Ele era o aluno perfeito.

Ele também estava vestindo nada além da sunga e o cinto, sorrindo ao vento. Ele até levantou a mão e soltou um 'woo-hoo' quando atingimos a velocidade máxima, o olhar em seu rosto era de completa alegria e liberdade.

Eu sabia exatamente como ele se sentia.

Eu nos tirei do litoral. Embora a água embaixo de nós fosse profunda, era cristalina e azulada. — Você sabe para onde está indo, certo? — Ele gritou sobre o vento.

Eu ri e, soltando o leme, acenei para o GPS que mostrava nossa posição no gráfico. Estava mais protegido na cabine perto da cabine, então não tive que gritar. — Ver aqui? — Eu apontei para o nosso destino. — A essa velocidade, estaremos lá em 45 minutos.

O vento despenteava seus cabelos e, pela primeira vez desde que eu o conheci, ele tinha vida nos olhos. — Isto é incrível!

— Eu sei. — Levei-o de volta ao leme. — Fique aqui — eu instruí. — Mantenha-o firme.

O brilho em seus olhos se aprofundou e a extensão de seu sorriso aumentou. Ele não tinha parado de sorrir ainda. Eu apontei nossa direção e ele assentiu, e não conseguia me lembrar da última vez em que um cliente gostou tanto de velejar. Eu nunca tive ninguém querendo aprender, e certamente nunca tive lições individuais. Eu

sempre amei velejar. Sempre. Mas havia algo de especial em experimentar a alegria de sua primeira vez no comando.

Eu o deixei trazê-lo pelo fundo do recife e deixei cair a vela mestra e, uma vez terminado, virei-me para encontrá-lo colado ao poste, sorrindo de orelha a orelha. Isso fez coisas estúpidas no meu coração, e eu disse a mim mesmo que estava envolvido em sua excitação. E eu estava; era verdade. Mas a maneira como minha barriga se contraiu era algo completamente diferente.

Eu me juntei a ele no leme, gostando da desculpa de ficar perto dele. Tínhamos diminuído consideravelmente a velocidade com apenas a vela, mas havia algo de pacífico no ritmo preguiçoso. — Nós vamos trazê-la e seguir a linha do recife. Fique de olho na sua profundidade.

Eu conhecia essas águas e tínhamos muito espaço embaixo da quilha, mas ele não sabia disso. Seu olhar concentrou-se, sua atenção afiada, e ele fez tudo certo. Abaixei o patíbulo, prendi a linha e suspirei. — Esta é a minha parte favorita — eu disse. — Isso, quando as velas caem e nós apenas... — Estendi minhas mãos e mudei para a batida do oceano. — Há uma tranquilidade que você não encontrará em nenhum outro lugar.

Stuart assentiu como se entendesse completamente. — Nunca vi um lugar tão bonito — disse ele, observando todas as direções. — E o silêncio? Eu poderia me acostumar com isso. — Então ele colocou a mão no meu braço. — Obrigado.

Ele disse isso com tanta sinceridade, que eu não podia duvidar que isso veio do seu coração. — De nada.

— Posso nadar aqui?

Eu olhei para trás do iate. — Sim, claro.

Enquanto ele se abaixava no convés para pegar suas coisas, eu ancorei e puxei a placa protetora. Stuart voltou, sem o colete, a toalha pendurada no braço e a garrafa de protetor solar na mão. Ele estendeu para mim. — Você se importaria?

Eu peguei e revirei os olhos. — Não é exatamente uma dificuldade.

Ele riu e se virou, me dando as costas. Apliquei protetor solar, cobrindo as costas e a nuca, esfregando os ombros e até fazendo uma pequena massagem. — Você não está tão tenso hoje — eu disse.

— Imagine como você pode me relaxar — disse ele, com a voz baixa. Enfiei meus polegares no nó de seus ombros, pretendendo que fosse um espetáculo ao que ele disse, mas ele gemeu. — Jesus, suas mãos...

Larguei-o e dei um pequeno passo para trás. — Está feito.

Ele se virou para mim, seu olhar implorante cheio de travessuras. — Você se importaria terrivelmente de passar na minha frente? Detestaria derrubar protetor solar em seu iate.

Eu olhei para ele. E Jesus, ele estava falando sério.

— Não acho que seja uma boa ideia.

Ele olhou ao redor da cabine. — Eu sei. É por isso que eu pedi. Eu odiaria colocar protetor solar no seu assento ou na sua escada quando eu segurar.

Eu lutei com um sorriso. — Isso não foi o que eu quis dizer.

— Oh eu sei. — Ele suspirou dramaticamente. — Bem, se você não fizer isso por mim, poderia me ver fazer isso e apontar as partes que eu perder? Detestaria ficar queimado de sol. — Ele largou a toalha no assento e fez um show de pôr protetor solar na palma da mão. Como ele poderia fazer isso sexual? Deus, poderia ser mel, lubrificante ou qualquer coisa que eu queria lambar.

E como se isso não fosse ruim o suficiente, então ele esfregou tudo sobre o peito, os abdominais, abaixo do umbigo... e seus olhos nunca deixaram os meus. Sua língua apareceu no canto da boca, e ele esticou o pescoço e esfregou uma mão sobre a garganta enquanto a outra mão deslizava logo abaixo da sunga. Isso me fez olhar para a protuberância mal escondida por sua sunga. — Eu coloquei em todos os lugares, Foster?

Engoli em seco e me forcei a fazer contato visual. — Você foi bem cuidadoso, sim.

Um canto de sua boca se ergueu em um sorriso sexy como o inferno. — Já me disseram isso antes.

Minhas narinas se abriram. — Você não joga limpo.

Ele balançou a cabeça devagar. — Eu não estou jogando.

Porra.

Claro, era verão, e com certeza eram os trópicos, mas isso não tinha nada a ver com o suor que escorria por todo o meu corpo. Soltei um suspiro trêmulo e cheguei a uma linha de protetor solar que ele tinha perdido sob os olhos e a manchava com a ponta do meu polegar. Eu queria deslizar meu polegar em seu lábio. Eu queria colocá-lo em sua boca, deixá-lo chupar...

— Junte-se a mim — ele sussurrou. — Você sabe que você quer.

Eu sabia exatamente onde acabaríamos se entrássemos na água juntos. — Eu ia começar um almoço cedo — respondi. Não havia convicção na minha voz, e ele sabia disso.

Ele se inclinou e sussurrou no meu ouvido. — Eu não estou com fome de comida. — Então ele se virou, pegou sua toalha, que caiu perto da escada e mergulhou na água.

Eu quase desabei no banco, respirando fundo. Limpei minha testa, meu rosto e senti meu coração bater forte no peito. Jesus, Senhor, tenha piedade, ele ia me matar.

Eu não deveria encorajar isso. Eu deveria ter dito a ele, quando toda essa coisa divertida de flerte começou, que era impossível. Eu tinha regras em vigor por um motivo. Eu tinha um negócio, uma reputação.

Eu também tinha um tesão que não iria embora tão cedo.

Eu tinha impulsos e desejos que não queria agir com mais ninguém. Então Stuart Fodido Jenner embarcou no meu iate e tudo foi para o inferno.

Eu deveria ir até a cozinha e preparar o almoço. Eu deveria ligar a TV para me distrair, ler um livro ou entrar no meu banheiro e cuidar do meu pau dolorido, pensando em qualquer coisa, menos ele.

Ele na água, a poucos metros de distância. Ele, com os olhos do caralho, que querem que eu me junte a ele - e não apenas se junte a ele na água. Ele, com o corpo escaldante que está se oferecendo para mim. Ele, sim ele.

Eu não deveria o querer. Eu não deveria querer isso. E acima de tudo, não deveria entrar na água com ele. Eu sabia como isso terminaria. Eu mergulharia na água com ele, e ele nadaria até mim com aquele sorriso devastador, e ele me alcançaria e eu o puxaria para perto. Ele passaria as pernas em volta de mim na água, segurando nós dois, e ele esmagaria sua boca na minha. Eu finalmente conseguiria prová-lo, ter aquela língua rosa linda dele na minha boca, e então a bordo. No convés, no assento da cabine, na cabine, no chão, na mesa, na cama dele, na minha.

— Porra.

Levantei-me, puxei minha camisa por cima da cabeça, dei dois longos passos e mergulhei de cabeça na água.

CAPÍTULO SETE

STUART

Eu não pensei que ele cederia tão facilmente. Eu pensei que ele poderia lutar um pouco mais, mas não. Ele mergulhou na água só por mim. Seu corpo forte e bronzeado cortou a água como uma faca. Ele veio à tona e se virou para mim, sacudindo a água dos cabelos, quente e sensual, e até um pouco chateado consigo mesmo. — Feliz agora?

Eu sorri — Oh sim. A água é boa, você não acha?

Ele olhou por um tempo, depois se recostou na água, levantando as pernas, tomando banho de sol no peito. — A água é perfeita.

Seus olhos estavam fechados e ele estava sorrindo, parecendo relaxado e totalmente em paz. Eu tinha inveja dele. Eu o invejava por muitas coisas. Flutuei como ele, fechando meus olhos para o sol, quente e onírico, e eu poderia ter quase adormecido se não fosse por ele rindo ao meu lado e jogando água em mim.

Comecei ficando de pé, e joguei-o de volta. — Para o que foi aquilo?

Ele estava sorrindo e apertou os olhos para a luz do sol. — Você parecia muito relaxado.

Agarrei seus ombros e tentei empurrá-lo para baixo, mas ele mal se mexeu. Ele segurou minha cintura e minhas pernas instintivamente o envolveram. Ele congelou no começo, depois relaxou e seus olhos brilhavam com algo que eu não tinha visto antes. Eu rolei meus quadris contra seu peito, sabendo muito bem que ele podia sentir meu pau, e me inclinei, prestes a tomar meus lábios com os dele quando um motor soou perto do iate.

Nós nos viramos para ver um pequeno barco vindo do outro lado de nós, e Foster foi rápido em me empurrar para longe dele. Ele me deu um olhar apologetico de despedida antes de nadar de volta para o iate, depois subiu a escada e acenou para o barco que passava. Levei meu tempo nadando e me levantei na escada, não me importando particularmente que meu pau estivesse meio duro. Foster, que agora tinha uma toalha pendurada no pescoço, estava checando alguma coisa em uma das telas, então eu fiquei no convés dos fundos e sequei meu cabelo.

Ele olhou para mim, pegou minha protuberância vergonhosa e depois encontrou meus olhos. Ele tentou não sorrir e voltou para a tela. — Você sabe, a maioria das pessoas não se preocuparia em cobrir os cabelos.

Olhei para o meu pau mal escondido na minha sunga, olhei para Foster e dei de ombros para ele. — Eu não sou a maioria das pessoas. E de qualquer maneira — estendi meus braços e me virei de

um lado para o outro. — Eu trabalho duro nesse corpo. Eu não estou escondendo isso. Eu não sou um para escondê-lo.

Foster se endireitou e me deu uma olhada apreciativa mais uma vez. Seu sorriso ficou malicioso e uma sobrancelha se levantou levemente. — Pensei que você usava mais ternos do que qualquer outra coisa.

— No escritório, sim. Nos clubes e nos fins de semana, não. — Coloquei a toalha por cima do ombro, sem tentar esconder minha virilha. — Bem, sem camisa principalmente. Mas adoraria trabalhar no meu bronzado todo.

— Eu, uh — ele começou, seu olhar disparando para o outro barco que agora estava ancorado a pouca distância. — Não sei se eles apreciariam à vista.

Entrei na cabine e me sentei no assento longo, minhas pernas estendidas. — Ou eles poderiam amar.

Ele me observou por um longo segundo, balançou a cabeça um pouco e se virou. Então, voltamos a evitar... Dois passos para frente, um passo para trás. Eu não me importei. Eu tinha mais onze dias para jogar este jogo.

— Então, hum, almoço? Eu poderia grelhar um pouco de frango com um molho de manga. Como isso soa?

— Perfeito. Onde minha maior decisão é mergulhar ou tomar sol antes ou depois do almoço. Ou vice-versa. — Suspirei e estiquei

o braço, talvez flexionando um pouco o abdômen. — O que você sugere?

Ele lambeu os lábios; sua voz era rouca e sexy. — Será muito quente para ficar ao sol depois do almoço, então eu sugiro tomar banho de sol antes e depois fazer um mergulho.

Eu sorri e olhei para ele, da cabeça aos pés. Isso era uma protuberância em seu calção de banho? — Você vai mergulhar comigo? Eu poderia usar um guia na água. E se você quiser se juntar a mim preguiçosamente no convés ao sol, trabalhando para se livrar das linhas bronzeadas, eu não me importaria.

Ele deu uma risada. — Oh, eu tenho certeza que você não faria.

Fiz questão de olhar para o pau dele, depois sorri direto para ele. — Algo me diz que você também não se importaria.

Nesse momento, outro barco navegou no mesmo recife em que estávamos chamando nossa atenção. Era como um balde metafórico de água fria para Foster. Eu pude ver. Seus olhos endureceram, focados como se isso o lembrasse que este era seu trabalho, não um cruzeiro sexual. Suspirei quando o barco ofensivo parou do outro lado de nós, novamente a uma curta distância. O murmúrio suave de vozes foi carregado pela brisa. — É sempre tão ocupado aqui fora?

Foster assentiu. Ele agora estava segurando a toalha na frente da virilha, meio que casualmente, mas isso me disse que nosso

joguinho de paquera terminara. — Sim, durante o dia. Esses caras vão embora no meio da tarde.

— Boa. — Eu fiz uma careta. — Eu meio que gostei de estar aqui sozinho.

Ele começou. — Oh, podemos encontrar outro recife, se você quiser? Há muitos, mas este pequeno atol é um dos mais bonitos.

Eu pensei em dizer *sim, leve-nos para algum lugar mais isolado*, mas não havia pressa. E os outros barcos estavam longe o suficiente, e este atol era lindo. Não era de admirar que outras pessoas quisessem estar aqui também. — Não, está tudo bem aqui. Eles não me incomodam.

— Ok, bom. — Ele pareceu aliviado por isso. — Apenas me avise se você quiser seguir em frente e nós continuaremos. Eu vou começar o almoço.

— E eu vou começar meu bronzado.

Ele riu e rapidamente desceu as escadas para a cabine, então eu peguei minha toalha e subi no convés, do outro lado e até a proa do iate. Eu nunca tinha visto água tão clara ou dessa cor antes. O fundo do oceano devia estar quatro metros abaixo, mas juro que podia ver todos os grãos de areia branca. O brilho da água e do barco branco era meio severo, e eu me arrependi de não ter pensado em pegar meus óculos de sol. Joguei minha toalha e deitei. O calor do barco era bom; o calor do sol parecia ótimo. Fechei os olhos para o brilho e abaixei minha sunga sobre minha bunda, bufando com a

percepção de que o brilho das minhas bochechas brancas provavelmente poderia cegar alguém em um barco que passava.

Eu poderia me acostumar com isso. Eu me perguntei brevemente se era chamado *desertar* simplesmente nunca mais voltar à vida real... Eu me perguntava quem realmente sentiria minha falta... Eu me perguntava o quão ocupado meu escritório estava naquele exato momento e percebi o quanto eu não me importava. O quanto eu não sentia falta, me surpreendeu.

Eu cochilei com um sorriso.

O sol tropical estava me assando, e eu podia senti-lo me restaurando, reabastecendo meus níveis de energia quase esgotados de maneiras que eu não sabia que eram possíveis. De maneiras que eu não sabia que precisava. Eu podia sentir o estresse saindo do meu corpo, meus músculos relaxando, minha mente limpando. E eu também podia sentir minha bunda queimando, então rolei e tomei sol na minha frente, empurrando minha sunga para baixo, tanto quanto a decência pública permitia. Pensei em tirá-la completamente, mas não gostava de Foster se meter em problemas se alguém o denunciasse de volta à sua sede. Então eu a apertei um pouco mais, quase dobrando meu pau entre as minhas pernas para revelar o máximo de pele que pude.

Claro, meu pau gostava de ser manuseado, empurrado e confinado em espaços apertados, e começou a encher lentamente.

Deitei-me desfrutando das sensações lânguidas e sexuais que se agitavam nos lugares certos. Apreciando o sol, o calor na minha pele, o balanço do iate. Parecia que eu estava sendo observado, e me perguntei se as pessoas em um dos barcos próximos estavam gostando da vista... Até Foster pigarrear. — Hum, desculpe interromper.

Abri os olhos, apertando os olhos para ele. — Não se desculpe.

Seus lábios torceram em um sorriso abafado. — O almoço está pronto.

Inclinei-me nos cotovelos para poder olhar para baixo do meu corpo. Sim, meu pau parecia feliz por estar confortável e confinado. Eu abri minhas coxas um pouco. — Eu poderia me refrescar primeiro se estiver tudo bem. Estou suando demais.

As narinas de Foster se alargaram. — Eu posso ver isso. De fato, todo mundo aqui fora pode ver isso. — Ele acenou distraidamente em direção aos outros barcos.

Levantei-me e peguei minha toalha, não consertando minha sunga, não consertando a maneira como meu pau estava puxando o tecido branco para baixo, revelando cabelos bem aparados e a haste do meu pau. — Como eu disse, não estou acostumado a me esconder — eu disse enquanto passava por ele. — E se eles não querem ver, não devem olhar — acrescentei enquanto caminhava pelo convés lateral até a parte de trás do iate. Larguei minha toalha e mergulhei

na água. Estava tão fria contra a minha pele aquecida que me deixou sem fôlego.

E também corrigiu o problema prolongado na minha sunga.

Provavelmente foi melhor assim. Eu estava com tanto tesão que, a esse ritmo, eu ficaria no meu quarto a tarde toda me masturbando, para que a água fria na minha libido não fosse tão ruim.

Subi a escada, apenas consertando minha sunga quando peguei minha toalha. Sequei meu cabelo, grudando em todos os lugares, sem dúvida, e então amarrei a toalha em volta da minha cintura.

Foster assistiu ao show inteiro. Ele ficou particularmente fascinado com uma gota de água que escorria da minha nuca, da minha clavícula e do meu peito. — Você sabe — disse ele, lambendo os lábios. — As toalhas também servem para secar os corpos, não apenas os cabelos.

— Eu gosto de deixar o sal secar na minha pele — eu respondi quando entrei na cabine. Foster colocou a bandeja de comida no meio do banco. Havia dois pratos cheios de folhas de salada, frango grelhado fatiado e coberto com molho de manga. Sentei-me e peguei um prato. — Isso parece incrível.

Ele ainda estava de pé onde eu tinha passado por ele, como se estivesse em transe e minhas palavras quebraram o feitiço. Ele balançou a cabeça e sentou-se. — Oh, obrigado.

Tomei um bocado de tudo e, oh, meu Deus. — A que membro da família devo agradecer por isso.

Ele me lançou um olhar confuso e divertido. — O que?

— Qual membro da família? O prato de camarão era da sua tia; o molho para salada ontem à noite era do seu pai. De quem você roubou esse?

— Ninguém. — Ele sorriu. — Ok, bem, eu vi em algum programa de culinária, mas eu o personalizei.

— Bem, você se superou. Puta merda, isso é bom.

— Obrigado. — Ele relaxou um pouco então, sorrindo enquanto comia. — Como estava a água agora?

— Perfeita. Tudo aqui é perfeito.

Ele assentiu devagar. — Estou feliz.

— Então, você vem fazer um mergulho comigo depois?

Ele olhou para mim rapidamente antes de estudar seu prato. — Talvez.

Eu sorri agora, eu acreditava claramente que não significa não e sim significa sim, e sabia que a hesitação sempre chegava diretamente ao lado não, mas maldição. Que talvez, o dele talvez, com aqueles olhos ardentes e a maneira como seu olhar percorreu meu corpo, a maneira como ele lambeu os lábios e gemeu bem quieto, era quase um sim. Mas era um hesitante sim, então eu esperaria que ele fizesse sua jogada.

E tinha que vir dele.

Eu coloquei minhas cartas na mesa. Dispostas para todos verem. Inferno, eu basicamente me ofereci em uma travessa. Eu esclareci se ele era solteiro, se estava interessado, se estava disposto...

Ele só precisava se estabelecer como jogador dois neste jogo.

— Então — ele disse. — Você tem família?

Eu balancei a cabeça e engoli minha comida. — Sim. Mamãe e papai se divorciaram quando eu tinha nove anos. Uma irmã, Dana, dois anos mais nova que eu.

— Vocês estão perto? — Ele fez uma careta, como se soubesse que eram perguntas pessoais, mas não conseguiu deixar de perguntar.

— Sim, eu acho. Todos ainda moramos em Brisbane. Nos encontramos quando podemos. E você? Acho que com as trocas de receitas você está bem perto.

Ele riu e esfaqueou um pouco de salada com o garfo. — Sim. Quando eu era criança, meus primos eram meus melhores amigos. Mamãe tem três irmãs que ela é próxima, então eu meio que cresci com quatro mães. Mamãe e papai estão casados desde sempre e eu tenho uma irmã e um irmão. — Ele enfiou o garfo na boca e mastigou, pensativo. — Estamos todos dispersos agora, mas ainda tentamos ligar todas as semanas. Temos natais juntos, não importa onde estamos no mundo.

— Eles tiram vantagem de você ter o melhor emprego do mundo e exigem cruzeiros gratuitos de uma semana pelos trópicos?

Ele riu, fazendo pequenas rugas nos cantos dos olhos que fizeram algo esquisito e estranho na minha barriga. — Eu ofereço.

— Você mergulhou com eles? Ou sou eu quem receberá tratamento especial?

Ele enfiou outro garfo na boca antes que seu sorriso pudesse se tornar um sorriso. — Eu não disse que faria ainda.

Eu deixei meu garfo deslizar lentamente entre meus lábios. — Você irá.

Ele riu de mim, balançando a cabeça enquanto terminava o almoço. — Você sabe, existem melhores pontos de mergulho mais a nordeste. Quero dizer, é bom aqui, mas depende do que você procura. Coral ou peixe.

Dei de ombros. — Eu não ligo, para ser sincero. Eu só quero tentar.

— Tentar? Você nunca mergulhou antes?

— Quando eu tinha dez anos. Embora eu não ache que a mecânica disso tenha mudado muito.

— Bem não...

Eu dei um sorriso malicioso para ele. — Mas é melhor você mergulhar comigo, só para ter certeza.

— Você realmente não aceita não como resposta, não é?

— Não frequente.

Ele colocou sua tigela vazia na bandeja e suspirou. — Então é melhor eu preparar o equipamento.

Peguei a bandeja e fui para a cozinha, Foster rapidamente nos meus calcanhares. — Você não precisa lavar a louça — ele disse, parecendo horrorizado.

Coloquei as tigelas na pia e sorri para ele. — Você vai discutir com um cliente?

— Stuart — ele tentou novamente. — Eu cozinho e limpo. Este é o acordo.

— Bem, você cozinha. Eu limpo. Esse é o novo acordo — falei. — Se você me deixar cozinhar o jantar, poderá lavar a louça.

— Isso não é... não é assim que... Stuart.

Eu combinei seu tom. — Foster.

Ele suspirou e eu vi sua necessidade de cuidar de mim lutando com sua crença para não discutir com um cliente pagador. Fiquei lavando a louça, ignorando-o ali parado me olhando. — Oh — acrescentei como se tivesse acabado de me lembrar. — Precisarei que você ajude com o filtro solar antes de voltar para a água.

Ele meio que suspirou, meio rosnou. — Você é meio irritante, sabia disso?

Eu assenti brilhantemente. — Sim. Eu sou muitas coisas. Irritar é apenas um dos meus muitos talentos.

Ele revirou os olhos e subiu as escadas, presumivelmente antes de dizer algo que provavelmente não deveria dizer a um cliente.

Eu ri quando terminei de lavar a louça e, quando Foster voltou para a cabine, eu já tinha tudo seco e guardado.

Ele olhou para a cozinha arrumada como se doesse vê-la. — Obrigado — ele disse calmamente.

— Disponha.

Ele mordeu o lábio inferior e acenou com a mão para as escadas. — Eu tenho todo o equipamento pronto no convés, então sempre que estiver pronto...

Eu sorri para ele. — Oh, eu estou sempre pronto. Deixe-me pegar meu protetor solar.



CAPÍTULO OITO

FOSTER

Ele estava provocando. E provocando e flertando com zero vergonha. Ele sorriu. Ele lambeu os lábios, deslizando a língua provocativamente. Seus olhos estavam cheios de calor e desafio. Eu estava em um estado permanente de semi ereção em torno dele, como se meu pau soubesse para onde queria ir.

Pelo menos meu calção de banho o escondia, não como sua maldita sunga.

Ele subiu as escadas primeiro, então é claro que eu dei uma olhada em sua bunda, o que fez pouco para ajudar o problema em meu short. Ele olhou ao redor da paisagem, notou outro barco ao longe, depois me entregou o protetor solar e virou as costas para mim. — Se você não se importa.

— Eu não acho que você se importaria se eu fizesse.

Ele riu. — Eu também não sou contra massagens nos ombros.

Esguichei uma linha de protetor solar ao longo de seus ombros e comecei a esfregá-lo. — Então, irritante e insuportável são os dois talentos dos quais você se orgulha?

— Sim. Irritante, insuportável... insaciável.

Enfiei meus polegares em seus ombros, com força. Mas em vez de machucá-lo, ele gemeu como se o adorasse. — Incorrigível.

Ele abaixou a cabeça e riu, e quando eu esfreguei mais suas costas, ele gemeu. — Jesus, você é realmente bom nisso.

— Então me disseram. — Coloquei mais protetor solar na minha mão desta vez e apalpei seu ombro, sua nuca, a parte superior de seus braços, e ele estava se movendo com o meu toque. Empurrando de volta contra mim, caindo perto de mim. Receptivo, flexível.

Quando ele se virou, ele também estava excitado. Seus olhos estavam fechados, então eu esfreguei protetor solar em seu peito, e quando minhas mãos caíram sobre seu abdômen, um sorriso apareceu em seus lábios. Mas seus olhos ficaram fechados, então eu me permiti olhar. Estando tão perto, eu podia ver como seus mamilos se mexiam, como sua pele se movia sob a minha mão. Como ele inclinou a cabeça quando eu corri minha mão pelo pescoço, os olhos fechados, os lábios levemente abertos.

Ele era lindo.

Eu queria beijá-lo. Ele me deixaria. Inferno, ele gostaria. Mas eu não tinha dúvida de que, se nos beijássemos agora, isso não terminaria até que estivéssemos nus e saciados. A tensão sexual entre nós era como uma dinamite, apenas esperando explodir, e uma vez que o fusível estivesse aceso - e nós íamos acendê-lo; era apenas uma questão de tempo - seria uma detonação infernal.

Puxei minha mão dele e levou alguns segundos para abrir os olhos. — Por que você parou?

Estendi o protetor solar. — É a minha vez.

Um canto da boca dele puxou para cima, um sorriso imundo que apertou minhas bolas. — Achei que você nunca iria pedir.

Eu me virei para que ele pudesse me passar nas costas, e ele jogou o protetor solar nos meus ombros e começou a esfregá-lo. Foi tão bom; suas mãos eram fortes, certas, esfregando em círculos lentos, me empurrando e me puxando. Eu podia imaginar como ele seria na cama...

Droga.

— Quer que eu passe na frente também?

Eu reprimi um gemido e seriamente não poderia ter dito não, se eu quisesse. Eu me virei para encará-lo, ignorando seu sorriso malicioso enquanto ele esfregava creme sobre meu peito, meu estômago. — Não pense que isso significa alguma coisa — eu disse.

Ele riu. — Claro que não. A segurança solar é muito importante. — Seus olhos não disseram nada sobre segurança solar. Ele agarrou meu queixo, passando o polegar ao longo da minha mandíbula. — Embora você pareça particularmente quente com creme branco manchado ao lado dos lábios. — Minha boca se abriu, fazendo-o sorrir. — Não fique tão chocado. Isso não significa nada.

Eu dei um passo para trás e meu pau protestou. — Mergulho. — Eu disse, ignorando o quão rouca minha voz estava. Ignorando

como sua sunga quase não continha sua ereção. Ignorando meu próprio pau dolorido.

Ignorando como a tensão sexual aumentou mais um pouco.

Fui até a parte de trás do iate e peguei a máscara e o tubo de respiração. Respirei fundo algumas vezes, o que foi inútil, porque ele logo estava ao meu lado. Ele estava segurando o tubo de respiração e a máscara, e eu estava esperando um comentário sobre o uso de cuspe para desembaraçar a máscara, mas felizmente ele não o fez. Ele estava realmente sério e ouviu minhas instruções e discurso de segurança, sem piadas, sem insinuações. Fiquei agradecido por ele ter levado isso a sério - levar meu trabalho a sério - e não ser um idiota sobre isso. Ele sabia quando jogar, e sabia quando não, e eu realmente gostei disso.

Então, com nadadeiras, máscaras e boquilhas, ficamos perto do iate até que ele estivesse mais confiante com a respiração. E no que parecia pouco tempo, ele podia mergulhar e soprar a água do tubo de respiração sem inalar água. Mergulhamos até o fundo, a água cristalina, a areia imaculadamente branca, e ele apontou excitado quando encontrou algo novo. Um peixe, conchas, coral, ele ficou impressionado com tudo. Todo o seu rosto se iluminou, sorrindo ao redor de seu bocal, e se eu tivesse alguma dúvida sobre se juntar a ele, eu estava tão feliz que sim.

Foi incrível, e foi uma alegria para mim experimentar isso com ele. Foi-se o tipo presunçoso e corporativo, e em seu lugar havia um

cara que admirava o ambiente. Ele parecia mais jovem, mais feliz, ainda mais lindo.

E veja bem, vê-lo nadar, mergulhar e deslizar debaixo d'água naquela pequena sunga branca não era exatamente uma dificuldade.

Logo estávamos de volta ao iate, e me perguntei qual versão do Stuart sairia da água. O cara das finanças, que paquerava e agia de maneira sexual para impedir as pessoas de vê-lo de verdade? Ou o cara que baixou a guarda, com quem eu havia passado duas horas na água, sorrindo com abandono e tendo o tempo de sua vida?

Ele jogou a máscara e o bocal a bordo, levantou-se e sentou-se na plataforma perto da escada e puxou as nadadeiras. Ele estava respirando com dificuldade, mas seu sorriso era enorme. — Essa foi a melhor coisa de todas.

Sentei-me ao lado dele e tirei minhas nadadeiras também. — Sim, foi.

— Podemos fazer de novo? Em outro lugar? Onde há mais peixes e corais?

Sua excitação era contagiosa. — Definitivamente. Podemos ir para o leste deste recife, se você quiser. Vai ter o que você procura.

— Legal. Quando?

— Agora, se você quiser.

Ele encolheu os ombros. — Talvez mais tarde ou amanhã? Estou derrotado agora. Você deve estar também.

Eu concordei com um aceno de cabeça. — Mergulhar com um tubo de respiração pode ser um trabalho árduo.

— Oh, ei — disse ele, olhando por cima do arco. — Um dos barcos se foi.

Isso o fez feliz, claramente. — Se você quiser ir a algum lugar mais privado, basta perguntar. Este recife é uma parada popular porque é muito bonito, mas conheço alguns outros lugares que são tão bons e não tão populares.

— Eu não me importo que outras pessoas estejam por perto. Lá fora. — Ele me deu uma cutucada com o cotovelo. — Mas eu tenho que dizer, estou feliz que somos apenas nós dois aqui.

Antes que eu pudesse responder, seu estômago roncou. Ele deu um tapa na barriga. — E aparentemente o mergulho com um tubo de respiração é bom para o apetite.

Eu ri. — Sim. Vamos lá, vou fazer um lanche para nós.

— Precisa que eu limpe nosso equipamento de mergulho? — Ele perguntou quando entramos na cabine.

— Eu vou cuidar disso — eu disse. — Está bem.

— Ou — ele respondeu — você pode me mostrar como fazê-lo, para que eu possa fazê-lo na próxima vez.

Amarrei minha toalha na cintura. — Não há absolutamente nenhum ponto em mim argumentando, existe?

Ele sorriu e passou a toalha sobre os cabelos. — Não. — Ele jogou a toalha sobre o ombro, sem tentar cobrir a sunga agora molhada e muito transparente.

— Você sabe que essa sunga é transparente quando está molhada, certo?

Ele riu e nem olhou para baixo. Ele segurou meu olhar como um desafio. — Sim. É por isso que eu a comprei.

Eu bufei baixinho. — Foi o que pensei. — Eu não pude deixar de sorrir para ele. — Lanche primeiro, depois limpamos o equipamento de mergulho.

Nós demolimos um prato de frutas, queijo e bolachas, e, fiel à sua palavra, ele queria que eu o ensinasse a limpar e guardar o equipamento de mergulho. O que me levou a ensiná-lo a verificar e guardar o equipamento de segurança, o que me levou a ensiná-lo a usar o rádio, a ativar o farol de socorro, a pedir ajuda e a conversar com outras embarcações próximas. Mais uma vez, ele era estudioso e sério, ouvindo e apenas fazendo perguntas se não tivesse certeza.

Ele era tão tranquilo, tão despreocupado. Tão diferente de como imaginei que ele seria em uma sala de reuniões. Muito parecido comigo. Ele ainda tinha olheiras, embora seu rosto tivesse alguma cor agora; se isso era puramente do sol, ou se era porque ele estava relaxando, eu não tinha certeza. Ele com certeza parecia muito mais feliz do que ontem. Ele estava de pé no convés, de braços abertos na brisa quente da tarde.

— Você sabe o que devemos fazer? — Ele anunciou.

Eu estava quase com muito medo de perguntar. — O que?

— Devemos colocar as velas para cima e ver aonde o vento nos leva.

Eu olhei para ele. — Realmente?

— Sim. — Ele assentiu com força. — Absolutamente. Vamos apenas aonde quisermos e encontrar um novo lugar.

— Onde quer que o vento nos leve?

Ele pulou na cabine, com energia renovada nos olhos. — Sim. Exceto se ele quiser nos encalhar. Ou em um recife ou outro barco. Mas você sabe o que eu quero dizer. Jogue a cautela ao vento, viva um pouco, faça algo espontâneo.

Eu sorri com o entusiasmo dele. Eu duvidava muito que ele pudesse fazer algo remotamente espontâneo. — OK. Você é o chefe.

Todo o seu rosto se iluminou. — Realmente?

— Você lembra como puxar a âncora e pôr a vela grande?

Ele estava fora de si de emoção, e ele entrou em ação. Quinze minutos depois, estávamos navegando, e seu sorriso não podia ficar maior. Evidentemente, o vento estava nos levando para o nordeste, o que era meio que perfeito. Quando saímos do recife raso, Stuart estava ao leme observando o arco. Eu dei um tapa no ombro dele. — Você tem isso sob controle. Vou começar o jantar.

Ele olhou para mim. — Você não pode me deixar aqui conduzindo sozinho!

Eu acenei para ele. — Você não está conduzindo. Você está navegando e está seguro. Me dê um grito se for bater em alguma coisa.

Sua boca se abriu e eu ri enquanto descia as escadas abaixo do convés. Mal estávamos navegando a quatro nós em águas calmas. Este lado do recife estava protegido das águas abertas, e tudo o que ele precisava fazer era manter o recife a estibordo, o continente do lado do porto e ele ficaria bem.

Se eu duvidasse dele por um segundo, não havia como deixá-lo. Mas algo me disse que ele precisava disso. Ele gostava de controle, gostava de testar a si mesmo, gostava de provar a si mesmo. Ele gostava de ser desafiado, e conquistar isso seria bom para ele. Eu sabia que ter uma crise no meio da carreira significava um mundo de insegurança e uma sensação esmagadora de fracasso. Ele precisava de algo que pudesse dominar, especialmente com todo o ‘jogar a cautela ao vento, e viver um pouco’ de antes, ele precisava fazer isso sozinho.

Fatiei e marinei um pouco de cordeiro, fiz uma salada de inspiração grega, abasteci a geladeira com cerveja e água e arrumei um pouco. Então — Ahhh, Foster? Ei, Foster?

Eu subi as escadas correndo. — E aí? — Eu perguntei, procurando por problemas imediatos.

— Há um barco. — Ele apontou por cima do arco para um pequeno ponto branco no horizonte.

Deus, ele estava falando sério. — Sim, isso é um barco. Na verdade, isso parece um navio.

Ele ficou alarmado. — Podemos bater?

Eu tentei não sorrir. — Se nós continuássemos neste curso e mantivéssemos essa velocidade, então sim. Em cerca de dez horas. — Então eu ri. — Stuart, está a quilômetros de distância.

Ele me lançou um olhar. — Sim, bem, como eu ia saber disso? Você acabou por me deixar aqui!

— E você fez um trabalho maravilhoso. — Eu realmente não tinha coragem de dizer a ele que sua direção era provavelmente o equivalente ao meu pai me deixar dar ré no carro para fora da garagem quando eu tinha quinze anos. Ele estava tecnicamente dirigindo, mas não tinha nada a ver com as regras da estrada, dirigindo em alta velocidade, navegando em condições perigosas ou como o veículo lidava e reagia.

— E esse recife aqui? — Ele perguntou, apontando para a frente. — Parece um bom lugar para parar.

— Perfeito — eu disse. Era exatamente entre os recifes de Elford e Moore, e as correntes eram boas. — Ok, traga ele a estibordo. Bom e lento.

Com os olhos fixos no arco, ele afrouxou o leme e nos conduziu em segurança. Perfeitamente. — Agora, enrole a vela — eu pedi.

Ele pulou e teve as linhas em pouco tempo enquanto eu assumia o comando. Ele era adepto a bordo. A maioria das pessoas

tinha receio de se sustentar em qualquer coisa aparafusada. Mas não Stuart. Era como se ele já sentisse o iate, o movimento dele na água, o equilíbrio e a consciência espacial em relação ao movimento dele.

Quando ele teve a vela rolada voltou ao leme, sorrindo. — Podemos ancorar aqui?

Eu assenti. — É areia abaixo de nós. Está bem.

Ele soltou a âncora, depois se endireitou e me deu um olhar preocupado. — Areia... Claro, não podemos simplesmente ancorar em qualquer lugar. Isso danificaria o recife.

Eu sorri para ele. — Exatamente. Eu tenho uma âncora especial que minimiza os danos, mesmo na areia. Por lei, você não pode ancorar em áreas protegidas de recifes, mas eu não faria assim mesmo. — Fui até o fundo do iate e fiz sinal para ele se juntar a mim. — Veja? Aqui é só areia. A âncora está bem; há muito espaço para balançar. Não pode danificar nada. Ver aquelas boias da pirâmide branca flutuando ainda mais no recife? Eles são como uma zona de não estacionamento.

Ele olhou para fora, assentindo lentamente. — Então podemos ficar aqui hoje à noite?

— Você escolheu um local perfeito.

Ele sorriu, mas logo ficou sério de novo. — Que outras regras existem para proteger o recife? O que você pode e não pode fazer? Tem que haver regras, certo?

— Muitas regras.

— Mas isso é uma coisa boa, sim? — Ele franziu a testa. — Porque está morrendo, não é? O Recife. Tenho certeza de que li algo sobre branqueamento de corais.

Eu assenti. — Os humanos certamente não fizeram nenhum favor. Mas há muitas pessoas trabalhando em conservação e, restauração. Mesmo compreendendo como o coral se comporta, como vive, como morre. Só o tempo dirá se podemos vencer a corrida para salvá-lo.

— Isso é meio triste, não é?

Eu assenti. — Com certeza. Nós só precisamos ter certeza de que fazemos pouco ou nenhum dano.

Ele me olhou nos olhos e disse: — Durante o jantar, você pode me dizer tudo o que eu deveria fazer, mesmo em casa, em Brisbane, para ter mais consciência. Como produtos que acabam em cursos d'água e todo esse tipo de coisa.

Então eu fiz.

Grelhei o cordeiro enquanto ele colocava a mesa na cabine, e conversávamos sobre tudo. Ele me surpreendeu com o que ele já sabia, mas, fiel à forma de Stuart, ele ouviu, aprendeu, fez perguntas. Eu pensei que o teria entediado às lágrimas, mas nossa conversa nunca parou enquanto comíamos. Era raro encontrar alguém com quem eu estivesse no mesmo nível e, novamente, fiquei feliz por o amigo dele ter decidido não vir com ele. Eu sei que isso me fez egoísta,

mas eu simplesmente não conseguia me importar. Também me deixou com tesão.

Saber que ele estava disposto e me ofereceu a opção de amigos com benefícios colocou meu pau no limite. Fazia muito tempo para mim, e estar tão perto dele não ajudou; essa viagem foi de longe a mais íntima que eu já tive.

O fato de ele ainda estar vestindo nada além de sua pequena sunga também não ajudou.

Tampouco o fato de ele devorar o jantar e gemer com cada gole, lambendo os lábios e cantarolando em apreciação. Ele não estava tentando ser sexy ou brincalhão - eu tinha visto toda a produção para saber a diferença - era apenas Stuart sendo ele mesmo sem mais ninguém por perto para julgá-lo.

Ele estava baixando a guarda comigo, e essa foi a maior excitação de todas.

Ele empilhou seu prato vazio em cima do meu e os colocou na pia. — Eu não tinha ideia de que o limão era tão bom na salada de cordeiro — disse ele, pegando o pequeno prato de limão fatiado. — Você sabe o que seria melhor com limão? Cerveja ou tequila.

— Há os dois. Você pode pegar.

— Você vai ter uma comigo? — Ele perguntou, realmente não me dando tempo para responder. Ele pegou duas da geladeira em uma mão e pegou o prato de limão com a outra. — Vamos lá, vamos assistir este pôr do sol.

Ele estava subindo as escadas para a cabine antes que eu pudesse discutir. O que, com Stuart, eu logo estava aprendendo era uma perda de tempo. Eu o segui até encontrar as duas garrafas no banco com o prato de limões e Stuart fora de vista. Ouvi um respingo e uma risada, então corri para o fundo do iate para encontrá-lo na água, sorrindo para mim. — Entre comigo — disse ele. Tentei pensar em um motivo válido para dizer não, mas ele não estava tendo nada disso. — Eu sou o chefe, lembra?

Suspirei, tirei minha camisa e mergulhei de cabeça na água ao lado dele. Eu quebrei a superfície para ver seu rosto sorridente, seu cabelo penteado para trás, e possivelmente o mais feliz que eu já o tinha visto. Ele nadou até mim, colocou as mãos nos meus ombros e tentou me afundar como havia tentado antes. Eu lutei com ele e facilmente o empurrei para baixo, o que eu acho que poderia ter sido sua manobra o tempo todo, porque, quando ele me segurou novamente, ele colocou as pernas em volta de mim.

Ele apareceu sorrindo, os cabelos achatados contra a testa, a água escorrendo pelo rosto e ele mordeu o lábio inferior. Ele tinha as pernas ao meu redor, eu estava segurando-o e ele estava olhando para mim. Eu mal mantinha minha cabeça acima da superfície da água, e ele estava tão perto que poderia ter me beijado.

Eu pensei que ele estava indo. Eu queria que ele fizesse isso. Eu podia sentir seu pau contra a minha barriga e o meu respondeu da mesma forma. Como se soubesse disso, ele soltou as pernas e se

afastou de mim e nadou até a escada. Com um olhar sedutor por cima do ombro, ele subiu as escadas, seu corpo bronzeado ao sol poente, perfeitamente esculpido, molhado e sim... aquela maldita sunga branca.

Quando subi a escada, ele me encontrou no convés com as duas garrafas de cerveja e entregou uma para mim. Ele enfiou uma fatia de limão nela. — Felicidade.

Amarrei a toalha em volta da minha cintura, esperançosamente escondendo minha ereção. Ele estava me matando com o jogo de empurrar e puxar que estava jogando, e eu não tinha certeza de quanto mais eu poderia aguentar. Peguei a cerveja e o segui até a cabine, onde nos sentamos lado a lado no banco. — Pensei que um rápido relaxamento estava em ordem — disse ele, tomando um gole de cerveja. — Ainda está quente e úmido, mesmo quando o sol está se pondo.

— Bem, é a época mais quente do ano em Far North Queensland. — Tomei um gole de cerveja e fiquei agradavelmente surpreendido com o quão refrescante era. — Cara, isso é bom. — Virei a Corona na minha mão. Eu tive centenas disso. Eu não tinha certeza do que fez essa em particular tão boa. Talvez fosse o calor, a umidade, todo o exercício que tínhamos nadado, todo o sol. Talvez fosse o homem sentado ao meu lado. Eu não tinha certeza se era o calor do corpo dele que eu podia sentir ou os raios do sol poente.

Ele tomou outro gole e suspirou, esticando as pernas. Sua toalha estava em volta da cintura, mas é claro que estava aberta na frente. Ele não tinha vergonha. — Eu poderia ficar aqui a noite toda — disse ele. — Isso é totalmente perfeito. Olhe aquele pôr do sol. — Era verdade. O céu estava laranja-dourado sobre o oceano. Era lindo.

Após um momento de silêncio para apreciar o fim do dia, ele começou a falar sobre Brisbane, seu trabalho, o que amava, o que odiava. Se fosse uma lista pró / contra para seu debate interno sobre desistir, não era uma disputa. Eu não me importei com ele desabafar comigo. Eu entendi, eu realmente fiz. Eu estive no lugar dele, literalmente. Mesmo setor, mesmo emprego, mesmo dilema. E ouvi-lo falar livremente me mostrou uma visão do verdadeiro Stuart Jenner. Ele era apaixonado, honesto, motivado. Eventualmente, seu discurso esgotou-se e ele parecia um pouco mais leve, como se seu fardo tivesse diminuído um pouco. Eu tinha que me perguntar se ele havia tomado uma decisão.

Outras duas cervejas e o sol se foi, mas as luzes na cabine eram suficientes e a luz da lua na água era algo especial. Conversamos sobre tudo, desde surfistas profissionais até a indústria sustentável de óleo de palmeira em Sumatra, e fiquei um pouco empolgado com minhas três cervejas. Eu não podia negar minha atração por ele. Não apenas fisicamente, mas ele era inteligente e preocupado com a política e o estado do mundo.

E quanto mais ele falava e ria, mais eu gostava do que via. O empurrão e puxão entre nós se tornou um empurrão constante. Não era questão de vontade, não é? Agora era apenas uma questão de quando.

Ele estava em cima de mim na água, e agora sentado ao lado dele, nossos ombros quase se tocando, ele às vezes roçava minha coxa com a mão quando ele falava, e isso fazia um zumbido quente nas minhas veias o tempo todo. Toda vez que ele sorria, toda vez que ria, toda vez que olhava para mim.

— Você sabe o que precisamos? — Ele perguntou.

— O que é isso?

— Bem, muitas coisas — disse ele, sorrindo. — Alguns garotos da cabine⁵. Alguns jovens de dezoito anos. Os navios ainda têm rapazes da cabine?

— Acho que não. — Eu bufei. — E nós não somos um navio. Nós somos um iate.

— A mesma coisa — ele me dispensou. — Mas você está perdendo o meu ponto.

— Bem, não, eu entendi seu ponto. Mas não posso ajudar com os twinkie meninos da cabine.

— Você não parece querer me ajudar — disse ele com um cutucão no ombro. — Eu quase me ofereci a você e você disse que não.

⁵ Um garoto empregado para ajudar os oficiais ou passageiros de um navio.

— Eu tecnicamente não disse não...

Ele olhou para a frente. — Você também não disse sim. — Então ele suspirou e mudou de tom. — E tudo bem. Eu posso dar uma sugestão. Você quer estar na minha bunda, mas tem a ética nos negócios que proíbe a confraternização com os clientes. Entendo. — Ele acenou com a mão. — Boas políticas de trabalho são... honrosas, eu acho.

Abri minha boca para falar, para dizer que eu... Eu não tinha certeza do que ia dizer a ele. Mas minha mente me levou para a sarjeta assim que ele disse que eu queria estar dentro de sua bunda, e eu estava preso lá. Avisos visuais e fantasias imundas se apoderaram de todo pensamento razoável.

Ele me encarou por um bom segundo. — Você sabe do que precisamos? — Ele disse, levantando-se e desaparecendo no convés. Ele apareceu um segundo depois com uma garrafa em uma mão, dois limões na outra. Tequila.

Eu bufei uma risada. — Meu coquetel favorito. Uma dose de tequila com uma pitada de boas intenções e você tem um coquetel apropriadamente chamado 'O que diabos eu fiz?'.

Stuart riu enquanto subia as escadas. Sua toalha havia desaparecido há muito tempo; apenas seu pequeno pedaço de roupa de banho permaneceu. — Bem, dois Que diabos eu fiz? chegando logo.

Ele sentou-se ao meu lado e levantou a garrafa. — O que é isso mesmo?

— *Alquimia Reserva de Don Adolfo Extra Añejo* — eu respondi. — A melhor tequila do mundo. Desce fácil, então tenha cuidado.

Ele me deu um sorriso sensual. — Oh, acredite em mim. Eu amo coisas que acontecem com facilidade. — Revirei os olhos, mas ele riu enquanto cortava os dois limões no prato. Quando terminou, tirou a tampa da garrafa e um pedaço de limão. — Lamber, beber, chupar. Você vai brincar?

— Eu tenho uma escolha?

Ele riu. — Bem, você tem. Mas eu posso ver nos seus olhos o que você quer. Você só precisa de um pouco de coragem mexicana.

Olhei para a garrafa e depois o limão que ele estava segurando. — Você não tem sal.

Sua voz era áspera e ele sorriu maliciosamente. — Oh, sim eu tenho.

Então ele se inclinou e lambeu meu peito até meu pescoço. Fiquei atordado, sem palavras, e ele riu, tomou um pequeno gole de tequila e depois chupou o limão. Ele balançou a cabeça e respirou através da queima de álcool e limão azedo.

— Oh, isso é bom — disse ele. Eu não sabia se ele estava falando sobre lamber o sal da minha pele ou a tequila. — Sua vez.

Ele enfiou a garrafa na minha mão e estendeu um pedaço de limão. Eu terminei com o jogo de empurrar e puxar. Eu terminei de

não tocar ou provar o prato de homem em oferta na minha frente. Eu ainda podia sentir a queima da língua dele na minha pele.

Peguei o limão, mas segurei na boca dele. — Abra.

Suas pupilas dilataram, suas narinas dilataram. *Ah, ele gosta de saber o que fazer.* Então ele separou os lábios, apenas o suficiente para eu deslizar o limão. Inclinei-me para a direita, quase empurrando-o para trás, então fiquei por cima dele, e lambi da clavícula até a borda da mandíbula. O sal em sua pele do oceano, da umidade, era picante na minha língua. Ele gemeu quando eu lambi e belisquei o ângulo de sua mandíbula com os dentes. Tomei um gole rápido de tequila, segurei a parte de trás da sua cabeça e tirei o limão da sua boca.

Era um emaranhado de lábios salgados, línguas doces e limão azedo. Foi o beijo mais delicioso que eu já tive.

Eu me afastei com a fatia de limão entre os lábios e lentamente tirei da minha boca. Ele estava ofegante, com os lábios molhados, o peito arfando, o pênis duro no quadril, mal confinado na sunga.

Ele pegou a garrafa de mim, pegou um pedaço de limão, levantou-se e montou em mim.

Oh caralho.

Ele inclinou minha cabeça para trás enquanto deslizava o limão na minha boca. Então ele lambeu meu pescoço, meu ombro, minha orelha, engoliu um bocado de tequila e tentou arrancar o limão entre meus lábios. Mas eu não estava me rendendo facilmente.

Agarrei seus quadris e empurrei contra ele, e ele agarrou o encosto do banco em uma mão, meu queixo na outra.

— Dê para mim — ele rosnou.

O limão? Meu pau? Eu não tinha certeza neste momento, mas naquele momento, eu daria a ele o que ele queria. Abandonei o limão e ele o chupou na boca enquanto se esfregava em mim. Seu pênis estava totalmente ereto, espiando por baixo do elástico de sua sunga a cada movimento de seus quadris.

Foda.

Então ele parou, recostou-se um pouco e disse: — Lamba meu abdômen.

Fazendo exatamente como ele instruiu. Eu arrastei minha língua pelo estômago até o esterno. Ele inclinou minha cabeça para trás e derramou uma gota rápida de tequila na minha boca, depois pegou o limão e o espremeu sobre o mamilo até a clavícula.

Foda-se sim.

Eu lambi o suco de limão, sacudindo seu mamilo com a minha língua. Ele arqueou as costas e eu o segurei enquanto lambia e chupava seu corpo. Ele rolou os quadris, procurando por atrito, e seu pau duro deslizou para fora de sua sunga.

Minha boca encheu com água.

— Levante-se — eu pedi.

Ele lentamente colocou um pé no chão, depois o outro, e eu o puxei entre meus joelhos abertos. Seu pênis era glorioso; com veias,

sem cortes e bronzeado como o resto dele. Eu segurei a base no meu punho e o levei direto para a minha boca.

Stuart segurou meu cabelo, puxando com força e me guiando com golpes longos e profundos. Ele com certeza não era tímido em exigir o que queria, e era excitante. Meu pau estava doendo, mas eu o ignorei por enquanto, fazendo dele meu primeiro e único foco.

Ele gemeu enquanto eu o trabalhava. — Foda-se sim — ele mordeu. — Deus, isso é bom. — Ele empurrou na minha boca, mais fundo na minha garganta. — Puta merda.

Engoli em torno dele e ele tentou se afastar, como se esse fosse o único aviso que ele poderia me dar, mas eu agarrei sua bunda e o puxei todo o caminho. Ele gemeu longo e alto quando gozou, pulsando na minha garganta. Ele empurrou mais algumas vezes, então, tremendo, ele puxou, instável em seus pés.

Com uma risada, ele ficou de joelhos na minha frente. Ele parecia satisfeito, seus olhos vidrados, um sorriso saciado em seu rosto. Eu me inclinei para trás, deixando meus quadris deslizarem um pouco para a frente e lentamente desfiz minha bermuda. Tirei minha cueca e assobieei com o contato. Eu estava tão excitado. Eu estava em um estado de semi ereção durante todo o dia, e isso estava prestes a ser doloroso.

Stuart olhou para mim como se estivesse morrendo de fome, e em um movimento, ele me lambeu da base à ponta e me levou para a boca dele.

Eu nunca iria durar muito.

Ele bombeou e me chupou, e no segundo que ele gemeu ao meu redor, meu orgasmo caiu sobre mim como uma bomba. Eu gozei com tanta força que quase desmaiei. O êxtase explodiu no fundo da minha barriga e disparou prazer ao longo de cada célula enquanto ele me chupava.

Fodaaaaa. Ele tinha uma boca talentosa.

Quando ele partiu, ele lambeu os lábios vitoriosamente, muito como o gato que comeu o canário. — Bem, é oficial — disse ele, pegando a garrafa de tequila. — Lamber, beber, chupar é o meu novo jogo favorito.



CAPÍTULO NOVE

STUART

Eu dobrei meu pau voltando-o para a minha sunga e caí no assento ao lado dele, meio encostado nele, nossos corpos se tocando do ombro aos pés. Sentindo-me um pouco bêbado e muito descarado, joguei minha perna sobre sua coxa e lhe ofereci a garrafa de tequila.

Ele levantou a mão e a deixou cair pesadamente na minha coxa. — Não, obrigado. Já tive o suficiente.

— Eu provavelmente também — eu admiti. — E eu não tenho mais limão aqui, e já chupei você, então estou sem coisas para chupar. A menos que você esteja pronto para voltar novamente.

Ele soltou uma risada e puxou o calção, escondendo-se. — Não imediatamente, não.

Não foi um não forte. Eu suspirei alegremente. — Hoje foi incrível. Não apenas esta noite e não minhas habilidades incríveis de chupar pau, ou as suas, devo acrescentar, mas o dia inteiro. — Minhas palavras estavam ficando um pouco arrastadas. — Estou pensando em desertar. Tipo isso, *A Caçada ao Outubro Vermelho*, mas em vez de russos, submarinos e Sean Connery, temos australianos, iates e você.

Ele deu um tapa na minha perna. — Se isso é como *A Caçada ao Outubro Vermelho* e você está desertando, você seria Sean Connery.

— Merda. Bem, tudo bem. Você está certo — falei com o melhor sotaque de Sean Connery de todos os tempos.

Ele riu. — Ok, isso foi ruim. Você parecia Billy Connolly tentando fazer um sotaque australiano.

Eu olhei para ele, tentando me concentrar. — Por que você não está bêbado?

— Estou acostumado com Alquimia.

Eu levantei a garrafa. — É uma boa tequila.

Sorrindo, ele pegou a garrafa e se levantou, então ele pegou minha mão e me puxou para os meus pés. — Você precisa estar na cama.

Deslizei minha mão pelas costas dele, puxando-nos para a frente e agarrei sua bunda. — Pensei que você nunca iria oferecer.

Ele riu. — Eu não estava oferecendo.

— Provavelmente é melhor — eu disse. — Estou um pouco bêbado.

— Só um pouco? — Ele ainda estava sorrindo para mim.

— Mas aceito remarcar.

Ele me ajudou a descer as escadas e depois para o meu quarto. — Vejo você de manhã.

— Sim, você vai — eu respondi, apontando para a minha cama. Parei, lembrando que ainda usava minha sunga. — Opa, esta não é um pijama. — Puxei-a para baixo e saí dela, deixando Foster dar uma boa olhada em mim completamente nu. Ele tinha acabado de colocar meu pau na sua boca, e então imaginei que tínhamos passado da modéstia. E olhe para mim, ele fez. Sorrindo, me ajoelhei na cama, apontei minha cabeça em direção ao travesseiro e caí para frente.

— Isso também não é pijama — disse ele. Ele parecia um pouco áspero, ou talvez eu estivesse apenas bêbado.

Abri os olhos para vê-lo ainda parado na porta me observando, então esfreguei minha bunda. — Se você quer me foder, eu não vou parar você. De fato, apenas ter um pau na minha bunda me tira do sério.

Ele deu um passo em direção à cama e eu fiquei quente por todo lado, pensando que ele faria o que eu queria. Ele poderia tão facilmente se ajoelhar na cama, me sentar, puxar sua bermuda e enterrar-se dentro de mim. Em vez disso, ele puxou o cobertor sobre mim. — Boa noite, Stuart — disse ele, saindo e fechando a porta atrás de si.

— Desmancha prazeres — eu murmurei, mas ele já se foi.

Eu abri um olho, vi que era luz do dia e corri uma lista de verificação manual sobre meu corpo. Estômago: ok. Cabeça: ok. Confiante de ter sobrevivido relativamente incólume, sentei-me e fiz outra avaliação.

Mesmo com o balanço suave do barco, eu me senti meio decente. Olhei para mim mesmo, vi que estava nu como no dia em que nasci e gemi. Então me lembrei de me despir na frente de Foster e oferecer a ele minha bunda. Que ele recusou... mas eu *estava* bêbado. *Maldito seja ele e sua moral honesta.*

Suspirei e esfreguei minhas mãos no rosto, resignei-me a pedir desculpas a ele, e então me lembrei dos boquetes que havíamos trocado no convés na noite passada. Eu sorri quando me lembrei do olhar em seu rosto, como ele soava, como provava...

Eu rolei para fora da cama, encontrei minha sunga no chão e a coloquei. Eu ajustei meu pau, que estava meio duro, me aliviei no meu banheiro, escovei os dentes e me refresquei. Não foi o suficiente para me acordar, e tudo que eu realmente queria era mergulhar na parte de trás do iate.

Abri a porta para encontrar a cabine vazia e fui para a cabine. Foster estava deitado no banco lendo algo no iPad, mas sentou-se quando me viu. — Oh, aqui está ele. Bom Dia! Como você está se sentindo?

— Eu: um. Tequila: zero. Exceto que não sei que horas são, e se não mergulhar na água neste segundo, precisarei reavaliar essas estatísticas.

Ele riu e acenou com a mão em direção ao oceano. — Seja meu convidado. Vou fazer um café da manhã para você. — Quando cheguei aos fundos, pouco antes de mergulhar, ele disse: — Ah, e Stuart?

Eu me virei para encará-lo. — Sim?

— São sete e quinze. — Então ele me olhou da cabeça aos pés e voltou a subir. — E fico feliz em ver que você esqueceu onde fica o resto do seu guarda-roupa.

Olhei para baixo e reajustei meu pau, mais para seu benefício que o meu. — De nada.

Sua risada foi a última coisa que ouvi antes de entrar de cabeça na água. Foi legal, fresco e tudo o que eu precisava. Eu podia sentir isso me consertando antes mesmo de quebrar a superfície. Realmente havia algo medicinal na água salgada. Flutuei de costas por um tempo, curtindo o sol no rosto e a forma como a água batia nos meus ouvidos, e quando subi a escada e entrei no iate, me senti ótimo.

Foster voltou para a cabine enquanto eu estava secando. Ele segurava um prato e uma xícara de café. — Para você.

Meu estômago roncou como se estivesse tentando sair do meu corpo. — Oh meu Deus, isso é um sanduíche de bacon e ovo?

— Claro que é. Achei que você poderia apreciar a gordura, o sal e a proteína.

Peguei o prato e levantei uma sobrancelha, deixando as piadas de proteína não ditas. Pelo jeito que ele meio que corou, eu não precisava dizer isso. Mas fiquei feliz por as coisas entre nós não serem estranhas. — Há quanto tempo você acordou? — Eu perguntei, pegando o café que ele ofereceu e bebendo.

— Desde as seis.

— Desculpe pela noite passada — eu disse, divulgando primeiro.

Ele se encolheu um pouco antes de educar sua reação. — Qual parte?

— Me despindo na sua frente e convidando você para me foder — eu disse, dando uma mordida no meu sanduíche. Foi absolutamente divino. — Oh meu Deus, isso é bom — eu murmurei com a boca cheia de comida. Depois de engolir, acrescentei: — A oferta ainda permanece, só para você saber, mas eu não deveria ter colocado você nessa posição. Ah, e não estou me desculpando pela coisa toda da tequila, lambar, beber, e chupar pau, porque não sinto muito pelo que aconteceu. Em absoluto.

Seu sorriso se tornou uma risada, suas bochechas rosadas. Eu acho que minha franqueza o surpreendeu. — Também não sinto muito. Contanto que você esteja bem com isso.

Lavei a refeição rápida com café. — Estou muito bem com o que aconteceu ontem à noite e ficarei feliz com isso acontecendo todas as noites. Ou dia. Mas eu me despindo e me plantando na cama e dizendo o que eu disse foi um pouco fora de linha. Me desculpe.

Ele assentiu devagar, e parecia que ele estava tentando não sorrir. — Foi... informativo.

Dei outra mordida e dei de ombros enquanto mastigava. — E também foi verdade.

Agora ele riu, mas mudou de assunto. — Como está seu café da manhã?

— Surpreendente. Apenas o que eu precisava. Entre o bacon, a cafeína e um rápido mergulho no oceano, me sinto ótimo.

— Bom.

— Quais são nossos planos para hoje? — Eu perguntei, terminando meu sanduíche.

— Fiz um pedido para ser buscado em Port Douglas depois de amanhã, então teremos que ir mais para o norte em algum momento. Mas o que faremos enquanto isso é com você. O que você quer fazer?

— Natação, mergulho, bronzamento, talvez uma soneca.

— Parece bom.

— Depois que ancorarmos hoje à noite, podemos fazer mais doses de tequila.

Ele deixou a cabeça cair para trás e gemeu. — Nós ficaremos sem limões nesse ritmo.

— Tudo bem. Enquanto tivermos o lamber e beber resolvido, podemos encontrar outra coisa para sugar.

Ele cobriu o rosto com as mãos e murmurou: — Você não tem vergonha.

— Nenhuma. — Eu tomei meu café. — E pelo olhar daquele sorriso que você está tentando esconder, acho que você não se importa nem um pouco.

Ele deixou as mãos caírem e me deu um olhar abrasador. — Eu pensei que era bastante óbvio ontem à noite que eu não me importei nem um pouco.

Eu ri, mas sabia o que estava por vir. — E aqui vem, *mas...*

Ele inclinou a cabeça. — O que?

— A parte em que você diz: 'Foi divertido e tudo, *mas*, isso não pode acontecer novamente.

Ele fez uma careta e olhou para a água. — Não há mas. Não de mim. Embora deva ser dito que eu não deveria estar em confraternização com os clientes, mas acho que já passamos por isso. Mas — ele disse a palavra devagar. — Eu não vou empurrar. Se você não dizer mais nada, não há mais.

Inferno, sim.

Eu lutei com um sorriso. — Não sei bem como dizer isso — fingi me concentrar muito. — Nnnnnnnoooooooo mmm... Como você disse isso de novo?

Ele sorriu e souou devagar. — Não mais.

Eu tentei novamente. — Nnnnoooo mmmm... — Eu balancei minha cabeça. — Simplesmente não consigo entender minha boca.

Ele revirou os olhos, sorriu e se levantou. — Tenho trabalho a fazer. Vou deixar você para seu banho de sol ou o que você quiser fazer primeiro.

— Oh, isso me lembra — eu disse, levantando-me na frente dele. — Vou precisar de ajuda com o protetor solar novamente. — Eu dei a ele um movimento das minhas sobrancelhas. — Se estiver tudo bem.

Ele mordeu o interior do lábio e olhou para mim por um longo segundo. — Você não pode ficar queimado de sol agora, pode?

Eu balancei minha cabeça lentamente. — Não. E mais tarde, antes de você se juntar a mim para nadar e mergulhar, posso retribuir o favor.

Ele emitiu um som baixo e grunhido que se curvou baixo na minha barriga, antes de desaparecer na cabine e voltar com protetor solar. Imaginei que, se estivesse sendo sedutor e sugestivo, posso muito bem jogar duro. — Como você me quer? — Eu perguntei, virando-me para ajoelhar no banco com as mãos levantadas no convés. Olhei por cima do ombro para encontrá-lo sorrindo e balançando a cabeça, então enfiei minha bunda um pouco mais. — Como isso?

— Você é um problema — disse ele, derramando protetor solar na mão. Ele passou a palma da mão no meu ombro e nas minhas

costas, duro e seguro, e assim que eu abaixei minha sunga na minha bunda, outro barco veio rondando o atol. — Oh, que pena — disse ele sarcasticamente. — Olhos curiosos fazem bom comportamento.

Eu ri. — Ou uma audiência apreciativa.

Ele riu de novo, mas não disse mais nada; ele apenas esfregou creme nas minhas costas e, quando terminou, ele se aproximou, pressionou-se contra a minha bunda e disse: — Tudo pronto.

Um prazer quente afundou nas minhas bolas, mas ele se afastou e riu quando eu gemi. — Você é um homem cruel — eu gritei quando ele desceu na cabine. Sua risada ecoou em mim.

— Você dá o melhor que pode — ele gritou de volta.

Eu reajustei meu pau e gemi novamente. Mas eu não podia estar bravo. Passei dois dias brincando com ele. Inferno, eu apenas me ajoelhei no banco e enfiei minha bunda nele. Peguei minha toalha e fui para o convés na frente do iate e me esparrei. Já estava quente. Apenas oito e meia da manhã e o sol estava abrasador.

Considerando que havia outros barcos por perto, eu não conseguia tomar banho de sol nu, então eu puxei minha sunga pelo meu traseiro para expor minha bunda ao sol. Puxei-a um pouco para cima, fazendo o tecido o menor possível, depois estendi meus braços e fechei os olhos.

Eu poderia ter adormecido facilmente, e talvez eu tenha dormido um pouco. Foi relaxante como o inferno, perfeito em todos os sentidos. Minha vida real em Brisbane estava a apenas mil

quilômetros de distância - ela também poderia estar em um planeta diferente.

Eu poderia esquecer a pressão, os prazos, os orçamentos, as taxas de juros, a economia global, o estresse. Eu podia sentir o sol trabalhando sua mágica, me administrando vitamina D. Isso me fez bufar. Com um pouco de sorte, eu estaria recebendo um tipo diferente de vitamina D hoje à noite.

Eu rolei para tomar sol no meu estômago e, novamente, empurrei minha sunga para baixo para obter um pouco de cor na minha linha bronzada. Então, algo que Foster disse voltou para mim.

Estávamos parando em Port Douglas, e eu tinha uma excursão de um dia reservada para entrar no Parque Nacional Daintree. Quando reservei as férias, imaginei que um dia de caminhada em terra firme pela floresta tropical aclamada pelo mundo, com Jason, seria uma boa mudança em relação a velejar.

Agora eu estaria indo sozinho, o que não era de todo ruim, embora tivesse que me perguntar se Foster queria se juntar a mim. Foi reservado e pago, afinal, para duas pessoas. Ele pensaria que eu era louco?

Solitário?

Suspirei.

Eu não queria ser arrogante, e não tinha dúvida de que ele tinha muito o que fazer no continente sem jogar de babá para mim.

Mas quem sabia... talvez ele nunca teve a chance de ir passear porque estava sempre ocupado ou talvez porque nunca lhe perguntassem se queria participar. E agora *era* apenas nós dois. Não era como se ele tivesse mais alguém para cuidar. Além disso, ele claramente não se opunha a passar um tempo comigo.

Bem, não fisicamente de qualquer maneira. Ele era apaixonado por sexo como eu. Cabia a mim dizer não, o que nunca iria acontecer.

Ele era sexy como o inferno, tinha um pau lindo, mãos fortes e uma boca talentosa.

Deus, sua língua, sua língua...

Só de pensar em sua boca, fiquei quente e incomodado de novo, e não tinha nada a ver com o sol do verão. Então, levei minha toalha de volta para a popa, deixei-a cair pela escada e mergulhei na água.

Era um azul que eu não conseguia identificar. Eu acho que a palavra cerúleo provavelmente a cobriu, mas ainda não fez justiça. O recife era tão bonito. Eu realmente entendi por que Foster escolheu vir para cá quando se afastou da corrida de ratos.

Se eu tivesse coragem de fazer isso, também era aqui que eu chegaria.

Essa percepção - de que eu nunca teria coragem de fazer o que ele fez, de estar ligado à vida que tinha em casa - deixou um peso no peito que me assustou. Foi uma sensação de afundamento que espremeu o ar dos meus pulmões, o que não teria sido tão ruim se

eu estivesse em terra firme. Mas eu não estava. Eu estava nadando sozinho no mar aberto. Nadei de volta ao iate antes que o aperto piorasse, antes que o peso me arrastasse para baixo. Agarrei a escada e recuperei o fôlego, agradecido por Foster não estar aqui comigo.

Isso foi um ataque de pânico? Ou o começo de um?

Jesus.

Eu fiz como minha médica me ensinou. Respirações profundas, repetidas, *eu estou no controle* em um loop em minha mente algumas vezes, e lentamente sai da água. Eu já tive momentos assim antes, mas nunca quando estava na água. A sensação esmagadora que eu mal conseguia controlar quando respirava oxigênio se tornou um jogo totalmente diferente quando não estava em terra seca.

Amarrei minha toalha em volta da cintura, sentei-me na parte de trás do iate com os pés na água, respirando tranquilamente até sentir o aperto recuar. Eu estava bem. Eu estava seguro. Eu estava no controle completo. Eu podia ouvir Foster conversando com alguém no rádio, confirmando uma ancoragem pelo som, e sua voz ajudou a me acalmar.

Ou talvez saber que não estava sozinho me acalmou.

Porque em casa, mesmo cercado por centenas de pessoas, associados, colegas, eu estava sempre sozinho. Mas aqui fora eu não estava. Era bastante irônico que na vastidão aberta do Mar de Coral e do Oceano Pacífico, eu nunca me sentisse tão sozinho.

Balancei minha cabeça e soltei um suspiro todo-poderoso, levantei-me e me aproximei da cabine. Foster estava no rádio, uma prancheta na mão, conferindo uma lista e ele me deu um sorriso surpreso. Ele claramente não esperava me ver tão cedo. Bati a mão no ombro dele para reconhecê-lo, mas entrei direto no meu quarto e fechei a porta.

Tomei banho e pendurei minha sunga sobre o corrimão para secar, vesti uma cueca e me arrastei de volta para a cama. Eu só precisava de espaço e tempo para entender o que acabara de acontecer. Um pensamento incômodo no fundo da minha mente me disse que eu deveria ligar para a minha médica e dizer a ela que eu tive um episódio enquanto nadava sozinho no oceano. Eu poderia ter me encontrado em um problema real se não estivesse tão perto do iate. Talvez isso tenha sido um pouco dramático demais e eu tenha reagido completamente. Ou talvez estivesse tão perto da verdade que me assustou.

Virei e encontrei meu telefone, mas não consegui ligá-lo. Eu temia as centenas de e-mails, chamadas perdidas, mensagens de texto e mensagens de voz que, sem dúvida, me bombardeariam assim que eu ligasse.

Em vez disso, puxei o lençol sobre meus quadris e fechei os olhos.

Uma batida suave na porta algum tempo depois me acordou. Um pouco sonolento, olhei para cima e vi Foster enfiar a cabeça pela porta. — Você está bem?

Eu me sentei. — Sim. — Minha voz estava rouca e passei a mão pelo rosto e pelos cabelos.

— Sua ressaca deve ter surgido em você — disse ele, mas havia preocupação em seus olhos.

— Não, eu estou bem — respondi. Olhei para baixo e vi que o lençol estava cobrindo a maior parte de mim, embora estivesse muito claro que eu estava usando cueca vermelha e nada mais. — Que horas são?

— Meio-dia. — Ele abriu a porta totalmente agora e encostou-se ao batente. — Eu apenas pensei em verificar se você estava bem. Você parecia um pouco pálido quando entrou. Você tem um pouco de cor agora.

— Sim, eu me sinto bem agora — eu disse, não admitindo abertamente como me senti antes. — O que há para o almoço? Precisa de mim para ajudá-lo? — Eu me afastei da cama e fiquei lá, vestindo nada além de cueca.

Foster me deu uma olhada e sorriu quando encontrou meus olhos. — Calvin vermelha hoje? Não estou exatamente desapontado, mas estava me acostumando com a sunga branca.

Eu me vi sorrindo para ele. — Lavei-a em água fresca. Mas não se preocupe. Ela voltará mais tarde. Ou eu poderia usar isso o dia todo. — Eu olhei para mim mesmo.

Ele sorriu como se gostasse da ideia. — Oh. Seu almoço está pronto. — Ele se virou e voltou para a cozinha, e eu relutantemente vesti um short. Quando ele me viu, ou melhor, quando viu que eu realmente vestia roupas, ele olhou duas vezes.

— Decepcionado? — Eu perguntei.

Ele me entregou um prato. — Talvez.

— Você pode tirá-los de mim mais tarde. — Eu olhei para o que ele nos fez para o almoço. — Isso parece muito bom.

— Salada de taco. Não é exatamente saudável, mas tem alface.

Eu inspecionei meu prato. — E feijão, tomate e queijo. Isso conta totalmente. E exatamente como me sinto, obrigado.

— Pensei que você estivesse de ressaca ... — Ele me estudou por um segundo. — Nada como tacos para consertar você.

— Você quer água? — Eu perguntei, abrindo a geladeira com a mão livre. Entreguei a ele uma garrafa de água e peguei uma para mim. Fomos até a cabine e sentamos no banco. Eu olhei para o outro lado do recife. — Você já se cansou dessa visão?

Foster riu e enfiou uma garfada de salgadinhos e salsa na boca. — Nunca.

— Fica cansado de eu te perguntar isso?

Ele bufou e mordeu a boca. — Não.

— Está muito quente hoje, no entanto. — Eu já podia sentir o suor na minha testa, escorrendo pelas minhas costas. — Vai ter tempestade ou algo assim?

Foster olhou para o céu muito azul e sem nuvens, depois olhou para mim como se eu estivesse louco. — Está apenas úmido. Tem certeza de que se sente bem?

Coloquei uma enorme colher cheia de salada na minha boca, levando algum tempo para mastigar e responder. — Eu me sinto muito bem. Ainda um pouco cansado. Nada que outro cochilo e algumas doses de tequila não resolverão.

Foster riu enquanto comia, depois acenou com a cabeça na minha água. — Apenas certifique-se de manter-se hidratado.

— Sim, pai.

Seu sorriso fez seus olhos brilharem como safiras. — Não tenho idade para ser o pai de ninguém, muito menos o seu.

— Oh, vamos lá, você é um papai gostoso.

Ele caiu na gargalhada, e eu decidi ali mesmo que precisava ouvir muito mais esse som. — Bem, eles não me chamam assim na minha cara.

Eu ri e terminamos nossos almoços em um silêncio agradável. Foi agradável. Apenas nós, toda a Grande Barreira de Corais, quilômetros do oceano e vários outros barcos espalhados ao nosso redor. Bebi metade da garrafa de água de uma só vez, percebendo que talvez estivesse um pouco mais desidratado do que imaginava.

— Diga-me, o que você fará enquanto estiver na turnê pela floresta tropical?

Ele encolheu os ombros. — Eu vou ficar a bordo.

— Fazendo o que?

— Limpando, reabastecendo, pegando alguns alimentos frescos.

— Não esqueça mais limões.

Ele limpou a garganta, tentando não sorrir. — E limão.

Agora fui eu quem começou a rir. Eu cutuquei seu pé com o meu. — Se você quiser perseguir seus tacos com uma ou duas doses, eu ficarei feliz em mergulhar no oceano para que você tenha um pouco de sal para lamber.

Ele sorriu, mas balançou a cabeça levemente. — Não se deve nadar diretamente depois de comer. Segurança na água, cara a cara.

— Bem, eu sou a favor de cara a cara.

Ele pegou meu prato. — Eu vou limpar o almoço. Você pega leve. — Quando desceu as escadas, ele disse: — E você não pode nadar de bermuda.

Quando ele voltou, eu estava deitado no banco, com meu short pendurado no leme. Minha cueca Calvin vermelha passava como sunga para qualquer barco que passasse. Foster empalideceu quando me viu, mas logo sorriu. — Não foi exatamente isso que eu quis dizer.

Fechei meus olhos para o sol. — Mas você não se importa.

— Humm — ele murmurou. Eu podia sentir seus olhos em mim, como dedos quentes em vez do sol. — Se vamos nadar ou fazer um mergulho, precisarei de ajuda com protetor solar. Se estiver tudo bem.

Abri os olhos e, sim, lá estava ele me olhando com o protetor solar na mão. — Devemos ser inteligentes ao sol, não devemos?

Ele me deu um sorriso malicioso. — Nós devemos.

Ele jogou o protetor solar para mim e tirou a camisa, colocando-a em cima da minha bermuda sobre o leme. Eu olhei diretamente para o short dele. — E você não pode nadar nele.

Ele riu e, me surpreendendo, abriu o botão e zíper e puxou o short para baixo. Ele saiu dele, parado ali vestindo nada além de cueca preta. Sua protuberância pendia confortável no material; seu corpo viu mais sol do que ele deixou transparecer. — Eu acho que você toma banho de sol nu.

Ele riu. — Não quando tenho clientes a bordo.

— Então, se eu nadar um pouco, você vai se despir completamente e deitar no convés?

Ele deu uma risada e olhou para o barco mais próximo. — Tenho certeza de que existem leis contra isso.

— Não há leis contra ficar nu em propriedades privadas.

— Não é a nudez que eles se importariam — disse ele, baixo e delicioso. — É assim que terminaria quando você voltasse do seu mergulho. No convés. À vista de todos.

Levantei-me e coloquei protetor solar na palma da minha mão, em pé na frente dele. Eu tinha certeza que ele tinha uma semi ereção. Eu andei em volta dele e esfreguei seus ombros com o protetor solar, provavelmente em pé mais perto do que era completamente necessário. — Parece que você pensou um pouco — murmurei. — Alguma preferência?

Ele soltou uma risada e se inclinou na minha mão. Esfreguei seus ombros, na parte inferior das costas, depois andei até a frente dele, certificando-me de que ele estava coberto. Sim, ele definitivamente tinha uma semi ereção. — Eu não sou a favor de... exibicionismo.

Esfreguei protetor solar em seu peito, em seus braços, em seus abdominais, observando cuidadosamente o que eu estava fazendo e gostando dele me ver fazer isso. Então, quando esfreguei um pouco mais, até o elástico de sua cueca, observei seus olhos. — Eu posso esperar o sol se pôr. — Meu olhar caiu em seus lábios, depois de volta em seus olhos. E cara, havia fogo neles agora. Inclinei-me apenas o suficiente para falar contra seus lábios. — Venha nadar comigo. Quero ser capaz de lamber o sal do seu corpo.

Sua respiração ficou presa e seus olhos arderam de desejo. — Você gosta deste jogo, não é?

— Que jogo é esse?

— A caçada. Ser implacável até conseguir o que quer.

— Eu sou bom nisso.

— Sim, você é.

— Mas eu nem sempre consigo o que quero, quando quero — eu disse, meus lábios quase roçando os dele. — Porque agora eu quero tanto te beijar.

— Por que você não faz? — Ele falou as palavras.

— Porque você disse que precisamos ir para o norte hoje. — Dei um passo para trás e sorri quando ele quase caiu para a frente. — E se começarmos alguma coisa agora, não iremos a lugar algum.

Ele balançou a cabeça, sem fôlego. A distância entre nós, quase um metro, parecia lhe dar clareza suficiente. — Você provavelmente está certo.

— Eu ainda quero que você nade comigo. — Entreguei-lhe o protetor solar e virei as costas para ele.

Ele esfregou protetor solar nas minhas costas e sua voz estava quente no meu ombro. — Por que isso?

Eu mal podia dizer a ele o verdadeiro motivo, que eu quase tive um ataque de pânico na água antes e fiquei meio assustado com isso. — Porque eu não quero você se masturbando aqui sem mim.

Ele riu. — É possível morrer de bolas azuis?

Eu ri. — Eu acho que pode ser. Mas não se preocupe, se você desmaiar, certamente darei boca... a boca.

Ele gemeu e agora estava tão perto que eu podia sentir o calor do corpo dele e sabia que provavelmente estava levando as coisas longe demais. Quero dizer, os jogos eram divertidos e tudo mais, mas

eu não queria ser cruel. Então me virei, peguei o protetor solar e derramei um pouco na ponta dos dedos. Passei suavemente por suas bochechas, descendo pela ponta do nariz, terminando com um *boop* na ponta. Então rapidamente passei no meu rosto e, quando ele terminou de esfregar o rosto, peguei sua mão e o conduzi para a parte de trás do barco. Pude ver que a escada estava abaixada, então, ainda segurando a mão dele, eu disse: — Pronto?

E nós pulamos.



CAPÍTULO DEZ

FOSTER

Nós brincamos na água, flutuando e rindo um pouco, então Stuart pegou o equipamento de mergulho e nadamos pelo que pareceram horas, mergulhando para olhar o recife e o peixes.

Era tão perfeito, e eu tive que continuar me lembrando que ele era um cliente.

Um cliente com quem, eu não tinha dúvida, estaria fazendo sexo mais tarde naquela noite. No que diz respeito à tensão sexual, estávamos agora fora da escala Richter.

Ele estava de volta ao seu sorriso, olhos brilhantes e entusiasmado com tudo o que encontrou sob a superfície. A certa altura, um peixe o assustou e eu ri tanto que tive que puxar para a superfície em busca de ar. Ele seguiu e tirou a máscara apenas para dizer para cair fora e me espirrar, mas ele estava sorrindo.

E seu comportamento agora, sua felicidade, era muito diferente de como ele estava nesta manhã. Ele meio que fingiu estar de ressaca, mas eu duvidava que fosse isso. Ele estava pálido quando entrou em seu quarto por um tempo, e não parecia uma ressaca para mim. Havia algo em seus olhos que me dizia o contrário. Então eu o deixei sozinho, pensando que ele só precisava de algum tempo de

inatividade, mas na hora do almoço, ele ainda não tinha saído, então eu bati na porta dele. Eu não tinha pensado que ele estaria dormindo. Assim que percebi que ele estava, eu me afastei, mas ele se mexeu.

O lençol o cobria, embora eu pudesse ver uma coxa e um quadril parcial. Ele parecia em paz por um breve segundo. E absolutamente lindo. Então ele se sentou, o lençol emaranhado em torno de seus quadris, seu cabelo estava meio bagunçado, e ele apertou os olhos e coçou a cabeça.

Foi adorável.

Eu queria subir na cama com ele e bagunçá-lo um pouco mais.

Mesmo quando ele subiu a escada para o iate diante de mim. Eu tive uma visão gloriosa de sua bunda naquela cueca vermelha, e quando ele me encontrou no topo, ele me entregou uma toalha. Ele esfregou a toalha sobre o cabelo, fazendo-o ficar todo preso. Seu sorriso foi devastador.

E aquela cueca vermelha era espetacular seca ou molhada? Eu queria conhecer Calvin Klein e beijá-lo.

— O que você está pensando? — Ele perguntou, um sorriso curioso nos olhos.

— Que Calvin Klein é um gênio.

Ele olhou para si mesmo, depois de volta para mim e sorriu.

— Klein não pode receber todo o crédito.

Eu bufei. — Não, ele não pode.

Ele riu também, depois olhou através do recife e suspirou. — Estamos em movimento novamente? Devemos puxar a âncora?

— Sim. Você quer estar no comando de novo?

Seu riso se tornou um sorriso. — Eu estou sempre no comando. Mas se você quer dizer que eu quero estar no leme, então não. Você pode dirigir desta vez. Vou sentar e assistir o mestre no trabalho.

— Sempre no comando, hein? — Eu rebati. — Não foi isso que você me disse antes.

Ele amarrou a toalha na cintura, sentou-se, esticou-se e cruzou as pernas nos tornozelos; relaxado e confortável. — Não, eu disse que gostava de ser fodido no colchão, mas isso não significa que não estou no comando.

Eu soltei uma risada. — Se você diz.

Ele colocou a cabeça para trás, fechou os olhos para o sol e sorriu. — Eu posso te mostrar mais tarde.

Meu pau se animou com suas palavras, mas deixei o assunto cair por enquanto. Ele estava certo; nós precisamos nos mover. — Vamos, pareça vivo — eu disse, dando um tapa em seu ombro enquanto passava. Ele abriu os olhos quando eu subi no convés. — Eu vou pegar a vela principal. Você pega a âncora.

Não muito tempo depois, estávamos navegando. Eu estava atrás do leme, mas ele se sentou comigo, assistindo nosso curso, verificando nossa profundidade e, como sempre, fazendo perguntas.

Fomos para o norte e seguimos um ritmo constante em direção ao lado leste do recife de Arlington. Era a central de turismo, mesmo em um dia ruim, e havia muitos barcos por perto. Mas os ventos estavam do nosso lado e, se eu precisasse mudar de rumo, Stuart segurava o leme e ouvia todas as instruções. Foram poucas horas de navegação, mas eu queria me abrigar dentro da ferradura do recife de Arlington, atrás do Oyster Reef durante a noite. A água ficaria calma, podíamos ancorar na areia sem nos preocupar com os danos nos recifes, podíamos mergulhar, nadar e depois grelhar um pouco de bife.

Ah, e tomar doses de tequila e lambar o sal do corpo um do outro.

Sim, não vamos esquecer isso.

O rosto de Stuart, quando estávamos navegando, era pura alegria. Assim que pegamos o vento, cortamos a água como uma faca, e parecia que estávamos voando, e seu sorriso poderia ter iluminado toda a costa leste.

Ele levantou o punho contra o vento e soltou seu grito de liberdade de — wooooo — e isso me fez rir. E isso restaurou sua energia, porque quando finalmente ancoramos, com olhos brilhantes e certo ou errado, ele queria fazer tudo. — Nade antes do jantar — sugeriu. — Podemos fazer um mergulho no recife, e até andar em águas rasas, se pudermos.

Eu verifiquei a hora. — Se formos rápidos.

Ele desapareceu e voltou quinze segundos depois com o equipamento de mergulho nas mãos e um sorriso estampado no rosto. E meio minuto depois, estávamos mergulhando. O recife de Arlington era popular por um bom motivo: era espetacular. A maioria das fotografias publicitárias da Grande Barreira de Corais foram tiradas aqui. Havia até um flutuador permanente onde os barcos fretados podiam parar e deixar o bando de turistas.

Mantivemos nossa distância disso. Stuart não tinha que dizer que preferia privacidade - eu via decepção em seu rosto toda vez que outro barco entrava no coral. O recife em si era enorme e tínhamos escolhido um local remoto, então, no sol da tarde minguante, estávamos por nossa conta.

E ele era um profissional no mergulho subaquático agora. O sorriso de Stuart se ampliou a cada coisa diferente que via: o peixe, o coral, as arraias, as tartarugas. Ele dominou toda a coisa do mergulho e até entendeu os sinais da minha mão.

Estar com ele assim era especial. Eu raramente conseguia um tempo pessoal, e mesmo que isso fosse tecnicamente um trabalho e ele fosse meu cliente, não parecia. Senti como se estivesse de férias, mostrando pela primeira vez um recife a um amigo e tínhamos todo o Mar de Coral para nós; apenas ele e eu.

Parecia incrivelmente pessoal.

E, quando voltamos para o iate, eu estava tentando inventar desculpas válidas por que aquilo era ruim.

Eu não conseguia pensar em uma.

Na próxima semana, ele voltaria à sua vida em Brisbane e eu pegaria minha próxima excursão fretada. A vida continuaria. Então, por que não aproveitar isso como era? Por que não pensar nesta semana como umas férias paga?

Stuart certamente não se opôs.

E da dor em minhas bolas e minha semi ereção permanente, meu corpo também não se opôs.

— Aqui — disse Stuart, pegando minha máscara de mergulho. Acabamos de subir a bordo do iate e eu mal tinha terminado de enrolar minha toalha em volta de mim. — Eu vou limpar isso. Você começa o jantar e, quando eu terminar, vou pegar uma bebida para nós.

— Oh, certo — eu disse. — Eu esqueci, você está no comando aqui.

Ele me deu um sorriso por cima do ombro enquanto ele tratava dos seus negócios. Mas fiz o que ele sugeriu e, quando desceu do convés, estava apenas de cueca vermelha; a toalha dele se foi. Ele percebeu que eu notei. — Toalha está secando ao sol — disse ele. Ele olhou para minha virilha. — Quer que eu pegue a sua?

— Agora não — respondi. — Não gosto de cozinhar enquanto estou quase nu. — Eu também não gostei dele puxar a toalha para revelar o semiproblema que eu estava usando.

— Justo. — Ele olhou em volta da cozinha. — Onde posso cortar alguns limões?

Coloquei o bife na frigideira, esperando o som chiar antes de falar. — Não é um pouco cedo para lamber, beber, chupar?

Ele sorriu. — Eu realmente ia pegar algumas cervejas primeiro, mas se você quiser começar com coisas difíceis, não vou dizer não. — Ele lambeu o lábio inferior e seus olhos brilharam com malícia. — Aposto que estamos cobertos de sal. Pode levar muita lambida

Eu tentei não sorrir muito. — Limões estão na geladeira; tábua de corte no armário ao lado da pia. E uma cerveja vai ficar bem.

Ele encontrou tudo o que procurava, depois fatiou um limão enquanto falava sobre a incrível tartaruga que havíamos visto enquanto mergulhávamos. Ele ficou maravilhado com a magnificência de tudo, balançando a cabeça como se não pudesse acreditar no que tinha visto antes de pegar duas cervejas da geladeira, abrir as tampas, deslizar uma fatia de limão e me entregar uma.

— Você fica complacente com isso? — Ele perguntou, tomando seu primeiro gole. — Você já pensou, que já viu tudo isso antes?

— Nunca. — Eu balancei minha cabeça e virei o bife. — Você não pode tomar isso como garantido. Eu não tomo nada disso como garantido. Nem o recife, nem o clima, nem esse trabalho, nada disso.

De qualquer forma, não há duas viagens iguais. É diferente a cada vez.

Ele tomou um gole de cerveja. — Como assim?

— Bem, eu posso chegar ao mesmo recife, mas o pôr do sol nunca é o mesmo. As pessoas que eu trago aqui nunca são as mesmas.

— Já teve um cliente que você considerou jogar ao mar?

Eu sorri e bebi minha cerveja. — Não. Eu tive muita sorte. Tive algumas barreiras linguísticas, mas os sorrisos são universais. E, engraçado, o mesmo acontece com a música tema do Jaws.

Ele começou a rir, mas depois perguntou: — Você viu muitos tubarões?

— Ah com certeza. A maioria é inofensiva, mas não todas. — Tirei o prato da chapa e servi algumas folhas verdes e salada de batata. — Tubarões são apenas um risco ocupacional. Alguns idiotas também costumavam tentar se aproximar das arraias. Até Steve Irwin⁶. Agora eles as respeitam um pouco mais.

Ele assentiu devagar. — Eu aposto que eles fazem. Alguma vez um cliente tentou pegar coral?

— Uma vez. Agora eu garanto que eles conhecem as regras. As pessoas são muito boas nisso. — Deslizei nossos pratos sobre a mesa e nos sentamos.

⁶ Era aquele cara famoso na TV conhecido como O Caçador de Crocodilos, ou apenas Steve Irwin. Ele foi um naturalista australiano especialista em animais selvagens e celebridade televisiva. Ele adquiriu fama mundial através de seu programa O Caçador de Crocodilos (1996–2007), co-estrelado por sua esposa, Terri Irwin. Morreu em 2006, aos 44 anos, após ser atingido fatalmente por um aguilhão de raia.

— A propósito, isso parece muito bom — disse ele. — Obrigado.

— De nada.

— Estou surpreso com a minha fome. Quero dizer, em casa, eu nunca como lanches, e certamente não comeria carboidratos assim - ele disse, enfiando um pedaço de salada de batata na boca. Ele cantarolou sua apreciação.

— Você ficaria surpreso com a quantidade de energia que você queima nadando e mergulhando. — Então eu adicionei: — Você não precisa se preocupar com sua dieta aqui.

— Bem, carboidratos são meus inimigos. Mas proteína — ele disse, balançando uma sobrancelha. — Agora, doses de proteína estão sempre no meu cardápio.

Revirei os olhos. — Então o bife vai lhe fazer bem.

Ele riu e nós comemos o resto da refeição conversando sobre o que estava acontecendo no mundo. Ele limpou a cozinha depois do jantar, e eu fui até a cabine para verificar se tudo estava bem para a noite. Quando caminhei pelo convés perto do alojamento mister, ele veio da cozinha com um prato de limões cortados em uma mão e a garrafa de tequila na outra. — Sobremesa está servida.

Eu deixei minha cabeça cair para trás e gemi, e assim que voltei para a cabine, ele me entregou a garrafa. — Não seja um desmancha-prazeres. — Então ele olhou para o oceano para o pôr do sol e, mais especificamente, para a falta de outros barcos. — Oh,

você deveria ver isso... todo mundo se foi. Isso significa que podemos jogar este jogo aqui. — Ele me entregou o prato de fatias de limão, aproximou-se, manteve os olhos nos meus enquanto se inclinava e lambia do meu mamilo até a garganta, enviando um arrepio através de mim e depois tomou um gole de tequila. Ele enfiou um pedaço de limão na boca, estremeceu e sorriu. Ele balançou a cabeça e gemeu. — Cara, isso é bom.

Ele ainda estava apenas vestindo sua cueca vermelha. Eu podia ver o quão bom ele pensava que era.

— Sua vez, mas primeiro — disse ele, em seguida, puxou minha toalha, revelando meu calção e aquela maldita semi ereção que eu tive o dia todo. — Hum. Isso é muito melhor — Ele sussurrou. Então ele segurou uma fatia de limão entre os dentes e estendeu os braços abertos. — Lamba-me.

Então eu fiz.

Lambi sua clavícula, peguei a garrafa de tequila e tomei um gole, depois abri meus lábios e deslizei o pedaço de limão na boca. Ele se entregou rapidamente, agarrando a parte de trás do meu pescoço e me beijando, o limão indo de sua boca para a minha.

Ele não esperou que eu recuperasse o fôlego. Ele lambeu meu pescoço até minha orelha, chupando o lóbulo entre os lábios, depois se afastou para saborear a tequila. Eu mal conseguia pensar direito, muito menos pegar um pedaço de limão para ele. Ele sorriu e, puxando o elástico da minha cueca, estourou uma fatia de limão para

que ficasse no topo, logo abaixo do meu umbigo. — Oh meu Deus, olhe para isso — ele disse ríspidamente antes de cair de joelhos. Ele se ajoelhou diante de mim, com as mãos nos meus quadris, e cutucou o nariz no cume do meu pau no meu calção, depois agarrou o limão entre os lábios e o puxou para fora.

O filho da puta atrevido.

Ele enfiou a língua no limão e, mantendo-o na boca, subiu até a altura máxima. Seus olhos se fixaram nos meus, cheios de calor e desafio. Eu terminei com jogos. Eu o empurrei para que ele se sentasse no banco, sua surpresa morrendo rapidamente quando peguei seu mamilo entre os dentes. Ele arqueou as costas, projetando os quadris para a frente, procurando qualquer atrito que eu pudesse lhe dar.

Ele arrancou o limão da boca. — Oh merda — ele gritou quando eu revirei o mamilo entre os dentes. Ele agarrou meu rosto com as duas mãos e me levantou para um beijo. Nossas bocas trancaram, línguas giravam e provavam. Mas não foi suficiente, nossos corpos não podiam se tocar assim. Não estava nem perto o suficiente.

Então eu o empurrei, gentilmente pedindo que ele se deitasse ao longo do banco, e ele me puxou para baixo com ele. Nós éramos um emaranhado de membros e línguas. Eu estava debruçado sobre ele, nossos paus alinhados, nossos peitos, nossas bocas. Meu Deus, ele poderia beijar.

Ele passou as mãos sobre mim, minhas costas, minha bunda, me moendo em cima dele. Era meio estranho, não uma posição ideal, mas eu estava excitado demais para parar. Se eu me afastasse agora, poderia muito bem me matar.

Então ele deslizou a mão entre nós, e depois de um pouco de confusão, ele teve nossos paus em seu punho. Deslizando, escorregadio e foi mágico.

Tão bom.

— Oh merda, você se sente incrível — ele sussurrou, sua voz quase sem fôlego. Então ele gemeu e empurrou seus quadris como se estivesse perto.

Eu esmaguei minha boca na dele, e ele pegou minha língua, gemendo e bombeando, e era tudo demais e muito bom. Eu peguei seu punho, seu pau quente e duro contra o meu, liso e escorregadio, e tão fodidamente bom.

Eu quebrei o beijo para poder falar. — Eu vou gozar.

— Foda-se sim, vamos lá.

Eu me afastei, e nós dois olhamos entre nós, nossas cabeças deslizando através de seu punho, uma e outra vez, e meu orgasmo caiu sobre mim. O prazer rolou pelo meu corpo, varrendo e consumindo tudo, e eu atirei em seu peito e barriga. Seu aperto aumentou quando ele gozou, seu pau pulsante ordenhou o último do meu orgasmo de mim enquanto o dele veio junto com o meu em sua pele.

Ele estremeceu, depois soltou uma risada de dor. — Puta merda — ele murmurou.

Incapaz de ficar de pé mais, caí para frente, sujando a bagunça entre nós, e enterrei meu rosto em seu pescoço. Ele cheirava ao oceano, a sexo, a nós, e eu inalei por tudo o que valia. — Você está bem? — Eu finalmente perguntei.

Ele riu de novo. — Muito.

Eu me aconcheguei e fechei os olhos, apesar dos ângulos estranhos das minhas pernas. — Eu deveria limpar você — eu sussurrei. — Não sei se consigo me mover.

— Poderíamos simplesmente pular no oceano — sugeriu. — Eu diria que poderíamos tomar banho juntos, mas não há como ambos nos encaixarmos nos chuveiros deste barco.

Eu me afastei dele, meu corpo desossado protestando a cada movimento enquanto eu me levantava. — O oceano é então.

Ele olhou diretamente para o meu pau, pendurado meio duro da minha cueca, depois para a minha barriga e peito até onde o nosso gozo agora cobria minha pele. — Porra, isso é lindo.

Eu ri, um pouco envergonhado, mas então notei que seu pênis estava saindo de sua cueca, sua barriga coberta pelo nosso gozo. Estávamos iluminados apenas pelas luzes da cabine, e isso lhe dava um brilho quente. — Sim.

Ele sorriu, levantou-se e puxou a cueca para baixo e saiu dela. — O que? — Ele respondeu meu olhar interrogativo. — Está completamente escuro. Ninguém pode nos ver.

Não tão brincalhão quanto ele, eu me escondi de volta, mas pulei no oceano com ele. Somente quando eu emergi, ele rapidamente me encontrou, passou os braços em volta dos meus ombros, as pernas em volta da minha cintura, e ele me beijou.

Não pude ficar na água por muito tempo e, quando começamos a afundar, começamos a rir. — Eu deveria nadar nu com mais frequência — disse ele, sorrindo. O luar fez seus dentes brilharem.

— Só que o peixe pode confundi-lo com um saboroso verme do mar. Especialmente à noite.

Seus olhos se arregalaram e ele nadou para o iate, mas minha risada deve ter me revelado. Ele pegou a escada em uma mão e salpicou-me com a outra. — Não é engraçado.

Exceto que meio que era.

Eu o segui para fora da água, não antes de assistir seu glorioso traseiro nu à luz da lua. Gotas de água brilhavam como diamantes enquanto corriam por seu corpo, e eu queria pegá-las, prová-las... Ele jogou minha toalha para mim, me distraíndo de encarar sua forma nua. — Gosta de algo que você vê?

Eu dei um tapa no meu rosto e segurei seu olhar. — Você sabe que eu gosto.

Seus lábios se curvaram de um lado, e ele olhou por um longo segundo. Então, abruptamente, olhou para a água e se secou antes de amarrar a toalha na cintura. Ele estava se cobrindo, se protegendo, e eu sabia que ele estava prestes a me perguntar algo que o deixava vulnerável.

Ele fazia isso toda vez.

Quando ele estava em exibição, quando estava atraindo algo que queria, exibia orgulhosamente seu corpo, deixando sugestivamente sua semi ereção à vista na sua sunga ou cueca. Mas assim que algo se tornou pessoal ou ele se sentia vulnerável - como se sentiu quando perguntou se eu estava vendo alguém - ele se cobriu. Aparentemente, a modéstia andava de mãos dadas com sua vulnerabilidade. Eu me perguntava se era por isso que ele era tão cruel em uma sala de reuniões; seu terno caro era uma armadura. Mas aqui e agora, ele estava exposto. Ele balançou a cabeça e me deu um sorriso tenso antes de se virar para entrar na cabine.

Agarrei seu braço. — Você quer me perguntar uma coisa? — Eu solicitei.

— Não, está tudo bem.

— Certo?

Ele assentiu, então eu soltei seu braço. Ele desceu para a cabine e pegou a garrafa de tequila. Ele segurou-o em uma mão, a tampa na outra. — Quer outra bebida?

Eu bufei. — Não. Eu preciso de água.

O sorriso dele estava de volta. — Eu também.

Descemos para a cabine e fechei a porta atrás de nós. Stuart colocou a tequila de volta no armário de bebidas, depois pegou duas garrafas de água fria e me entregou uma.

— Obrigado — eu respondi. — Então, você tem um dia no continente amanhã.

Ele assentiu devagar e tomou um longo gole de água da garrafa. — Sim. Eu nunca estive em Trinity Beach ou no SkyRail. Ouvi dizer que é muito legal. Você esteve?

— Não há anos. É incrível. Você vai amar.

Ele balançou a cabeça novamente, uma expressão estranha no rosto. — O que você fará enquanto eu estiver fora?

Ele já me perguntou isso... — Um pouco de limpeza, lavar a roupa, reabastecer a geladeira. Você sabe, todas as coisas divertidas.

Ele tomou outro longo gole de água, o pomo de Adão deslizando para cima e para baixo da maneira mais perturbadora. Então ele agarrou a pia atrás dele e me perguntei se ele estava desequilibrado, mas não, parecia que ele estava se preparando.

— Você poderia vir comigo? Fazer o passeio de um dia pela floresta tropical. Então podemos obter qualquer alimento que quisermos nos mercados. Eu até te compro o jantar e você volta a bordo às nove horas amanhã à noite.

Se eu estivesse seguindo a voz dele somente, seu tom despreocupado, um leve encolher de ombros, eu poderia ter pensado

que era um convite descartável. Mas suas bochechas estavam tingidas de rosa, e suas juntas estavam brancas onde ele agarrou a pia, e ele prendeu a respiração esperando que eu respondesse.

Duas coisas ficaram muito claras para mim naquele momento. Primeiro, não era frequente que ele fizesse perguntas para as pessoas que ainda não sabia a resposta. E dois, essa pergunta, esse convite para passar o dia com ele, não era apenas um convite para passar o dia com ele. Era mais do que isso. Para ele, pelo menos. Era ele se tornando vulnerável, querendo algo que não estava totalmente preparado para admitir que queria. Ele tinha medo de rejeição; ele estava com medo que eu o rejeitasse. Era bastante óbvio que ele não se colocava lá fora com muita frequência, e eu queria saber o porquê.

Eu encontrei seu olhar e vi o medo do fracasso em seus olhos, o medo de finalmente encontrar a coragem de pedir algo que ele queria, apenas para receber não. O medo de colocar seu coração em risco, apenas para ser ridicularizado.

Então, o Sr. Cara figurão de finanças corporativas era humano, afinal. Havia uma fenda em sua armadura perfeitamente polida. Ele poderia pensar que era uma falha, mas para mim, isso o fez melhor. Havia camadas que eu queria descascar, explorar.

Isso estava se tornando mais do que apenas uma aventura de férias. Estávamos passando de amigos com benefícios, para outra coisa. Era como se meu namorado fingisse fantasia de férias a cada minuto.

Eu queria passar o dia com ele no continente? Caminhar, fazer compras, sair para jantar? Inferno sim, eu queria.

Eu não ligo para o meu sorriso me denunciando. — Certo.

Minha resposta o chocou. — Realmente?

Fui até ele, inclinei meu corpo contra o dele e o beijei. Sem tequila, sem água, sem jogos. Coloquei minha mão em seu rosto e aprofundei o beijo, provocando sua língua com a minha. Um longo beijo. Minutos celestiais, ficamos ali, abraçados, provando um ao outro. Eu terminei o beijo, apenas para beijá-lo novamente, suave e doce, antes de me afastar. — Sim, com certeza. Parece bom. No entanto, precisaremos zarpar para o porto bem cedo.

— Então você está dizendo que eu deveria ser um bom garoto e ir dormir cedo também — ele perguntou, com os lábios molhados e carnudos. — E sozinho.

— Oh, sim — eu respondi, dando um passo para trás. — Se eu te levar para minha cabine, não iremos para o continente amanhã.

Ele lambeu os lábios e sorriu, seus olhos indo da minha boca para os meus olhos. — Mas amanhã à noite?

Soltei uma risada ofegante e tive que me afastar, ou o levaria para o meu quarto. Porra, ele era tão sexy. — Boa noite, Stuart.

Seu enorme sorriso foi a última coisa que vi antes de fechar a porta.

CAPÍTULO ONZE

STUART

Eu levantei cedo, apenas antes das seis - pensando que poderíamos avançar, mas encontrei Foster ao leme na cabine e já estávamos navegando. O que explicaria o balanço do barco. — Oh, manhã — eu disse, subindo as escadas para o cabine. — Eu pensei que estava agitado. Eu me perguntei se o tempo havia mudado.

— Bom dia — ele respondeu com um sorriso. — E não, estamos atravessando a água, indo para o oeste, para o continente. Mas não é muito difícil.

Eu olhei para a água. Foi bom o suficiente, mas estávamos indo contra a corrente, se você preferir. — Você acordou cedo.

Ele sorriu enquanto dirigia, sem tirar os olhos da proa do iate. — Sim, tenho uma importante viagem de um dia com esse cara gostoso planejada. Não quero chegar atrasado.

Revirei os olhos para embotar o meu sorriso. — Tanto faz.

Ele riu. — Não, eu quero atracar enquanto a maré está chegando.

Isso parecia uma coisa mais Foster. — Quer que eu comece o café da manhã?

Ele olhou para mim. — Você não precisa...

— Eu posso fazer torradas — eu resmunguei, voltando para a cabine. Sim, eu era cliente dele, mas *era* apenas nós dois. Eu também poderia ajudá-lo puxando meu peso para fazer algo. Dez minutos depois, levei um pouco de torrada e café até ele, entregando cuidadosamente o café, nossos dedos roçando.

— Obrigado — disse ele com aquele sorriso sempre presente. Ele tomou um gole de café, mas parecia relutante em tirar a outra mão do leme para comer sua torrada.

Então, me sentindo um idiota, enfiei na frente da boca dele. — Morda.

Ele riu, mas mastigou, e eu continuei a alimentá-lo até o fim. Quando ele pegou o último pedaço, eu tirei as migalhas do lábio inferior com o polegar, o que fez seus olhos brilharem nos meus, e um rosa sexy tingiu suas bochechas.

Bem, isso foi interessante.

— Nós, uh — ele começou, agora se concentrando intensamente na terra à nossa frente. — Chegaremos em cerca de trinta minutos.

— Então é melhor eu me arrumar para este encontro quente — eu respondi, tocando levemente seu braço quando voltei para o convés.

Banho tomado, vestido, com o café da manhã lavado e seco, subi as escadas quando ouvi Foster conversando com alguém. Era apenas sobre o tempo ou algo assim, mas estávamos obviamente

atracados e, com certeza, Foster nos levou de volta ao píer, nos estacionando como se fosse um carro, em uma longa fila de barcos de tamanho semelhante.

A vela já estava pronta, tudo parecia arrumado, e Foster sorriu quando pisou com facilidade no cais e manobrou a amarração em torno de um poste, como se fosse a coisa mais fácil do mundo. Ele o amarrou em algum tipo de nó chique e recuou a bordo.

— Só assim, hein? — Eu perguntei, espantado com o quão habilidoso ele era. Como ele sabia fazer tudo isso...

— Assim mesmo — ele respondeu, ainda sorrindo. Então ele me olhou de cima a baixo. — Oh, bom ver que você realmente arrumou algumas roupas. Eu estava começando a pensar que você só trouxe sunga e roupas íntimas.

Eu olhei para a minha camisa branca, short da Merrells de couro cinza. — Toda essa roupa me custou uma pequena fortuna. — Dei de ombros. — Mas eu posso ir na minha sunga, se você quiser? Tenho certeza de que os locais não vão se importar.

— Se a polícia não o prender por exposição indecente.

— Usar sunga não é ilegal.

— É se ela é branca e completamente transparente quando molhada.

— Ponto justo. — Eu ri. Então eu sussurrei: — Apenas não me molhe... enquanto estivermos em público de qualquer maneira.

Posso te dar uma visita particular mais tarde esta noite; molhado ou seco é com você.

Ele fez um som grave e baixo. — Sua roupa hoje está bem. Melhor do que bem, na verdade.

Ele era fácil demais. — Obrigado.

— Você tem tudo o que precisa?

— Sim. Eu só preciso da minha carteira.

— Sem telefone?

Eu balancei minha cabeça. — Não. Não vou ligá-lo novamente até que eu absolutamente precise.

— Boa ideia. — Ele desceu do barco para o píer e estendeu a mão. — Você está bem?

Peguei sua mão, quente e forte, atravesssei, não tão suavemente quanto ele, mas não caí, por isso tomei como vitória. — Eu estou bem. — Olhei a marinha em direção à cidade de Trinity Beach. Passava um pouco das sete, então eu assumi que todos os barcos de pesca já estavam fora e os barcos de passeio estavam se preparando para sair também. Ele tinha cronometrado perfeitamente.

Eu havia me organizado para pegar um carro alugado na marinha, então resolvemos tudo isso e, quando caminhávamos para o carro, fui para o lado do motorista e toquei as chaves nele. — Agora eu sou o capitão.

Foster revirou os olhos com tanta força que parecia doer. — Então, onde primeiro, capitão?

Eu ri, mas entramos no carro e apertamos o cinto. — Bem, eu tenho ingressos abertos para o SkyRail, a casa das borboletas, entrada no parque nacional. Vamos fazer isso primeiro. Eles terão lugares para comer, tenho certeza. Então, quando terminarmos de ser turistas totais durante o dia, podemos chegar ao mercado de suprimentos e, a essa altura, poderemos encontrar um lugar agradável para o jantar.

— Parece bom. Um problema, no entanto.

— O que é isso?

Ele estava lendo um panfleto que a senhora de aluguel de carros havia lhe dado. — O SkyRail não abre até as nove. O lugar das borboletas às dez.

— Então, um segundo café da manhã na praia é o primeiro.

Ele riu. — Parece ainda melhor.

— Mas as primeiras coisas primeiro — eu disse, ligando o carro e saindo do estacionamento. — Você vai ter que me direcionar, porque eu não sei aonde diabos estou indo.

Ele riu e apontou para a frente. — Pegue a sua primeira esquerda.

Ele me direcionou para Trinity Beach, onde encontramos um café na praia. Sentamos, pedimos um café da manhã enorme e o comemos olhando o oceano. Ele sorriu para a jovem garçonete, riu com ela quando ela escreveu algo errado e disse que nada era problema.

Então, tipicamente Foster. Sorrir ao sol, nada é um problema, basta seguir o fluxo. Muito longe da vida corporativa.

Bebi meu suco. — Você sabe, às vezes eu olho para você e posso ver como você teria sido cruel e afiado em finanças. E então, às vezes, como agora, não consigo imaginar nada.

Ele inclinou a cabeça, divertido. — Como assim?

Respirei fundo, querendo dizer isso corretamente. — Quando penso em finanças, fusões e aquisições, penso em ternos, prédios e céus cinzentos. Então eu vejo você aqui, e é sol amarelo, céu azul, areia branca, água do mar. São polos opostos e é difícil conciliar.

Ele sorriu como se o resumo o agradasse e colocou um triângulo de abacaxi fresco na boca. — Porque eu não sou mais esse homem. Isso não é quem eu sou agora. Se você tivesse me conhecido há seis anos, não teria me reconhecido. Acho que a única vez que sorri foi quando fechamos um acordo.

Suspirei, mas ele não terminou.

— E você acha que sua descrição de cenários monocromáticos e sombrios em casa versus o sol e a felicidade aqui está tentando lhe dizer uma coisa?

— Como o quê?

Ele me olhou bem nos olhos. — Você não é feliz lá.

Mudei o garfo no meu prato vazio para que ele ficasse às doze e seis. — Talvez.

Ele nunca disse nada de volta. Talvez ele soubesse que eu tinha mais a dizer. Talvez ele estivesse usando o truque mais antigo do livro corporativo: deixe o silêncio e a pessoa desconfortável falará primeiro. Talvez eu tenha me apaixonado por isso.

— Eu não sou feliz lá — eu admiti. Dificilmente foram notícias de última hora. Qualquer pessoa disposta a olhar poderia vê-lo. — Não foi apenas minha ideia tirar essas férias.

— Seu chefe viu que você estava prestes a quebrar?

Eu balancei minha cabeça. — Minha médica.

Isso o parou. Ele franziu a testa e seus olhos se estreitaram na mesa entre nós. — Se você não está feliz, isso é uma coisa. Mas medicamento...

— Medicamento, eu estava indo para um ataque cardíaco ou derrame — eu disse, admitindo mais do que queria. — Pressão alta, insônia. Como se minha mente estivesse presa na quinta marcha, entendeu o que eu quis dizer?

Ele olhou para mim então, e havia algo quente em seus olhos. — Sei exatamente o que você quer dizer.

Não duvidei dele, e foi bom, até reconfortante, poder falar com alguém que realmente entendia o que eu estava passando. Então eu limpei minha garganta e disse a ele o que eu nunca tinha dito a mais ninguém. — Eu tive alguns ataques de pânico. Eu não sabia o que eles eram a princípio. Minha cabeça ficou toda espaçosa e meus pulmões ficaram tensos. Eu pensei que estava tendo um ataque

cardíaco, ou mais uma coisa de pressão arterial. Eu não sabia o que diabos era isso. De qualquer forma, depois de uma série de exames e consultas, minha médica me disse que era ansiedade, e eu ri dela. Eu balancei minha cabeça com o quão estúpido tudo isso parecia. Quero dizer, como eu, Stuart Jenner, tinha ansiedade? Estou no topo do meu jogo. Eu sou o cara que todo mundo quer ser. Telefonemas, compromissos, clientes, e-mails. Estou com tanta demanda, meu PA⁷ tem um PA. Parece ridículo, certo?

Foster balançou a cabeça lentamente. — Não para mim. Parece que você está a um telefonema, um compromisso, um cliente, um e-mail longe de ser um Foster Knight.

— Afastando-se de tudo o que eu já conheci em um iate particular nos trópicos?

Ele quase sorriu. — Bem, eu não sei sobre o negócio de fretamento privado, mas indo embora, sim.

Eu encontrei os olhos dele. — Eu não sou tão corajoso quanto você.

Ele estendeu a mão e pegou minha mão na mesa. — Sim, você é. Como você disse, você pula aros pela concorrência. Isso leva bolas.

— Sim, mas eu conheço esse mundo. Não sei como não ser esse cara.

Ele apertou minha mão. — Eu poderia dizer que basta um salto de fé, mas não é exatamente isso. É um caso de fazer ou morrer.

⁷ Assistente Pessoal

Literalmente. É preciso chegar a um lugar na sua vida em que você não tem outra opção senão ir embora. Mais um minuto vai te matar.

Concordei porque ele acertou tudo que eu tentei resumir. Minha voz era apenas um sussurro. — Quando você sabe? Quando você sabe que chegou a esse ponto?

Ele me deu um sorriso que fez meu coração pular uma batida. — Confie em mim, você saberá. — Ele ainda segurou minha mão. — Você sabe do que você precisa?

— O que é isso?

— Você precisa de uma rápida caminhada pela praia depois da quantidade de comida que acabamos de comer. Então você precisa de um dia de passeios e caminhadas e um jantar relaxante com vista para o oceano. Algumas cervejas, talvez algo mais.

Ele tinha um brilho nos olhos que combinava com seu sorriso. Isso me fez sorrir em troca. — Haverá tequila diretamente da garrafa? Lamber, beber, chupar é o meu novo jogo favorito.

Ele riu. — Não tenho certeza se a tequila é necessária, mas com certeza.

Bebi o resto do meu suco, feliz por a seriedade de antes ter desaparecido. — Estou feliz por não termos decidido jogar com martinis. Não tenho certeza para onde as azeitonas iriam.

Ele riu e se levantou, segurando a minha mão. — Vamos lá, vamos liberar algumas dessas calorias ridículas que acabamos de inalar. — Acenamos um adeus à garçonete, descemos os degraus até

a areia e nos afastamos de onde os turistas e moradores agora estavam andando pela cidade.

— Não posso contar a última vez que comi ovos, bacon e torradas.

— Vai fazer um mundo de bem. — Disse Foster. — Que tal fazer hoje o dia em que Stuart faz muitas coisas que ele normalmente não faria. Quero ver você sorrir o dia inteiro e, quando voltarmos a bordo hoje à noite, quero que me diga que teve o melhor dia de todos os tempos.

Eu parei de andar — Bem, se você me der um final feliz quando voltarmos ao barco, tenho certeza de que será.

Ele riu e empurrou meu ombro. — Isso não foi o que eu quis dizer.

— Mas?

Ele passou o braço em volta do meu ombro e começamos a caminhar até a água, subindo a praia. — Mas isso depende. Você disse que gostava de ser fodido *no* colchão. Isso foi algo metafórico, ou estamos falando literalmente, *dentro do colchão*, porque isso pode ficar estranho.

Agora fui eu quem riu. — Tenho certeza de que ficaria feliz com qualquer um, para ser honesto.

Ele sorriu serenamente para a água. — Isso é legal, né? Andando pela praia, meu braço em volta do seu ombro?

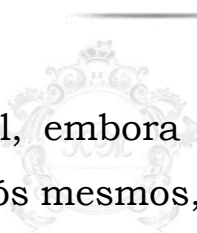
Eu assenti. — Sim é. E se estivermos marcando as coisas da lista 'Stuart nunca fez', podemos adicionar isso.

— Nunca?

Eu balancei minha cabeça. — Nunca tive tempo.

Ele me apertou e depois passou o braço em volta do meu pescoço como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Bem, estou feliz por ser seu primeiro.

A questão era que eu tinha a sensação de que Foster poderia ser o meu primeiro em muitas coisas. — Eu também.



O Skyrail⁸ foi incrível, embora eu estivesse esperando que tivéssemos um vagão para nós mesmos, mas um casal mais velho de cabelos grisalhos estava atrás de nós, as portas nos fechando. Eles estavam sentados de frente para nós, com sorrisos gentis o suficiente, mas eu podia ver em seus rostos que eles não sabiam o que fazer com nós. Dois caras sentados perto o suficiente para tocar do joelho ao ombro. — Bom dia para isso — Foster solicitou.

— Certamente é — respondeu a senhora.

E então houve um silêncio constrangedor, e quando chegamos à primeira das duas paradas e ficou bem claro que eles não estavam saindo, Foster agarrou minha mão e, rindo, saímos do vagão.

⁸ O Skyrail Rainforest Cableway é um teleférico panorâmico de 7,5 km que corre acima do Parque Nacional Barron Gorge, nos Trópicos Molhados da Área de Patrimônio Mundial de Queensland.

Havia duas paradas ao longo do SkyRail que permitiam que as pessoas saíssem e explorassem a floresta tropical, e dado que o guia na base explicou que a segunda era mais popular, fiquei feliz por termos saído no início.

Nós tínhamos a trilha para nós mesmos.

O ar estava denso e úmido pela vegetação da floresta tropical, barulhento por pássaros. Tudo estava com todos os tons de verde possíveis, e a luz solar filtrada cobria o caminho. Foi meio que perfeito.

Foster sorriu quando me encarou. Ele segurou os dedos e liderou o caminho ao longo do trajeto.

— Tenho certeza de que é assim que alguns dos episódios de *Os Mais Procurados da Austrália* começam — brinquei quando ele me puxou mais fundo ao longo do caminho da floresta. — Ou 'Chapeuzinho Vermelho'. Eu deveria ter usado minha camisa vermelha.

Sua risada ecoou nas árvores, os pássaros respondendo no alto. Então ele parou e me puxou contra ele e disse: — Meu, que lábios lindos você tem.

— Melhor para chupar pau — eu respondi, sorrindo.

Ele riu. — Eu estava indo para 'melhor para beijar você', mas isso funciona. — Então ele me beijou, casto e doce, enviando uma emoção pelo meu corpo. Meu coração bateu forte e meu sangue

pareceu elétrico, mas ele se afastou muito rápido e sorriu quando me levou mais adiante no caminho.

A floresta era linda; a caminhada foi revigorante. Foi cansativo, usando músculos que eu não usava há anos, mas me senti tão bem. Nós rimos, conversamos, levamos um tempo, sem pressa. Nunca foi estranho que demos as mãos ou roubássemos beijos de vez em quando. Estávamos agindo como namorados, e isso deveria ter sido estranho, mas não era. Parecia tão natural, tão certo. E se as férias nos permitiram romper com nossa realidade e ser outra coisa, então por que questionar?

Foster certamente não estava questionando quando ele agarrou minha mão ou passou o braço pela minha cintura. A maneira como ele sorria, tão livre, sem estresse, sem um cuidado no mundo - quase me deixou sem fôlego.

Tirei fotos dele na frente de samambaias tão grandes que seus braços estendidos não podiam medir. Na frente de árvores que o faziam parecer minúsculo, na frente de vistas que simplesmente não se comparavam ao homem em foco. — Hora da selfie — ele falou quando estávamos de volta ao SkyRail. A visão atrás de nós era incrível, mas, sério, quando vi aquela foto de nossas cabeças juntas, nossos enormes sorrisos, quase não me reconheci.

Eu parecia feliz.

Quando chegamos ao fundo, pegamos um almoço no café e nos sentamos sob as árvores do lado de fora para comê-lo. Ele era tão

descontraído, como se nós tínhamos todo o tempo do mundo, e eu percebi que, então, observando-o, era que sua tranquilidade não vinha da falta de vida corporativa estressada e em ritmo acelerado.

Veio de dentro. Como se ele tivesse encontrado o Zen ou algo assim.

Eu não podia nem ficar com ciúmes porque o admirava demais.

— Stuart? Você está aí? — Foster estava me olhando estranhamente.

Ele obviamente estava tentando chamar minha atenção. — Oh, desculpe. Só pensando. O que você disse?

— Eu perguntei se você estava pronto para ir?

Eu olhei para a minha embalagem vazia de sanduíche, que eu não lembrava estritamente de comer, terminei minha água e assenti. — Sim.

Ele ficou de pé e estendeu a mão, me puxando rapidamente. Jogamos nosso lixo na lixeira e, cerca de trinta minutos depois, chegamos ao Santuário da Borboleta. Agora, verdade seja dita, eu não pensei que seria o meu caso, e só concordei em ir porque o agente de viagens me convenceu, mas se encaixava no meu tema 'coisas que Stuart nunca fez' durante o dia.

Entramos na casa das borboletas e, de repente, foi como se tivéssemos entrado em um conto de fadas; a cúpula tinha uma sensação mágica, com vegetação e, em pouco tempo, estávamos cercados por borboletas. E não apenas sua variedade média de

jardins, mas também enormes e de cores vivas. Algumas eram azuis, outras eram verdes, outras eram do tamanho de pássaros.

O guia nos contou sobre a luta para salvar as espécies e como a borboleta azul, a grande e linda, havia sido salva por um doutor da Tasmânia. Tivemos que segurar laranjas cortadas ao meio em nossas mãos, e elas voaram até nós.

Elas eram tão delicadas, tão notáveis. Eu nunca tinha considerado borboletas antes, mas fiquei completamente encantado. E pelo olhar no rosto de Foster, ele sentiu o mesmo.

Quando o passeio terminou, fizemos um passeio guiado de safari pelo parque, pelos rios, pela floresta e, sentados no caminhão aberto, Foster pegou minha mão e a segurou em sua coxa. — Isso é meio especial, não é?

Meus olhos dispararam para os dele, imaginando sobre o que ele estava falando. Nós? Conseguir passar o dia um com o outro, fingindo sermos namorados? Foi isso que ele quis dizer?

Ele riu e acenou com a mão livre em um arco. — Todo esse lugar. Aquelas borboletas eram apenas... Uau.

— Foi incrível — eu respondi, não deixando minha decepção aparecer. Porra. Por que eu fiquei decepcionado? Certamente ele não poderia estar falando de mim. Ou nós. Não havia nós. Eu era seu cliente pagador. Eu estava literalmente pagando para ele passar o dia comigo...

Mas então ele passou os dedos e cutucou seu ombro no meu.
— O dia todo foi incrível. O SkyRail, as borboletas. Aqui, com você.
Tudo isso. Obrigado.

Eu fingi que não estava corando, que suas palavras não fizeram meu coração bater. — O que você está me agradecendo?

— Por me convidar. Por me pedir para passar o dia com você.
— Ele apertou minha mão. — Não me divirto tanto há anos.

— Eu pensei que cruzar as ilhas tropicais era sua ideia de diversão — eu disse, cutucando seu ombro dessa vez.

— Isto é. Mas também há diversão em terra. Estou tão acostumado a estar na água que não achei que conseguiria andar direito.

Eu me inclinei mais perto e sussurrei: — É isso que todos os meninos dizem?

Ele riu e apertou seu aperto. — Não sei. Você terá que me avisar amanhã.

Putá merda. Ok, então nós dois estávamos na mesma página sobre o que queríamos hoje à noite. — É bom saber disso. Vou mantê-lo informado.

Ele riu e o guia parou de falar para nos encarar. Eu me senti como um garoto da escola apanhado por conversar em sala de aula, e Foster esperou até o guia começar a falar novamente antes de se inclinar para mim para abafar sua risada.

Ele sorriu de volta a Palm Cove e acho eu que também. Prometi a ele um jantar chique e, como estávamos vestindo shorts e camisas, o mais extravagante que nosso código de vestimenta permitia era um bar e churrasqueira à beira-mar. Nos foi dada uma mesa para dois no convés e pedimos uma cerveja cada um, enquanto passávamos pelo menu e pela lista de vinhos.

Estava ficando tarde. Nós estávamos literalmente fora o dia inteiro, e a vista das palmeiras sobre a água enquanto o sol se punha era realmente espetacular.

A companhia era ainda melhor.

Foster me contou como, quando ele começou seu negócio, as pessoas estavam céticas em relação ao cara da cidade que não duraria mais de uma semana. Mas ele provou que estavam errados, conquistou-os com seu charme e sua capacidade de ouvir e aprender.

— E tenho certeza que esse sorriso também ajudou — acrescentei.

Ele riu. — Talvez. Mas eles logo descobriram que eu estava aqui para ficar e que eu tinha um bom negócio. Não estou aqui para ganhar milhões. Estou aqui pelo estilo de vida. Eu me preocupo com o meio ambiente, e isso me rendeu alguns votos.

— Então, você já é local? — Eu perguntei.

Ele bufou. — Jim Scott, o dono da empresa pela qual contrato, está aqui há quarenta anos e acabou de se tornar um membro local.

Eu ri disso. — Clube exclusivo, hein?

Pedimos um jantar de peixe-espada, medalhões Wagyu ribeye e salada. Foster escolheu o vinho branco para nós, e nós comemos à luz de velas e das lâmpadas. Foi, sem dúvida, o jantar mais romântico da minha vida.

Não planejado, sem script e completamente inacreditável.

Eu queria que durasse para sempre. Queria que essas férias de fantasia fosse minha vida real e agora, além de voltar para um emprego que não queria, voltaria a ficar sozinho.

Para não ter isso. Perder isso. Eu nunca soube que queria isso, até agora. Eu pensei que tudo que eu queria na vida era uma conexão casual, sem compromisso. Era tudo o que eu sempre tive tempo, e funcionou bem para mim até agora.

Até Foster.

Até eu saber o que estava perdendo.

— O que você faria — começou Foster — se você deixasse sua vida em Brisbane e se mudasse para cá?

— Aqui?

Ele encolheu os ombros. — Bem, em qualquer lugar. Se você não estivesse mais em fusões e aquisições, o que Stuart Jenner faria? Ficar em Brisbane? Mudar?

Bebi meu vinho enquanto pensava na minha resposta. — Eu não sei. Eu... Eu nunca pensei nisso antes. Quero dizer, eu pensei sobre isso - Deus, eu sonhei com isso - mas o que posso fazer? Não sei fazer mais nada.

Ele olhou para mim, sem piscar. — Sim, você sabe.

— O que? Modelo para sunga?

Ele riu. — Claro que sim. Eles seriam tolos para não te contratar.

Revirei os olhos e tomei outro gole de vinho.

— Você lê o mercado de ações — ele disse seriamente. — Você conhece finanças. Você prevê tendências que podem moldar a economia.

— Sim, mas você disse que se eu não estivesse mais em finanças.

— Então, por que você não pode mudar para aconselhamento financeiro?

— Porque eu não sou qualificado.

— Você se qualificaria em pouco tempo. Inferno, você poderia trabalhar no mercado de ações para ganhar a vida.

— Eu pensei que deveria estar encontrando algo menos estressante.

Ele riu de novo. — Discreto, a longo prazo. Você sabe como isso funciona para um investidor individual.

— Por que você não fez isso? — Eu rebati. — Se é assim tão fácil.

— Eu brinco no mercado de ações, de vez em quando. Mas eu tenho o emprego dos meus sonhos.

Agitei o vinho em volta do copo, sem tirar os olhos dele. —
Você faz isso parecer fácil.

— Isto é. Você vai ver. Um dia você alcançará esse ponto, esse ponto de inflexão, onde, se não for embora, sentirá como se estivesse morrendo. Espero que não. Eu realmente espero que você não. Mas...

— Mas eu já estou perto?

Ele olhou para mim por um longo momento. — Eu não te conheço muito bem, Stuart. Mas acho que te conheço bem o suficiente para saber que você quer sair.

Eu ri, um som calmo e amargo. — Veja? É aí que você está errado.

— Você não quer sair?

Eu balancei minha cabeça. — Não, não isso. Você disse que não me conhece tão bem. Foster, você é a única pessoa no planeta que me conhece.

CAPÍTULO DOZE

FOSTER

O jantar foi perfeito, então eu tive que arruiná-lo falando sobre o trabalho dele, sobre ele sair e voltar para um emprego, para uma vida, que ele odeia. A luz em seus olhos se apagou assim que eu mencionei, e me arrependi no segundo em que aquelas palavras estúpidas saíram da minha boca.

Eu precisava fazer as pazes com ele. Eu precisava distraí-lo e melhorar seu humor novamente. Tivemos o melhor dia. O melhor, se eu estava sendo honesto, e não queria que terminasse com uma nota amarga.

Eu não queria que isso terminasse.

Então ele me disse que eu era a única pessoa a conhecer o verdadeiro ele. Jesus, eu o conhecia há alguns dias. Nós discutimos assuntos pessoais. Ele admitiu algumas coisas que seus colegas nunca poderiam saber sobre seus sonhos e sua saúde. Tive a sensação de que ele estava sendo ele mesmo comigo, e odiava que ele fosse reservado em sua vida real.

— Obrigado — eu disse.

— Pelo que? — Seu tom era de descrença, frustração, resignação.

— Por hoje. Por me convidar para acompanhá-lo. Eu tive um dos melhores dias que tive em eras. E obrigado por me mostrar quem você realmente é.

Ele quase se encolheu, estreitando os olhos. — Você faz parecer que isso é algo ruim.

Eu balancei minha cabeça lentamente, sem tirar os olhos dele. — Oh não, Stuart. Exatamente o oposto. É uma coisa muito boa.

Ele olhou para a mesa, e uma dúzia de emoções cruzou seu rosto no tremeluzir das luzes das lâmpadas. — Não tenho motivos para ser nada além de mim mesmo com você.

Estendi a mão e peguei sua mão. — É por isso que estou agradecendo. É um privilégio testemunhar.

Ele balançou a cabeça como se pudesse recusar fisicamente o meu elogio. Eu supus que elogios profissionais faziam parte do trabalho para ele, mas qualquer coisa remotamente pessoal estava fora dos limites. — Não precisamos ir ao supermercado? Eu preciso ter o carro de volta às nove, então...

— Então, vamos lá — eu disse, levantando-me.

Ele insistiu em pagar — porque eu te convidei, Foster, é o certo — então eu o deixei, e fiquei um pouco feliz por não estarmos voltando direto para a marinha. É verdade que compras de supermercado não eram um prelúdio romântico para... bem, qualquer coisa, mas me deu a chance de fazê-lo sorrir antes de voltarmos para o iate.

Eu tive melhor do que um sorriso, no entanto. Assim que atravessamos as portas, havia uma enorme caixa de limões e limas, e Stuart riu enquanto ensacava cerca de vinte.

— Acho que não precisaremos de tantos — tentei argumentar.

— Haverá muito lamber, beber e chupar.

Eu me encolhi. — Eu tenho sérias preocupações com o meu fígado.

Ele riu e se aproximou. — Eu tenho sérias preocupações por minha bunda, porque eu sei o que você está carregando. Então estamos quites.

Eu ri mais alto do que provavelmente era educado em uma mercearia e, assim, voltamos a sorrisos, toques suaves e olhares aquecidos. Os tópicos mais sombrios da realidade foram deixados para trás por enquanto.

Nós escolhemos frutas e vegetais frescos, cortes de carne e frutos do mar. — Quer algumas ostras? — Eu perguntei, olhando no congelador.

As narinas de Stuart se alargaram e ele fez uma careta. — Não sou um fã. Mas por todos os meios, você pode. Ouvi dizer que são... benéficos.

Eu bufei. — Não. E alguns camarões frescos?

— Sim, parece bom.

Quando terminamos, balancei a cabeça em direção ao corredor mais distante. — Corredor pessoal. Devemos dar uma olhada? —

Comecei a andar e ele o seguiu, mas quando parei na seção de preservativos e lubrificante, ergui uma sobrancelha. — Algum favorito em particular?

Ele encolheu os ombros. — Na verdade, eu arrumei um pacote de doze. Eu tinha minha mala pronta antes que o Sr. Babaca decidisse que ele preferia não se juntar a mim. Eu nunca os tirei.

— Oh. — Peguei um tubo de lubrificante.

— E lubrificante. Eu estou sempre preparado.

Eu bufei. — Quantos estão na mochila que você disse que tem? — Eu perguntei.

— Doze.

— Humm. — Eu fingi considerar isso. — E quantos dias temos? Isso será suficiente?

Ele riu. — Não me provoque assim. Ou eu vou te cobrar por isso.

— Nós atracaremos novamente somente em três dias, então devemos estar bem até lá — brinquei. Peguei um óleo de massagem sensual e joguei na cesta. — Se você tiver sorte, eu vou deixar você me fazer uma massagem de corpo inteiro.

Ele bufou. — Caramba, valeu. Mas só para você saber, eu não seria terrivelmente contra. Na verdade, quanto mais penso nisso... — Ele teve um olhar distante nos olhos e depois reajustou a virilha. — Sim, talvez eu não devesse pensar nisso.

Passei a mão pelas costas dele e pela bunda dele, apertando-a. — A última parada é no departamento de bebidas. Então voltamos ao iate onde você pode pensar sobre tudo o que quiser.

Chegamos ao caixa e ele olhou para a cesta. — Estou pagando por isso — afirmei, sabendo o que ele estava prestes a dizer. — Faz parte do seu passeio. — Realmente não havia muita coisa, para ser honesto, e ele já havia pago pelo jantar...

— Vou pegar o álcool — disse ele, percorrendo os registros, onde não podia ir com minhas mercadorias não pagas. — Isso é justo.

Suspirei. Não pude discutir; ele já tinha saído, e o caixa estava sorrindo para mim com expectativa. Carreguei nossas coisas e, quando terminei, ele voltou com um sorriso de uma milha de largura, carregando uma caixa de Corona com uma garrafa de tequila Alquimia Reserva de Don Adolfo Extra Añejo por cima. — Isso era completamente necessário? — Eu perguntei quando saímos em direção ao carro.

— Completamente.

Eu não podia nem o castigar por gastar tanto dinheiro. Afinal, era para ser um fretamento totalmente provido, mas seu sorriso era tão bonito que eu não pude fazer nada além de sorrir em troca. Acho que as regras mudaram muitas coisas quando éramos apenas nós dois.

Eu acho que muitas coisas mudaram.

Entregamos as chaves do carro e transportamos nossos suprimentos pelo cais até o iate. Havia algumas pessoas por aqui, algumas luzes acesas aqui e ali, mas na maior parte estávamos sozinhos. Stuart colocou a caixa de cerveja na mesa de jantar. — Então, ficamos ancorados aqui a noite toda ou começamos a nossa próxima parada?

— Nós ficamos aqui. Por quê? Você não quer?

— Oh, não, eu não me importo de qualquer maneira. Eu apenas me perguntei, se o iate balançar demais, as pessoas perceberão. — Ele sorriu. — Eu odiaria ser interrompido quando você encontrar o seu ritmo. Se você sabe o que quero dizer...

Eu sorri enquanto guardava as compras. — Oh, eu sei o que você quer dizer. Mas este iate tem taxas de deslocamento de água muito boas. Não vai balançar muito.

Ele colocou a garrafa de tequila no balcão ao meu lado e beijou a parte de trás do meu pescoço, seu corpo pressionando contra mim. — Sabe disso por experiência própria?

— Não pessoalmente — respondi. Eu não quis parecer tão sem fôlego, tão desesperado. Eu deixei minha cabeça cair sobre seu ombro e ele beijou ao longo do meu pescoço. — Outras pessoas...

Ele parou no meu ouvido, sua respiração quente. Sua língua fez meus joelhos fracos. — Você nunca transou com ninguém em seu próprio iate?

— Não. — Segurei o balcão para me impedir de me virar. — Sempre o mantive em terra, se é que você me entende.

— Esta não é sua casa? — Ele perguntou, me empurrando com mais força contra os armários, seu pau pressionado quente e duro contra a minha bunda.

Eu mal conseguia gerenciar uma resposta de uma palavra. — Sim.

Ele moeu contra mim, devagar e com força. — Então eu serei o primeiro cara que você fode aqui?

— Sim.

Ele claramente gostou disso porque derreteu contra mim e seu pau pulsou. — Minha cama — ele murmurou — ou a sua?

— Minha, sua. Eu não me importo. — Eu tentei me virar, mas ele me manteve preso. Eu podia sentir seu sorriso quando ele beijou meu pescoço.

— Você quer uma dose de tequila? Quer lamber o sal do meu corpo?

Eu balancei minha cabeça. — Não. Eu não preciso disso. — Eu me virei e ele me deixou. Seus olhos estavam escuros e seu sorriso predatório. Pude ver por que ele tinha uma lista de amigos com benefícios. Se ele olhou para alguém do jeito que estava olhando para mim agora... — Não preciso de coragem e não quero o inibidor — disse. Eu segurei sua camisa e o puxei para perto, nossos quadris alinhados, minha ereção contra a dele. — Eu quero sentir tudo.

Suas narinas queimaram e ele esmagou sua boca na minha em um beijo consumidor. Quente e apaixonado, sua mão foi para o meu rosto, meu cabelo, segurando meu pescoço, e ele me empurrou contra a pia. Quando ele finalmente recuou, estava sem fôlego e seus lábios estavam molhados e carnudos. — Tranque a porta, capitão. Seu garoto da cabine precisa de uma foda muito boa.

Jesus.

Eu quase gozei naquele momento. Eu tive que me apertar para conter o prazer. Ele sorriu como um idiota convencido e entrou no quarto, tirando a camisa enquanto passava.

Certo, então.

Mova-se, Foster.

Entrei em ação, fechando a porta da cabine e trancando-a. Apaguei as luzes e o encontrei vestindo apenas roupa íntima. Ele sorriu quando a deslizou para baixo, observando meus olhos quando ele saiu dela. Ele foi até a mala, pegou uma caixa de preservativos e uma garrafa de lubrificante e jogou-os na cama. Ele ajeitou uma toalha no meio do colchão e me deu um sorriso sujo enquanto se ajoelhava sobre ela.

Seu pênis se projetou, duro como uma rocha. Ele se deu um bombear lento. — Eu estava esperando por isso — disse ele.

— Sem pressão então — eu disse.

— Oh, eu sei que você vai fazer isso bom para mim, Foster. — Ele quase ronronou as palavras. Ele se inclinou, me mostrando a

bunda mais deliciosa que eu já vi, fazendo um show enquanto pegava o lubrificante e passava no dedo. Então ele se endireitou, estendeu a mão e esfregou o dedo sobre o buraco.

— Oh merda — eu respirei.

— Você quer me ver se foder? — Ele perguntou. — Ou você gostaria de realmente ficar nu em algum momento e fazer isso por mim?

Ele disse que estava no controle no quarto, e eu não deveria ter duvidado dele. Eu ainda estava lá olhando para ele e ele gemeu quando deslizou um dedo para dentro. Era um som gutural, uma mistura de prazer e impaciência. Eu peguei a dica e me despi, apertando meu pau com força. Nesse ponto, eu iria gozar antes mesmo de estar dentro dele.

Ajoelhando-me na cama atrás dele, passei a mão pela parte inferior das costas, pela sua bunda, espalhando-a para que seu dedo tivesse melhor acesso. — Você é tão gostoso — eu murmurei. — Jesus, Stuart, eu poderia gozar apenas observando você.

Ele riu, áspero e desesperado. — Não essa noite. Hoje à noite, preciso de você em mim. Agora, Foster. Eu não estou brincando.

Peguei um embrulho de papel alumínio e rasguei-o, rolando a camisinha pelo meu pau e dando um puxão nas minhas bolas. Isso seria embaraçoso.

Porra! Controle-se, Foster.

Eu me lubrifiquei, depois meus dedos. — Tire sua mão — eu disse.

Stuart fez o que eu pedi, mas arqueou as costas, empurrando a bunda e olhando para cima. — É melhor você se apressar e colocar algo dentro...

Segurei seu ombro e empurrei um dedo dentro dele, fazendo suas palavras morrerem em sua garganta. — Isso é apenas um dedo.

— Foda-se sim — ele gemeu.

Coloquei meu dedo dentro e fora algumas vezes, lenta e profundamente. Ele era quente e apertado e tão fodidamente receptivo. Ele emitiu um som profundo que se tornou a palavra — mais.

Então eu adicionei um segundo dedo e ele arqueou novamente, empurrando minha mão. *Porra. Ele estava adorando.* — Você gosta disso? — Eu perguntei.

— Quero mais. Precisa de mais — ele gemeu, sua cabeça pendendo para trás como se estivesse perdido pela sensação. — Seu pau. Por favor.

Oh, doce Senhor, tenha piedade.

Puxei meus dedos e ele choramingou, então me arrastei atrás dele, as costas de suas coxas encostadas contra mim. Usando uma mão para agarrar seu quadril e a outra para me guiar dentro dele, eu empurrei.

Ele me levou, tudo de mim, tão perfeitamente, tão completamente.

Ele gemeu quando cada centímetro de mim o encheu. Agarrei seus quadris e parei quando estava enterrado o mais fundo que pude, para me firmar, para respirar.

— Foda-se, Stuart — eu sussurrei contra sua espinha. Ele estava basicamente montando em mim, sentado no meu pau, um cowboy invertido, suas costas contra a minha frente. — Você está bem?

Ele gemeu, longo e alto, com a cabeça no meu pescoço. Ele estava ofegando e choramingando. — Mova-se em mim.

Revirei meus quadris e ele se levantou, gritando. Ele agarrou meu cabelo e, a princípio, pensei que o machuquei, mas ele balançou em mim, tentando foder. — Faça isso de novo — ele implorou. — Mais.

Então eu fiz, e ele reagiu da mesma maneira. Eu fiz isso várias vezes e ele se empurrou e eu estava correndo em direção ao meu orgasmo; mais rápido, mais intenso, mais poderoso do que qualquer outro que eu já senti. Eu não conseguia parar, nem mesmo se quisesse.

— Stuart, eu vou — eu resmunguei.

Ele jogou a cabeça para trás e um grito estrangulado rasgou de seu peito quando ele gozou, faixas de gozo sobre a toalha. Ele enrijeceu, apertando meu pau, e eu empurrei nele até quando meu

orgasmo obliterou meus sentidos. A visão e o som desapareceram quando a felicidade implodiu dentro de mim. Gritei enquanto enchia a camisinha, e ele grunhiu a tempo com a pulsação dentro dele.

Ele caiu contra mim, suas mãos alcançando minha cabeça. Eu nunca queria deixar seu corpo. Eu nunca queria que isso, aqui mesmo, terminasse. Nem esse sentimento, nem esse momento.

Coloquei um braço em volta do seu peito e gentilmente o abaixei no colchão, pressionando meu peso nas costas dele. Eu ainda estava dentro dele, e ele suspirou. Passei minhas mãos pelos braços dele e, quando cheguei às mãos dele, ele rapidamente segurou os dedos. — Eu nunca quero me mover — eu sussurrei, beijando sua nuca.

Sua voz era lânguida e rouca. — Fique dentro de mim e eu gozarei novamente.

Eu ri. — É assim mesmo?

— Sim. — Ele respondeu tão rápido e com certeza, como se fosse a verdade honesta de Deus.

— Eu preciso tirar a camisinha — eu murmurei, mas não tentando me mover.

— Coloque outra e volte para dentro de mim.

Eu ri de novo e lentamente puxei meus quadris para trás até me soltar dele. Descartei o preservativo e, quando olhei para Stuart, ele ainda estava na frente, segurando outro invólucro de papel alumínio. — Eu não estava brincando.

Eu pisquei e olhei para o meu pau gasto. Ok, ainda estava meio duro, mas eu não tinha certeza... — Depois *deste* orgasmo, não tenho certeza se posso.

Ele sorriu. — Oh, acredite, você tem outro em você esta noite.

Eu bufei e me ajoelhei na cama, subindo de volta ao seu corpo. Eu beijei sua bochecha, a base de sua coluna, depois até seu pescoço. — Como você sabe?

Ele cantarolou, apreciando meus beijos suaves. — Eu só sei.

— Sexo com você é bom pra caralho — eu permiti.

— Apenas bom?

— Surpreendente. O melhor que já tive.

Ele começou a se virar — O melhor.

Empurrei seu ombro de volta para a cama, segurei-o e sussurrei em seu ouvido. — Não deixe isso ir à sua cabeça.

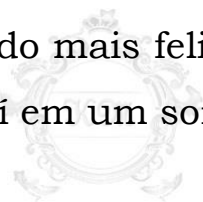
Ele sorriu para o colchão e levantou os quadris contra o meu pau. — Eu posso sentir seu pau ficando mais duro já. Agora cubra-se e volte para dentro de mim.

— Você gosta de ser mandão no quarto? — Eu perguntei. — Ou você quer que eu mostre quem está realmente no comando?

Ele virou a cabeça e seus olhos eram castanhos derretidos. — Você acha que é bom o suficiente para me foder no colchão? — Então ele se esticou, enfiando um travesseiro embaixo da cabeça, e abriu as pernas e levantou a bunda.

Ele sorriu para o travesseiro quando me ouviu rasgar o papel alumínio. Ele puxou a cabeça para trás e gemeu quando eu afundei dentro dele novamente. E então me ajude Deus, ele não estava errado. Tudo que ele precisava era de um pau enterrado dentro dele para fazê-lo gozar, e ele realmente adorava ser fodido no colchão.

E depois que eu arranquei um segundo orgasmo dele, seguido diretamente pelo meu, caímos em uma bagunça suada e ofegante. Eu tinha toda a intenção de me levantar e ir para minha própria cama. Eu não tinha ideia se Stuart se opunha a ter um cara dormindo em sua cama, e eu estava prestes a perguntar quando ele me puxou contra ele, se enterrou no meu peito e adormeceu. Suspirei e beijei sua testa, me sentindo mais feliz e mais contente do que eu jamais poderia lembrar, e caí em um sono profundo e feliz.



CAPÍTULO TREZE

STUART

Eu acordei sorrindo. Eu não fazia isso há anos. Eu doía em todos os lugares certos e me sentia relaxado e flexível. Eu me estiquei e rolei para encontrar minha cama vazia, mas havia o cheiro de algo incrível vindo da cozinha. Ou copa. Tanto faz.

Entrei no chuveiro, me limpei do lubrificante e sequei, escovei os dentes, fiz a barba e vesti a sunga.

Quando abri a porta do meu quarto, Foster me olhou de cima a baixo, viu que eu estava usando minha sunga e nada mais e riu. — Você é impiedoso.

— Bom dia para você também.

— Eu esperava ter isso cozido antes de você acordar.

— Cheira bem.

— Omelete com cogumelos, pimenta, bacon com torradas. Como você está se sentindo? — Ele deslizou um café pelo balcão para mim.

— Eu me sinto bem. — Tomei um gole do café e cantarolei. — Como você dormiu?

— Como os mortos. — Ele colocou a omelete na torrada em cada prato e nos sentamos à mesa. — E quanto a você?

— Como se eu estivesse exausto.

Ele sorriu enquanto mastigava. — Sim, você estava.

Eu comi alguns bocados. — Isto é muito bom.

Ele assentiu devagar. — Você está... dolorido?

— De um jeito bom. Você está bem? Com... o que fizemos?

Ele fez um som surpreso e corou enquanto estudava seu prato.

— Uh, muito. — Ele olhou para mim e engoliu em seco. — Muito bem.

— Então haverá mais *exaustivamente* depois, então?

Foster tomou um gole de café e sorriu para mim por cima da xícara. — Quando você quiser.

Eu olhei para o meu relógio inexistente. — O almoço é bom para você?

Ele riu e depois de um feliz momento de silêncio entre nós, ele mudou de assunto. — Então, pensei que iríamos para Ellis Beach hoje, e voltaríamos para o recife hoje à noite. Como isso soa?

Eu assenti. — Parece bom.

— Você quer me ajudar a navegar para fora do porto?

— Claro que sim.

Ele riu. — Bem, então, termine seu café da manhã e ancoraremos.

Trinta minutos depois, estávamos subindo a costa, passando por Palm Cove, onde jantamos e a caminho de Ellis Beach, em Double

Island. Era incrivelmente bonito; areia branca, palmeiras, vegetação da floresta tropical e água tão azul que nem parecia real.

Era também um ponto turístico, com algumas dúzias de barcos fretados nessas partes em qualquer dia e, embora eu adorasse ter uma das praias para nós, simplesmente não era possível.

Foster não me pediu para puxar a vela grande, então perguntei a ele: — Estamos parando aqui para nadar?

— Bem, você pode — respondeu ele. — Mas essas redes na praia são para a água-viva de Irukandji⁹. E elas fazem o estranho crocodilo de água salgada de três metros nadar do continente.

Eu pisquei para ele. — Então, isso é um não.

Ele sorriu. — Pelo lado positivo, isso significa que é menos provável que haja tubarões.

Eu podia sentir o sangue escorrer do meu rosto. — Por que você mencionou tubarões? Eu estive lá, onde poderia haver tubarões? Jesus Cristo.

Ele riu. — Você honestamente acha que eu deixaria você nadar em águas conhecidas por avistamentos de tubarões? Você está nadando principalmente nas águas rasas dos recifes, que são realmente bem seguras. Apenas tubarões de recife e o ponta branca ocasional, que não deve ser confundido com o grande branco. Embora haja ocasionalmente tubarão-tigre ou cabeça de martelo,

⁹ Carukia barnesi é uma cubomedusa, oceânica, planctônica, da família Carukiidae que inflige uma picada potencialmente fatal que causa a síndrome de Irukandji.

mas eles são raros. E todos nós recebemos avisos se houver um avistamento, então eu saberia.

Eu pisquei novamente. — Nunca mais vou nadar no oceano.

Foster riu um pouco mais. — Sim, você irá. Você vai ficar bem. Eu prometo. Em seis anos, eu nunca vi nada além de pequenos tubarões de recife, e eles têm medo de humanos. De qualquer forma, os tubarões mais perigosos preferem as águas mais profundas e frias nos estados do sul. Nós ficaremos bem.

— Eu não quero ver nenhum tipo de tubarão.

O sorriso dele aumentou. — É com aqueles que você não vê que precisa se preocupar.

Eu bati no braço dele. — Você não está ajudando.

Ele apenas riu e me cutucou com o cotovelo. — Estou apenas brincando. Eu prometo.

— Bem, eu ainda não estou nadando novamente.

Ele tirou a mão do leme e segurou meu rosto. — Sim, você irá. Me desculpe, eu estava apenas brincando. Eu não quis te assustar. — Ele me puxou para um beijo, o que era novo para nós. Não foi solicitado, no início do dia, e não havia tequila ou limão envolvido. — E de qualquer maneira, se você não entrar na água, como vou lambar o sal da sua pele?

Ele me fez sorrir, apesar de eu tentar não. — Posso pensar em outra coisa que você pode lambar se quiser algo salgado.

Ele revirou os olhos e riu, e começou a se afastar, mas depois roubou outro beijo rápido antes de voltar ao leme. — Podemos ir direto para o recife, mas eu quero que você planeje nosso curso.

— O que?

— No GPS. Quero ir para o nordeste, para o topo do Oyster Reef¹⁰ e para o fundo do Michaelmas. — Ele pegou meu olhar vazio e depois me jogou na direção das telas digitais. — E eu quero que você me diga como chegar lá.

Eu o assisti fazer isso e ouvi como ele me mostrou, mas nunca fiz isso sozinho. Então, respirei fundo e encontrei o lugar de que ele estava falando, toquei e retransmiti as coordenadas. Não duvidava que ele pudesse chegar lá sem o GPS; ele estava fazendo isso em meu benefício, não dele.

— Direção do vento?

Procurei na tela multiuso a informação correta sobre o vento. — Hum, ao sul.

— Rapidez?

— Cinco nós.

— Ok, qual é o meu ponto de partida?

Merda. Eu tentei lembrar o que ele tinha dito ... — Hum, alcance amplo?

Ele sorriu, então eu sabia que estava certo. — Qual é o meu VMG?

¹⁰ O termo recife de ostras se refere a agregações densas de ostras que formam grandes comunidades coloniais.

— Seu o quê?

— Velocity Made Good. A velocidade e a direção para o nosso destino.

Porra. — Sim, sobre isso. Quando você estava explicando essa parte, eu desliguei quando você começou com física e trigonometria.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. — É a velocidade do barco. Na tela, canto inferior.

— Por que você não disse isso? — Eu atirei de volta para ele. — Quatro e seis.

Ele me deu um sorriso bonito. — Veja? Você será um marinheiro ainda.

— Oh, por favor. O único marinheiro que eu seria é na Fleet Week.

Ele riu e eu me sentei no banco ao lado dele. Ele estava de pé ao leme e, por mais que eu adorasse tomar sol e mergulhar, eu amei essa parte mais. A brisa do mar em meus cabelos, o deslizamento do iate na água, o som do vento na vela. Adorei a velocidade, a elegância, a hidrodinâmica de tudo. Era uma corrida de adrenalina e, com o vento a nosso favor, chegamos ao recife em pouco tempo.

Foster me mandou trazer a vela principal e içar a vela menor. Nosso ritmo diminuiu drasticamente enquanto ele navegava pelo topo do Oyster Reef para esgueirar-se sob Michaelmas. A água era mais rasa e a cor turquesa mais bonita que eu já vi. Pude ver o fundo

arenoso onde ancoramos e os peixes que nadavam ao redor do coral a poucos metros de distância.

— Puta merda, isso é incrível — eu disse, olhando para a parte de trás do iate.

— Ainda não quer entrar? — Foster perguntou.

— Talvez. Se você vier comigo. — Eu não queria entrar na água sem ele, caso eu tivesse outro surto, mas agora eu poderia jogar por motivos relacionados a tubarões.

Ele revirou os olhos. — Você pode me obrigar. — Ele abaixou a escada, mas depois começou a fazer algo com as telas. Sentei-me na parte de trás e balancei os pés na água. A água estava quente, mas ainda assim uma visão maldita mais fria do que ficar sentado no sol escaldante por vinte minutos.

Quando eu tive o suficiente, entrei na cabine e encontrei o protetor solar, depois fui em busca de Foster. Cheguei até a cozinha quando ele saiu de seu quarto vestindo seu calção, o que significava que estávamos nadando.

Meu sorriso foi imediato e eu levantei o protetor solar como um troféu. — Na hora certa.

Eu passei nas costas dele primeiro, depois o peito, o abdômen, enquanto eu olhava para ele e deixava minha língua espreitar. — Eu estava pensando que poderíamos nadar agora — eu disse, sendo todo glamour e merda. — Então talvez ficar ao sol um pouco para secar, se beijar um pouco, depois almoçar, então você pode me foder de

novo, depois talvez outro mergulho antes do jantar. Então podemos fazer a segunda rodada, onde você pode se enterrar dentro de mim por horas. Como isso soa? — Entreguei a ele o protetor solar e levantei uma sobrancelha.

Ele pegou a garrafa, me girou e me pressionou contra a mesa, seu pau contra minha bunda enquanto ele sussurrava quente e áspero no meu ouvido: — Você não vai ganhar este jogo contra mim.

Ele esguichou protetor solar frio na minha pele, esfregou meus ombros, minhas costas, me empurrando para que eu estivesse curvado sobre a mesa, preso por seus quadris, seu comprimento duro esfregando minha bunda. Eu queria apenas puxar minha sunga e implorar para que ele me preenchesse, mas quando eu consegui formular pensamentos em palavras, ele se foi. — Suas costas estão prontas. Vou pegar nossas toalhas.

Levantei-me, ofegante e um pouco tonto, e extremamente excitado. Meu pau mal cabia na minha sunga, fazendo uma tenda no tecido, e quando ele saiu de seu quarto, ele olhou para o meu rosto, minha virilha, de volta para o meu rosto, e ele sorriu. — Oh meu Deus, esse é realmente um grande problema que você tem lá. — Então ele jogou uma toalha limpa em mim e riu enquanto subia as escadas. — O último a entrar é um ovo podre!

— Eu te odeio — eu falei e sua risada foi sua única resposta.

Eu o segui bem a tempo de vê-lo mergulhar, e ele sorriu para mim da água. — Coloque sua bunda linda na água — disse ele.

Deixei cair a toalha e pulei. Eu esperava que a água pudesse diminuir meu tesão, mas estava quente o suficiente para fazê-lo se sentir bem. E, claro, Foster nadou direto para mim e, com seu corpo quase nivelado com o meu, ele me beijou. — Eu fui um pouco cruel com você antes?

— Sim. Foi cruel me provocar assim.

Ele riu. — Eu vou compensar você mais tarde.

— Acho bom.

— Deixe-me ver se eu tenho isso em ordem — disse ele com um sorriso. — Tomar sol, beijar, almoçar, nadar, sexo, jantar, mais sexo.

— Correto. Embora eu espero que você esteja aberto à improvisação.

— Por que isso?

— Porque eu posso precisar embaralhar o sexo antes do almoço e então beijar depois.

Ele sorriu. — Eu posso me adaptar.

E adaptar ele fez. Começamos a descansar no convés, esparramados ao sol para secar, o que me levou a tocar, a curtir, rolando em cima de Foster e moendo sobre ele. Eu já tinha passado de me importar se os barcos que passavam nos viam. Eu tinha necessidades mais prementes.

Então ele me levou para o meu quarto, me deitou na cama e eu estava tão excitado que gozei assim que ele estava totalmente parado dentro de mim.

O resto do dia foi como eu havia planejado. Alimentando um ao outro com frutas, lambendo sucos de queixo, lábios, cochilando nos braços um do outro, mais natação, cozinhar o jantar e mais sexo, e adormeci em seus braços na minha cama amassada, exausto e saciado. E pela primeira vez em muito tempo, feliz.

Os dois dias que se seguiram foram praticamente os mesmos. Navegamos pelo recife de Hastings, até o recife de Tongue, depois fomos para o leste, abaixo do recife de Opala, e quando não estávamos navegando, nadávamos, mergulhávamos no mar, bronzendo ao sol, nos beijávamos, nos divertíamos e *incrível* sexo.

O tempo estava perfeito. Céu azul, águas tranquilas que variavam em tons de azul: cerúleo, turquesa e azul-petróleo. O sol estava escaldante, a comida era incrível, as doses de tequila eram divertidas e Foster era... bem, ele era um homem notável.

Conversamos sobre tudo, desde finanças e economia mundial ao meio ambiente, até aspirações infantis do que queríamos ser quando crescêssemos. Nós compartilhamos nossas histórias de primeiros beijos, de primeiras vezes, cortes de cabelo ruins e lembranças mais felizes da infância.

Estávamos à vontade um com o outro. Se eu estivesse isolado com mais alguém, provavelmente ficaria louco confinado a um iate de quatorze metros. Mas nos movemos pelo espaço com facilidade, tirando um tempo quando precisávamos, dando toques e roubando beijos também.

Ele me ensinou a amarrar nós diferentes, como fazer o molho para salada, que sinais manuais significavam quando estávamos fazendo um mergulho e ele me ensinou na cama.

— Você acha que se nós partíssemos, alguém notaria? — Eu perguntei. Estávamos descansando no convés, absorvendo o sol. Ele estava vestindo seu short sem camisa, eu usava minha sunga e eu tinha a cabeça no seu quadril e ele tinha os dedos nos meus cabelos, puxando gentilmente os fios de uma maneira relaxante e que nunca se mexia.

Foster riu. — Uh, sim. Tenho certeza que sim. Você está reservado amanhã em Turtle Cove, não é?

— Turtle Cove?

— Sim, o resort gay — ele me lembrou. — Tenho certeza de que é isso que diz no meu registro. Vou deixar você lá para passar a noite.

— Ugh. Eu esqueci. — Suspirei. Resort em Turtle Cove...

Ele estava certo, no entanto. Eu tinha uma noite de estadia no resort reservado. Foi recomendado pela agência de viagens para interromper a segunda metade da viagem de barco. Isso nos permitia

permanecer em terra firme por um tempo e deu a Foster a chance de reabastecer suprimentos de comida e água. Também era um resort gay exclusivo, onde as roupas eram opcionais. Eu tinha reservado originalmente porque deveria estar lá com Jason, e o plano era talvez encontrar outro casal para se juntar a nós.

Mas isso certamente não iria acontecer agora, e agora havia Foster e eu...

Eu não queria estar em um resort gay sozinho. Eu certamente não queria ficar com um cara aleatório, considerando que eu tinha relações sexuais mais do que suficientes com Foster para me manter feliz.

Suspirei, sem saber como me sentia sobre isso, não que houvesse muito que eu pudesse fazer sobre isso. Estava reservado e pago, e Foster precisaria de mim fora do iate para que ele pudesse fazer o que precisava. E era apenas uma noite.

— Qual é o problema? — Foster perguntou.

Virei minha cabeça, pressionando minha orelha contra a pele macia de sua barriga, para poder olhá-lo nos olhos. — Tenho de ir?

— Você não quer fazer compras? Fazer algo diferente?

Eu olhei para ele como se ele tivesse perdido a cabeça. — Isso seria um não.

— Eu organizei para receber uma entrega de supermercado, e geralmente eu limpo o iate.

— Você quer que eu vá?

Ele tentou não sorrir. — Eu tenho algumas coisas que preciso fazer. Algumas coisas do trabalho. Coisas não muito divertidas que prefiro não falar com você.

— Por quê?

Ele respondeu minha pergunta com uma pergunta. — Não está tudo pago, afinal?

— Sim. E daí?

— Então vá.

Parecia que ele me queria fora do barco. Eu me virei para olhar o céu. — Eu posso perceber uma indireta.

— Ouvi dizer que a comida é boa. Há um bar de coquetéis e um bar aquático na piscina.

— E muitos caras procurando por um único cara como eu para aproveitar. Lembre-me de levar a tequila. Parece que vou precisar.

Seus dedos pararam no meu cabelo, mas eu não lhe dei a satisfação de olhar para ele. — Vou nadar. Quer se juntar a mim? — Levantei-me e caminhei até a parte de trás do iate e mergulhei. Alguns minutos depois, ouvi um barulho atrás de mim e logo ele deslizou o braço em volta da minha cintura. Ele não disse nada. Ele apenas pressionou os lábios na parte de trás do meu pescoço, atrás da minha orelha. Então seus beijos se tornaram mordidas e seu domínio sobre mim se tornou cócegas, e em pouco tempo estávamos rindo e espirrando um ao outro, depois tentando nos afundar, depois

nos abraçando, envolvendo os membros em torno um do outro, beijando e ficando desesperados. Logo voltamos ao barco e à minha cama.

Ele realmente era muito bom em distração.

Eu estava de bruços no colchão, depois de não ter mexido um músculo, e quase cochilei quando ele bateu minha bunda, me fazendo pular. — O que? — Eu resmunguei, abrindo meus olhos.

Ele deu um beijo no meu ombro. — Perguntei se você queria frango ou macarrão grelhado para o jantar.

— Mmm, frango grelhado e macarrão.

Ele bufou. — Claro que você quer.

— Vou me levantar em um segundo e ajudá-lo a fazer isso — murmurei.

— Fique exatamente onde está. — Então ele bufou. — Eu duvido que você possa se mover, mesmo que você queira.

Eu ri, um som rouco e sonolento. — Eu acho que você pegou a frase 'foda-me no colchão' muito literal.

Ele vestiu o short e eu abri meus olhos o suficiente para vê-lo sorrir. — De nada.

— Humm.

Levei cerca de vinte minutos para que eu pudesse reunir a força ou à vontade para me mover. Eu doía em todos os lugares certos e tinha aquela sensação fluida e flexível em meus ossos que apenas

o sexo fenomenal podia dar. Depois do jantar, com a barriga cheia de carboidratos, eu mal conseguia manter os olhos abertos.

Ele me puxou para seu quarto - que era novo porque sempre dormimos no meu - me colocou em sua cama, rastejou atrás de mim e me puxou para seus braços.

Não pensei mais em amanhã. Eu estava muito envolvido nele, seu calor, sua força, seu cheiro, seus lábios contra minha testa. Eu estava dormindo em pouco tempo.

Nós chegamos no cais privado acima de Port Douglas antes do almoço. O resort era acessível a partir da estrada, mas a maioria dos hóspedes chegava de Port Douglas em um barco de transporte público, aparentemente dando a sensação de exclusividade e luxo.

Isso também significava que Foster poderia atracar ali mesmo, e tudo o que eu precisava fazer era sair do iate, descer o píer, ao longo do caminho através de amplos jardins até o resort.

Era grandioso e de elite, e pude ver que valeu cada centavo que me custou. Fiquei meio quieto pela manhã, ajudando Foster a levar o iate para o continente. Então estávamos ocupados, mas eu também estava um pouco chateado por ele querer se livrar de mim durante o dia. Ok, então talvez chateado não fosse a palavra certa. Fiquei decepcionado, e sua rejeição doeu como uma cadela.

Então, talvez um dia em terreno sólido me faria bem. Eu poderia falar com alguém diferente em um espaço maior que apenas alguns metros de diâmetro. Não era como se eu tivesse qualquer reivindicação sobre Foster. Não éramos nada um para o outro, mais do que capitão e cliente.

Talvez tenha sido o lembrete que mais doeu.

Joguei minha mala na recepção. O rapaz atrás do balcão era loiro, de olhos azuis, pele bronzeada, lábios absolutamente rosados e parecia ter saído da equipe de natação. Eu tinha certeza que ele foi escolhido para a recepção para fazer com que todos os caras que reservassem aqui se sentissem bem. Porque ele olhou para cima, me deu um sorriso ofuscante - literalmente, seus dentes eram mais brancos que sua polo branca - e me olhou como se apreciasse o que viu.

Desculpe, Garoto Colgate. Não interessado.

— Stuart Jenner — Eu me apresentei. Expliquei que estava aqui sozinho, e o Garoto Colgate me deu o que deveria ser um olhar ardente.

Eu reprimi um suspiro.

Ele se levantou e deu a volta na mesa para se apoiar no balcão ao meu lado. Ele era mais alto do que eu imaginava e definitivamente tinha o físico de um nadador. Ou talvez tênis. Quando pensei que ele iria oferecer algo em que não estava interessado, ele se inclinou para

frente e olhou para fora da parede de vidro. — Você chegou no Cavaleiro Branco.

Eu segui o seu olhar. — Uh, sim.

O sorriso dele aumentou. — Foster ainda está aqui?

Olhei para o iate, depois voltei para o Garoto Colgate. — Uh, sim. A menos que ele ande a pé.

Ele sorriu e demorei um segundo para perceber que reconheci o olhar em seu rosto. Ele estava esperançoso, apaixonado até.

Jesus. Foster tinha esse efeito em todos?

Ainda bem que não sou só eu, garoto.

Peguei a chave do meu quarto e encontrei meu bangalô. De frente para o oceano, separado por alguns metros de grama verde antes de encontrar areia branca e água azul. Parti para explorar a área e talvez dar um passeio antes do almoço, e me vi caminhando pela praia. Eu realmente amei aqui em cima. A areia entre os dedos dos pés, o sol escaldante, até a umidade. O extremo norte de Queensland era como o paraíso na terra, a um milhão de quilômetros de distância do estresse sombrio da minha vida cotidiana. Eu tentei não pensar nisso.

Mas quando andei o mais longe que a praia permitia, voltei e, ao me aproximar do resort, pude ver o cais e onde o Cavaleiro Branco ainda estava atracado. Então eu vi Foster andando pelo cais. Ele não estava sozinho. Não, não mesmo. Ele estava andando com o Garoto

Colgate, que riu de algo que Foster disse. Eles embarcaram no iate e desapareceram na cabine.

Meu coração apertou e meu estômago caiu quando me ocorreu o que eu estava vendo. Eu sabia por que Foster estava tão desesperado para se livrar de mim agora.

Eu me sentia doente. Eu me sentia idiota.

Eu senti a realidade cair sobre mim de uma grande altura. Como se alguém tivesse jogado um balde de água fria sobre mim, foi chocante, roubou meu fôlego e limpou qualquer lente tola cor de rosa que eu estava olhando na semana passada.



CAPÍTULO QUATORZE

FOSTER

Eu não queria que Stuart partisse para o dia, e eu certamente não queria que ele fosse ao resort e ficasse com outro cara.

Eu tinha coisas para fazer e preferia que ele não estivesse a bordo, mas não queria explicar os meandros do esvaziamento e limpeza das redes de esgoto. Eu nem gostei do fato de ele ter lavado a louça, apesar de ter sido inflexível em ajudar. Mas eu desenhei a linha nisso.

Eu imaginei que um dia separados nos faria o mundo de bem, mas enquanto eu o observava sair do iate, eu não estava convencido. Eu fingi não perceber que ele estava um pouco distante enquanto navegávamos de volta ao cais. Ele acordou feliz o suficiente e foi como se tivesse desligado assim que se lembrou do que estava fazendo naquele dia.

Eu poderia ter sugerido que, se ele realmente não quisesse ir ao resort, passasse o dia em Port Douglas. Ele poderia passar o dia na cidade, eu poderia fazer o que precisava ser feito, e então poderíamos voltar antes do pôr do sol. Eu quase sugeri. Mas Jesus, sua viagem terminaria em quatro dias, e não era como se eu o veria novamente.

Eu tinha que me acostumar a não o ter por perto. Eu tinha que me acostumar com essa separação, perdendo a proximidade que me deleitava com ele.

Eu realmente me acostumei a tê-lo por perto.

Em apenas uma semana.

Eu literalmente passei os últimos seis anos evitando o apego a alguém. Ok, talvez não evitando, mas definitivamente aproveitando o fato de passar todo o meu tempo trabalhando no mar e não conseguir me apegar a ninguém.

Eu não queria querer ninguém.

Eu não queria me apaixonar por ninguém. Eu não queria um relacionamento. Eu não queria estar amarrado a ninguém. Eu adorava ser livre no oceano. Passei a maior parte da minha vida adulta ligada a um trabalho que quase me matou, sem querer nada, exceto o próximo contrato, o próximo prazo, a próxima adrenalina.

Agora eu simplesmente havia transferido essas razões - essas desculpas - para este trabalho. Aceitei um emprego após o outro, navegando por todo o lado, nunca atracando em lugar nenhum por muito tempo. Como Stuart colocou isso? Já amarrei meu iate a alguém?

Não, eu não fiz.

Por uma boa razão. Porque a única coisa que as finanças globais me ensinaram foi: quanto mais passivos você tinha, mais difícil a queda.

Investir, negociar, vender era para finanças. Não para emoções. Meu coração não era uma mercadoria.

Então, por que me permiti jogar esse jogo com Stuart?

Porque era apenas por um curto período de tempo, um período de férias, então ele iria, e minha vida voltaria ao normal. Era para ser divertido, físico. Não era para ser complicado.

Mas havia mãos dadas e beijos suaves, toques suaves. Eu amava o jeito que ele cheirava, como provava, como seu corpo reagia ao meu, como ele se aconchegou em mim para dormir.

Nós tínhamos passado de complicado em algum lugar ao redor do Moore Reef.

Então sim, talvez esse dia e noite separados nos fizessem bem.

Tirei as camas que cheiravam a nós. Juntei as toalhas que colocamos na cama debaixo dele, nas quais tomamos banho de sol, secamos um ao outro. Peguei o lixo cheio de embalagens de camisinha e fatias de limão; as garrafas vazias de Corona foram para reciclagem. Havia lembretes dele em todos os lugares. Ele tocou todas as partes deste iate, e eu me perguntei se nunca veria a mesa de jantar e o imaginaria rindo ou se usaria as telas de navegação e não sorriria ao me lembrar de como ele tentou usar ou o quão vazio o convés parecia sem ele debruçado sobre ele, usando apenas um sorriso e aquela maldita sunga branca.

Eu me perguntei se seria o mesmo.

— Foster? Você está aí? — Eu ouvi uma voz familiar chamar.

Coloquei minha cabeça nas escadas e encontrei Harry parado no cais. Ele era um garoto inteligente que adorava qualquer coisa a ver com a água. Ele estava estudando biologia marinha e trabalhava no resort para pagar pela universidade, e costumava ter perguntas para mim sempre que eu chegava aqui. Que tipo de peixe eu vi, que tipo de tartarugas, baleias, tubarões? Quais eram as temperaturas da água no recife, variavam, havia algo fora do comum?

— Ei, Harry — eu disse.

O sorriso dele aumentou. — Tem alguma leitura para mim?

Eu ri. — Claro. Tem uma licença para mim?

Ele produziu um pedaço de papel dobrado. — Claro.

Peguei a bolsa de roupa e caminhei com ele de volta para a sala de comodidades do resort. Ele falou sem parar sobre sua tese, e a distração foi bem-vinda. Depois de carregar tudo nas anilhas, voltei ao iate com ele e, como sempre, ele subiu a bordo e passou por todos os relatórios de dados que desejava. Era realmente simples; todo o meu equipamento de navegação a bordo mantinha registros ao longo do curso traçado que eu havia tomado. Ele poderia simplesmente baixar o relatório que desejava e salvá-lo no Google Classroom a partir do telefone.

Demorou cerca de vinte minutos, e ele estava de volta em sua mesa antes de terminar o almoço.

Peguei a permissão que ele me deu e naveguei até a Marinha de Port Douglas. Empurrei o topo e arrumei as linhas, reabasteci e só tive que esperar trinta minutos para minha entrega na mercearia chegar à marinha. Eu estava de volta ao resort, atracado e lavei a roupa no iate e as camas foram arrumadas quando o sol estava se pondo.

Eu costumava atracar a noite no resort. Eu era um fretamento privado amigável para LGBT e este era um resort gay, por isso estava na lista de escala mais frequentemente do que não. Foi assim que eu conheci Harry e como me vi convidado a usar o restaurante para jantar sem ser hóspede do resort. Foi uma mudança agradável deixar alguém cozinhar para mim, então eu sempre aceitava a oferta deles.

Esperei até o sol se pôr, tomei banho e depois fui para o restaurante. As luzes estavam acesas na piscina, o bar estava ocupado, a música tocava e as pessoas dançavam.

Eu deliberadamente me fiz não pensar em Stuart ou no que ele estava fazendo ou quem estava fazendo com ele agora.

Não era da minha conta.

Ele não era meu... nada. Ele era meu cliente.

Na verdade, enquanto ele estava fora do meu iate por vinte e quatro horas, ele não era nem isso. Ele não era meu em nada.

Percebendo que pareciam espinhos por toda a minha pele. Desconfortável, quase doloroso e realmente desagradável. Não era para ser assim. Quando me sentei à mesa, perdi o apetite e, em vez de pedir um bife enorme, aceitei uma entrada de grelhados de frutos do mar e tive que forçar isso.

Essa foi uma péssima ideia.

Tudo isso. Estar com ele no iate como se fôssemos amantes era tão estúpido e pouco profissional. Mas agora estar aqui neste clube e não estar com ele parecia muito pior. Era bastante óbvio, porém, que tudo precisava terminar. Quando ele voltar a bordo amanhã, se ele não me disser que as coisas estavam fora dos limites primeiro, então eu diria a ele.

Paguei pelo meu jantar e, quando estava saindo, um cara se aproximou de mim. Ele era um pouco mais velho que eu e parecia nervoso. — Você está aqui sozinho? — Ele perguntou.

Meu coração afundou. Eu não queria machucá-lo quando ele claramente saiu da sua zona de conforto para se aproximar de mim. — Estou — eu permiti quando saímos — mas tecnicamente não vou ficar aqui para me divertir. Eu estou aqui a negócios.

O rosto dele caiu. — Oh.

— Mas estou lisonjeado — eu disse, dando a ele o que eu esperava que fosse um sorriso gentil. Eu balancei a cabeça em direção à música. — Há um pouco de festa acontecendo no bar pelo som.

— Sim, não tenho certeza de que é a minha cena. — Ele franziu a testa e deu um passo para trás. — Obrigado de qualquer maneira.

— Ei, olhe — eu disse. — Eu vou com você, te levo ao bar. É sempre um pouco menos assustador quando você não entra sozinho.

Ele finalmente sorriu. — Isso é maravilhoso da sua parte. Eu sou o David.

— Oi, David — eu disse enquanto nos dirigíamos para o bar. — Meu nome é Foster.

Ele me deu um breve resumo de seu voo de Melbourne, mas tudo que eu conseguia pensar enquanto andávamos era *por favor, não me deixe ver Stuart* porque eu não tinha certeza do que faria se fizesse. E se ele estivesse dançando com outro cara? Beijando outro cara? Rindo?

Então eu pensei: *E se eu não o ver?*

Deus, eu não sabia o que seria pior.

Examinei a multidão no bar tão discretamente quanto ousei e não o vi em lugar nenhum. Sim, foi definitivamente pior.

Assegurei-me de que David estivesse no bar e pedi seu primeiro drinque, e até aponteí outro cara que estava lá por conta própria. Quando David olhou em sua direção, ele sorriu, então eu dei um tapa no ombro de David e segui meu caminho.

Eu me senti todo apertado no peito e meu estômago estava com um nó. Isso era ridículo. Eu o conhecia há uma semana de merda.

Uma maldita semana. Agora eu estava irritadiço por me deixar, Foster Fodido Knight, me apegar a algo que ele não podia ter.

Eu sabia melhor.

Ao me aproximar do caminho para o cais, ouvi risos familiares vindos da praia. O tipo de risada que ele soltava depois de algumas bebidas. Eu quase tropecei com o som, tropeçando nos meus próprios pés. Mas então o riso terminou, seguido por — Acho que não — e — Não. Você não pode — e era a voz de Stuart, eu não tinha dúvida.

Ele estava com problemas? Ele parecia bêbado, e antes que eu percebesse, eu estava correndo pelos arbustos até quase cair na praia. — Ei!

Havia três figuras a cerca de vinte metros da praia. Eu encontrei Stuart facilmente, sua postura, sua arrogância. Havia luar suficiente para eu ver seu rosto, e seu sorriso morreu quando viu que era eu.

Ele não estava com problemas. Um dos caras com quem ele estava tinha algo na mão e Stuart e o terceiro estavam olhando.

— Está tudo bem aqui? — Eu perguntei, percebendo que estava interrompendo algo que não era da minha conta. Stuart não precisava da minha ajuda. Ele não precisava de mim.

Stuart jogou o braço para fora. — Que porra é essa para você? Sim, ele estava definitivamente bêbado.

— Você conhece esse cara? — Um dos caras perguntou.

— Sim. Claro que sim — ele respondeu.

Levantei a mão com o coração na garganta. — Desculpa. Eu pensei que poderia ter havido algum problema.

O mais alto dos outros caras abraçou o outro de uma maneira protetora, e eu me perguntei se eles eram um casal que talvez tivesse pedido a Stuart para se juntar a eles. Ele obviamente disse que sim.

Eu dei um passo para trás, fazendo minha retirada, mas aparentemente Stuart não tinha terminado. — Por que você se importaria? — Ele gritou do outro lado da praia. — Eu vi você. Não finja se importar quando não faz.

Eu parei. *Me viu?* — O que? Eu disse que pensei que você estivesse com problemas.

Stuart acenou com a mão para o casal que agora estava nos observando, e cambaleou um pouco, obviamente muito bêbado. — Encontrei uma concha. Disse a ele que não podia pegar. Não seria problema, embora a polícia divertida tenha chegado — ele disse, fazendo um som de sirene. Um dos caras riu.

Eu dei outro passo para trás. — Desculpa. Aproveite sua noite.

Eu me virei para sair, mas os gritos de Stuart me pararam. — Eu vi você, idiota. Não finja ser superior e poderoso comigo agora.

Me viu fazer o que? Dei um passo em sua direção e gritei de volta: — Me viu fazer o que? Não sei do que você está falando!

Stuart zombou e acenou para mim. Então ele voltou-se para mim e apontou para o próprio peito enquanto gritava novamente. —

Você acha que eu ligo? Bem, adivinhe? Eu não. Eu não dou a mínima para quem você fode.

Os outros dois caras devem ter percebido que isso era pessoal, porque recuaram e deixaram eu e Stuart na praia sozinhos. — Quem eu fodi? — Eu repeti, caminhando em direção a ele. — Que diabos você está falando?

— Eu vi você! Você mal podia esperar para me chutar do seu barco para poder o quê? Foder o Garoto Colgate? Na minha cama? Ou a sua?

— O Garoto Colgate? — Eu balancei minha cabeça. — Do quem diabos você está falando?

— O recepcionista loiro e bonito — ele cuspiu para mim. — Eu vi você com ele. Eu assisti você fazê-lo rir e depois levá-lo a bordo.

O que? — Harry?

— Oh, esse é o nome dele? Ele era bom? Ele estava esperando por você quando eu fiz a reserva. — Então ele apontou o dedo para o meu peito. — Você me disse que era solteiro. Você me disse que não tinha ninguém. Que não havia ninguém.

— Não tem!

— Eu vi você levá-lo a bordo! — Ele cambaleou um pouco para trás. — E ele não saiu por meia hora. O que você estava fazendo? Não é preciso um cientista de foguetes para descobrir isso.

— Você está bêbado.

Os olhos dele brilhavam. — Você é um mentiroso.

Agora eu estava com raiva. — Eu não menti para você. Eu nunca menti. Eu não fiz nada com Harry. Jesus, Stuart. Ele é um garoto do caralho. Ele está estudando biologia marinha. Ele pega gravações do meu sistema de navegação das temperaturas da água para cima e para baixo nos recifes. Impressões, Stuart. E ele me deixa usar a lavanderia aqui.

Ele estreitou os olhos para mim. — Você não...

— Não! Ele é uma criança, Stuart. Jesus.

Ele parecia derrotado, depois acendeu novamente. — Então por que você me quis tanto fora do barco hoje?

— Porque eu tive que esvaziar o tanque de esgoto e limpar as tubulações.

— Oh. — Então ele fez uma careta. — Aí credo. Isso é nojento. Eu ri disso, a briga entre nós acabou.

— Você poderia ter me dito isso — disse ele, fazendo beicinho. — Me salvaria de beber toda a tequila para lhe ensinar uma lição.

Eu bufei. — E como isso está funcionando para você?

— Tudo bem agora, mas amanhã será uma merda.

— Provavelmente.

— Café da manhã gorduroso e um mergulho na água salgada vão me consertar. — Ele se inclinou e deu um passo para se corrigir. — Sabe de algum iate particular que eu poderia fretar?

Eu soltei uma risada. — Talvez. Você... você quer que eu o ajude a voltar para o seu quarto?

Ele se virou, olhando a praia como se não tivesse lembrança de chegar lá, depois apontou para algumas cabanas de frente para o oceano. — Número dez.

Coloquei meu braço em volta dele e tentei ajudá-lo a subir na borda gramada da praia. — Quanta tequila você bebeu?

— O suficiente para lhe ensinar uma lição.

Eu ri novamente e peguei a mão dele. Era mais fácil puxá-lo do que agrupá-lo. Chegamos à porta e Stuart parou atrás de mim, com uma expressão pateta no rosto, balançando nos pés. — Dê-me a chave, Sr. Alquimia.

Ele inclinou a cabeça, seu sorriso ainda no lugar. — Sr. o que?

— Sr. Tequila.

— Oh. — Então ele riu. — Você é engraçado.

— Chave?

— Está no meu bolso. — Ele não fez nenhuma tentativa de tirá-la, então eu dei um tapa nele, encontrando a chave no bolso de trás. — Você gosta da minha bunda — ele arrastou.

— Sim, eu gosto. — Passei o cartão e abri a porta, puxando-o para dentro. Apertei o interruptor de luz e virei bem a tempo de pegar Stuart antes que ele balançasse para a esquerda. — Uau, tequila.

Ele caiu contra mim. Seus olhos estavam nadando, sem foco, seu hálito doce. — Sinto muito por isso antes.

— Sobre o que?

— Pensando que você e o Garoto Colgate...

Eu bufei. — O Garoto Colgate? Realmente?

Stuart me deu um sorriso que se tornou uma careta que mostrava todos os dentes. Então ele acenou com a mão e apertou os olhos. — Dentes me cegaram.

— Ele é um garoto legal. Mas ele é uma criança. E, só para você saber, vou aceitar seu pedido de desculpas, depois de discutirmos isso amanhã mais tarde. — Eu o levei para a cama enorme e o empurrei sobre ela. Ele se esparramou, de bruços, com uma risada.

— Gosto quando você joga duro.

Tirei os sapatos e os joguei no chão. — Você precisa dormir.

Ele rolou de lado, depois de costas com o que parecia ser um grande esforço. — Eu não fiz nada com esses caras. Você precisa saber disso.

Eu assenti. — OK.

— Foster — ele arrastou, levantando uma mão. — Você precisa saber que não.

— Eu sei.

— Você? Realmente sabe, Foster? Porque eu não quero ninguém além de você.

— É assim mesmo? — Eu perguntei. Ele estava bêbado, então eu não queria levar nada do que ele disse muito a sério. Ou ele

precisava do álcool para inibir seu filtro? Talvez ele fosse do tipo que falava quando estava bêbado.

— Mmhmm — ele consentiu. — Fique comigo esta noite.

— Eu não posso.

Ele franziu a testa e fechou os olhos. — Eu não fiz nada com esses caras.

Coloquei minha mão em sua perna e puxei o lençol sobre ele. — Eu sei. Não posso ficar por causa da política da empresa do resort.

Ele murmurou algo que parecia *estúpido*. Então ele rolou para o lado, com os olhos ainda fechados. — Posso te dizer uma coisa? — Ele sussurrou.

Eu não tinha certeza se eu realmente queria ouvir isso ou realmente não. — Certo.

Eu esperei, e esperei um pouco mais. Então ele começou a roncar. Esfreguei minha mão no rosto, olhei para ele profundamente adormecido e roncando, e ri. Coloquei um copo de água ao lado de sua cama, apaguei as luzes, saí e tranquei a porta atrás de mim.

Oito horas da manhã seguinte, bati um pouco mais alto do que provavelmente era necessário e ouvi uma resposta grunhida. A porta se abriu e Stuart ficou lá, parecendo um pouco pior, mas pelo menos ele estava acordado. Tomou banho e vestiu-se também. Ele olhou para o meu rosto, depois para os dois cafés que eu estava

segurando. — Oh! Graças a deus. Por favor, diga-me que um desses é meu.

Eu entreguei a ele. — Eu não estava esperando que você levantasse.

— A cama continuou balançando. Sinto como se estivesse no barco.

Eu bufei. — Tenho certeza de que a tequila fará isso.

Ele gemeu, depois tomou um gole de café, fazendo uma careta. — Cristo. Satanás fez isso?

— Sim. Solo dos grãos de onde esperanças e sonhos vão morrer.

Ele sorriu enquanto tentava outro gole. — Parece correto. É amargo pra caralho.

Eu lutei com um sorriso. Stuart obviamente não fazia ressaca muito bem. — Eu pedi mais força. Achei que você precisaria.

— Eu preciso de comida.

— Vamos lá, vamos te alimentar.

Caminhamos até o restaurante, que agora tinha um buffet de café da manhã espalhado. Havia algumas pessoas por aí, mas Stuart escolheu uma mesa perto da janela longe de todos, embora assim que ele se sentou, colocou seus óculos de sol. Ele deu de ombros para mim. — Quero o sol, não o brilho. Está queimando meu cérebro.

Eu ri para ele. — Você é lamentável. Pegue algo para comer, pelo amor de Deus.

Optei por bacon e frutas, e ele carregou o prato cheio de tudo o que estava em oferta. — Isso vai me consertar ou me colocar de volta na cama — ele murmurou. Ficamos em silêncio enquanto ele trabalhava nos primeiros goles, depois que diminuiu a velocidade, sentou-se e suspirou. — Me desculpe pela noite passada.

Bebi meu café e esperei um momento, segurando seu olhar. — Você pediu desculpas ontem à noite.

Ele empurrou seus óculos de sol para o topo da cabeça e olhou de volta para mim. — E você disse que conversaríamos sobre isso hoje.

— Você lembra?

Ele assentiu. — Sim. Sinto muito. Eu assumi algo sobre você que estava fora de linha.

— Sim, você fez.

— Acabei por ver você levar aquele garoto a bordo do seu barco e imaginei... Quero dizer, ele é um garoto bonito.

— Apesar do sorriso ofuscante?

Stuart bufou e comeu mais um pouco, e uma linha apareceu entre as sobrancelhas como se estivesse pensando em alguma coisa. — Você me encontrou na praia com esses caras. Eu os conheci no bar, mas eu não... — Ele balançou sua cabeça.

— Você me disse que não. Eu acredito em você. — Eu soltei um suspiro profundo. — Não que eu tenha qualquer tipo de reivindicação sobre você, então você poderia, se quisesse.

— Eu não queria — ele disse rapidamente. — Quero dizer, fiquei chateado e magoado porque pensei que você tinha aquele garoto no seu barco, e...

— E?

— E deveria ter sido eu. — Um, rosa doce manchou suas bochechas. — Eu pensei que você tinha me arrancado para que você pudesse tê-lo.

Gostei da honestidade dele. Gostei que ele pudesse dizer o que queria dizer, mesmo que não fosse fácil. Dobrei meu guardanapo de linho, coloquei-o sobre a mesa e decidi dar-lhe a minha verdade em troca. — Stuart, aqui está a coisa. Nos seis anos em que estive fazendo essa coisa de fretamento privado, pude contar por um lado o número de caras com quem estive. O que estamos fazendo... bem, nunca fiz nada parecido antes. Mas esta última semana foi... — Fiz uma pausa para procurar a palavra certa.

— Incrível? — Ele ofereceu.

Eu assenti. — Incrível.

Ele lambeu o lábio inferior. — O que isso significa? Para nós, quero dizer. Ainda tenho três dias e gostaria muito que as coisas voltassem a ser como eram antes que eu...

— Tentasse se afogar em tequila?

Ele bufou e seus lábios fizeram uma linha fina e aquosa. — Deus, não me lembre.

Suspirei alto, nem mesmo tentando esconder a decepção na minha voz. — Três dias, hein?

O olhar de Stuart travou com o meu e ele assentiu, mas antes que qualquer um de nós pudesse falar, Harry apareceu do nada, arrastou um assento de uma mesa próxima e sentou-se. — Foster, estou tão feliz que você ainda está aqui — disse ele, segurando alguns papéis. Então ele se endireitou e olhou para cada um de nós. — Espero não estar interrompendo.

Eu sorri com o entusiasmo desse garoto. — Harry, eu gostaria que você conhecesse Stuart. Stuart, Harry.

— Oh, Olá. — Harry deu a Stuart um de seus sorrisos matadores e Stuart encostou-se e puxou os óculos de sol novamente.

— Ei.

Bebi meu café para esconder meu sorriso, e Harry estendeu os papéis para eu olhar. — Com os dados que eu coletei de você, eu encontrei uma média de um aumento de três graus na temperatura do mar nos últimos dois anos...

Ele falou sem parar por cinco minutos seguidos sobre como ele já havia entrado em contato com algum escritório do governo esta manhã com suas descobertas, e a organização de conservação de tartarugas estava levando suas informações muito a sério e como, graças a mim, sua tese ia ser iluminada.

Eu apenas assumi que *iluminada* era uma coisa boa, mas não interrompi.

Stuart ainda estava usando seus óculos de sol, embora sua boca se abrisse e fechasse algumas vezes, como se ele tivesse sérias preocupações com a capacidade de Harry de falar e respirar ao mesmo tempo. Então Harry nos contou o quão empolgado ele estava com o departamento de água-marinha de sua universidade que estava prestes a lançar algumas tartarugas bebês e nós deveríamos ir e assistir totalmente. E então, outro membro da equipe chamou sua atenção. — Ei, Judy! — Ele disse, e com tanto entusiasmo, e ao mesmo tempo, se despediu de nós e estava contando a Judy tudo sobre suas descobertas quando saíram do restaurante, com os papéis na mão.

Eu o observei sair e, quando me virei para Stuart, ele estava empurrando seus óculos de sol de volta. Um olhar atordoado em seu rosto. — Uau.

Eu ri. — Eu te disse. Ele é um bom garoto. Ele passará a vida salvando o mundo.

Stuart terminou o café. — Eu posso ver agora, ele realmente não é o seu tipo.

Eu sorri para ele. — Sim, eu prefiro o tipo alto, moreno e pensativo. — Então me inclinei sobre a mesa. — Caras que ficam transtornados por nada, bebem muita tequila e gostam de ser fodidos no colchão.

As narinas de Stuart se alargaram. — O que você não fez na noite passada, devo acrescentar. Lembro-me de estar de bruços na cama e você saindo.

— Porque você estava bêbado.

Ele inalou profundamente. — Assim como meu tipo é um capitão com moral então, não é?

Eu lutei com um sorriso. — Sim, também. — Então me lembrei de algo. — Sobre a noite passada, você disse: 'Ei, posso lhe dizer uma coisa?' mas você desmaiou antes disso. O que você quer me dizer?

Ele me olhou bem nos olhos e mastigou o interior do seu lábio. — Eu não me lembro.

Isso me fez rir. — Mentiroso.

Ele riu e largou o guardanapo sobre o prato. — Estou pronto para ir. Você está pronto para ir?

— Sim. Então, o café da manhã te preparou? Ou você vai passar o dia na cama?

Ele sorriu. — Sim e sim. Você pode nos levar a um lugar remoto, onde não há outra alma à vista, e fazer comigo o dia todo o que não fez na noite passada.

Calor acumulou baixo na minha barriga. — Você sai do seu quarto. Encontro você no iate.

CAPÍTULO QUINZE

STUART

Eu embarquei no iate e fui direto para minha cabine, notei a cama recém-feita, o cheiro sutil de desinfetante de limão e sorri. Eu estava confortável aqui; o espaço confinado parecia um casulo. Um casulo realmente bem projetado e caro.

Eu desempacotei minha bolsa, feliz por não estar saindo. Por três dias, pelo menos.

Eu não queria pensar em sair. Eu não queria voltar para a minha antiga vida, meu antigo emprego. O pensamento de usar terno e até meias e sapatos e, Deus me livre, uma maldita gravata, me fez sentir claustrofóbico. Pensei em tirar meu telefone enquanto tínhamos uma boa recepção, mas decidi não o fazer.

Eu tinha três dias restantes. Eu estava gostando muito deles.

Encontrei Foster na popa, fazendo algum controle com a corda. Desculpe, amarrando a linha de ancoragem. Eu duvidava que algum dia me acostumasse à terminologia náutica. Eu não precisava, eu acho.

— Você está pronto para ir? — Ele perguntou, seu sorriso largo.

— Claro que sim. Não quero ver nada além de sol e água azul nos próximos três dias. Nenhuma outra pessoa, se pudermos administrar.

Foster riu. — Bem, estamos indo para as Ilhas Baixas. Haverá pessoas. Não posso evitar isso, mas podemos ancorar no lado leste, onde não há muita gente.

— Excelente. Podemos nadar e mergulhar lá?

— Sim. — Ele entrou atrás do leme. — Ok, agora venha ficar aqui comigo — disse ele. — Temos que usar a potência do motor, obviamente, e você fará isso.

— Eu?

— Sim.

— Mas... existem barcos. — Gesticulei amplamente para o oceano.

Ele sorriu. — Não está tão ocupado. Você vai ficar bem.

— Mas...

— Não discuta com o capitão. Um garoto de cabine deve fazer o que ele mandar.

Revirei os olhos e caminhei até ele. Ele me posicionou no leme, seus braços em volta dos meus ombros para que pudéssemos dirigir. Eu podia sentir seu corpo inteiro nas minhas costas. — Isso não é tão ruim — eu permiti. — Bons garotos de cabine recebem recompensas?

Ele riu e cutucou a parte de trás da minha cabeça com o nariz. Mas então ele tinha tudo a ver com velejar e me ensinar, me guiando como fazê-lo. Assim que saímos em mar aberto, ele desligou o motor. — Agora, vá ler o traçador de gráficos e me diga o que fazer — ele ordenou.

Ugh. Isso de novo.

Marquei nosso destino, as Ilhas Baixas, como ele havia dito, e retransmiti as seguintes informações. — A direção do vento não é mais fácil, a dez nós. O ponto de partida está... perto, acho.

Foster sorriu. — E o VMG?

— Sete ponto oito.

Ele levantou o rosto para o vento, seu sorriso sereno. — Então, vela principal ou mastro?

— Hum... — Eu olhei para o mastro como se de alguma forma pudesse me dar a resposta. — Ambos.

— Você adivinhou totalmente isso.

— Cem por cento.

Ele riu. — Vá tirar a cobertura da vela como eu te mostrei.

— Sim, capitão. — Eu andei ao longo do convés em direção à vela e fiz tudo o que ele me mostrou. Eu voltei para a cabine e fiz o guincho de linha como ele fez uma dúzia de vezes. Ele fez tudo parecer tão fácil.

Não conseguia lembrar a terminologia exata de tudo, mas sabia o que fazer. Bem, acho que sim. Notei Foster parado, sorrindo para mim. — Como eu fui?

Ele sorriu e me deu um sinal de positivo. — Perfeito. Agora pegue a vela.

Ele assistiu enquanto eu fazia o que eu lembrava, passando a linha ao redor do guincho e desenrolando a vela. Mas, com toda a paciência sob o sol, ele explicou que sempre deve correr no topo do poste e na frente do amantilho. E assenti como se eu entendesse.

Ele riu à luz do sol e apertou minha mão. — Volte ao leme.

— Você vai ficar atrás de mim como você fez antes? — Eu perguntei seriamente.

Ele apenas riu, e quando eu voltei ao leme, ele se sentou ao meu lado, sua mão tocando a parte interna do meu joelho. Ele era a imagem de relaxado, pés estendidos, pernas cruzadas no tornozelo, um sorriso tranquilo no rosto, o vento nos cabelos. — Eu poderia me acostumar com isso — disse ele. — Ser conduzido ao redor dos Whitsundays todos os dias.

— Bem, não se acostume demais — eu disse. — Há um barco à direita.

— Estibordo — ele corrigiu, mas ele olhou ao meu redor, sua mão agora na minha cintura. — Eles estão a três quilômetros de distância, Stuart.

— Sim, bem, não espere que eu saiba o que diabos eu estou fazendo se eles chegarem muito perto. Posso apenas gritar com eles para se moverem?

Ele bufou. — Não funciona exatamente dessa maneira.

— Bem, deveria. Você quer dirigir agora?

— Não. — Ele se inclinou para trás e deslizou a mão em volta da minha perna novamente e fechou os olhos. — Você tem tudo isso sob controle.

E assim ficamos por um bom tempo: ele fingindo descansar, olhando de vez em quando, e eu fingindo saber navegar. Mas logo, um brilho no horizonte se solidificou em terra. — Ah, capitão?

— Humm?

— Terra à vista.

Foster se levantou e se espremeu atrás de mim novamente, e nos navegou pelo ponto sul da ilha. Na verdade, eram poucas ilhas, mas a maior, Low Island, tinha cerca de dois hectares de tamanho, segundo Foster. Havia uma entrada no lado norte, um pequeno porto que era popular e movimentado durante o dia, onde poderíamos ancorar se o vento aumentasse. Mas durante todo o dia, nos sentamos a leste da ilha, onde outros costumavam não ir. Havia recifes para mergulhar, mas não era perfeito, ele disse.

Mas o fato de não haver mais ninguém lá significava que era perfeito para nós.

Ancoramos, nadamos e mergulhamos, tomamos banho de sol e nos beijamos no convés como adolescentes. Eu estava de costas e ele estava na frente, nossos lábios presos em beijos preguiçosos e ternos. Quando Foster apalpou minha ereção, ele sorriu contra a minha boca. — Você obviamente está se sentindo muito melhor.

— Muito melhor.

Ele mordeu o lábio. — Quanto melhor?

Eu peguei a intenção dele. Aquele olhar aquecido em seus olhos era uma oferta inoperante. — Bem, eu poderia me sentir muito melhor — eu disse com um sorriso.

— Sim, como assim?

— Tenho certeza de que uma foda completa me consertaria, bem e adequada.

Ele riu e se levantou, mas meus olhos foram para o pau dele quando ele se apertou. Ele estendeu a mão. — Então não vamos deixar você esperando.

Ele me levou para seu quarto dessa vez, e algo estava diferente. Ele estava diferente. Não estava cheio de agarrar, desesperado empurrar e puxar. Era lento e medido, seu toque suave e macio. Ele me deitou em sua cama, esticando-me com dedos gentis, me beijando, lânguido e adorável, até que eu era massa em suas mãos.

Ele me moldou, flexível e querendo, e quando ele finalmente estava dentro de mim, não havia me foder no colchão. Eu estava de costas, meus joelhos pressionados perto do meu peito, e ele estava

tão dentro de mim, segurando meu rosto, me beijando tão profundamente, me devorando, enquanto ele me enchia tão completamente.

Isso era lento e profundo, alcançando lugares dentro de mim que ninguém jamais ousara.

Ele estava fazendo amor comigo.

Cada impulso foi para o meu prazer. Toda carícia era para me fazer sentir bem, todo beijo para me mostrar o quanto ele me queria.

Ele torceu meu orgasmo de mim, como uma bomba de felicidade torturada, depois me segurou enquanto eu me desenrolava debaixo dele. E ele empurrou tão profundamente uma última vez, flexionando todos os músculos quando ele gozou, seu rosto contorcido da maneira mais bonita.

Ele caiu em cima de mim e ficamos ali por mais tempo. Nenhum de nós queria se mover. Eu tracei círculos nas costas dele, e ele suspirou antes de se afastar para que ele pudesse me beijar.

Oh sim. Isso foi definitivamente diferente.

Algo mudou entre nós. Do tipo assustador e incrível. Algo que eu não podia nomear; algo que eu não queria examinar muito de perto. Eu só queria abraçá-lo e tê-lo a me abraçar e me beijar como ele estava agora.

Eu pensei que ele poderia se levantar e ir verificar no andar de cima que tudo estava como deveria ser. Mas ele não fez. Não naquele

momento, de qualquer maneira. Nós ficamos na cama. Almoçamos na cama. Nós nos beijamos e rimos e fizemos amor novamente.

No final da tarde, nadamos novamente. Então nos sentamos no banco na cabine, eu entre as pernas dele, minhas costas para seu peito. Em vez de navegar para a enseada, ficamos exatamente onde estávamos e, com os braços fortes em volta de mim, assistimos ao pôr do sol.

Quando a última luz transformou o céu laranja em roxo, ele beijou o lado da minha cabeça. — Hoje foi perfeito.

Eu me virei nos braços dele. — Sim, foi. Não quero que acabe. — Eu provavelmente não quis admitir muito, mas ele desbloqueou algo em mim.

— Então deixe-me levá-lo de volta para a cama — respondeu ele, beijando-me com uma paixão, uma ternura que me surpreendeu. — E vamos fazer durar a noite toda.

No dia seguinte acordamos cedo com planos de navegar até a enseada e caminhar pela praia enquanto mais ninguém estava por perto. Mas nos sentamos na cabine e tomamos nosso café da manhã, e vimos golfinhos ao longe, arraias e tartarugas no recife. Era tão bonito, tão isolado - não havia outros barcos neste lado da ilha. Como não havia praia, apenas afloramentos rochosos, por isso os turistas

geralmente não tinham motivos para parar por aqui. Acabamos nadando na parte de trás do iate, mergulhando com peixes tropicais e era tão bonito que decidimos ficar parados. O fato de não haver mais ninguém por perto tornou perfeito. Não havia ninguém para estourar nossa bolha privada. O sol estava nos cercando, e a umidade espessa, então passamos a manhã alternando entre nadar e secar na cabine.

— Merda, está quente — eu reclamei, suando à sombra da cabine. Estávamos mergulhando na água só para nos refrescar e estávamos quase suando novamente antes que pudéssemos pegar uma toalha quando saímos.

Foster olhou para cima, depois para o norte. — Pode chover mais tarde. A umidade deve estar nos noventa.

Limpei meu rosto e peguei uma garrafa de água para cada um. — Aqui, mantenha seus líquidos.

Ele engoliu metade e até ele parecia um pouco cansado. — Sabe, poderíamos passar o dia na cabine, fechar a porta e ligar o ar condicionado.

Eu olhei para ele. — Você tem ar condicionado?

Ele riu. — Claro que eu tenho.

— Então o que diabos estamos fazendo suando a bunda aqui em cima?

— Quando eu poderia estar fazendo você suar abaixo do convés.

Eu sorri — Exatamente. Suar no convés abaixo no ar-condicionado é muito mais meu estilo.

Foster fechou tudo, certificou-se de que tudo estava bem, me seguiu para o convés e fechou a porta atrás de nós. — Eu deveria apenas verificar o tempo — disse ele, puxando uma tela. Era um mapa de radar e havia uma faixa verde descendo a costa de Queensland. — Sim, entre dez e quinze milímetros previstos para esta tarde. Isso explica a umidade. São oitenta e nove.

— O que isso significa para nós? — Eu perguntei. — Não tivemos nada além de sol e brisa suave. O que a chuva significa aqui fora?

— Que se você ficar nela, você se molhará. — Ele sorriu. — Não, nada. Quinze mil não são nada. Enquanto o vento não pegar, estamos bem. Se isso acontecer, navegaremos até a enseada. Não é nada para se preocupar. De qualquer maneira, se chover, significa que teremos que encontrar algo para fazer por algumas horas aqui em baixo.

— Hmm — eu cantarolei, sorrindo para ele. — Alguma sugestão? Cartões, palavras cruzadas, sudoku, talvez?

Ele caminhou até mim e me empurrou contra o armário da cozinha, me prendendo com os quadris. O sorriso dele era diabólico. — Oh, eu tenho planos muito melhores para você.

Suas palavras, seu tom, a luxúria em seus olhos, incendiou meu sangue. Como era possível que eu quisesse mais? Tínhamos

feito muito sexo, deveríamos estar irritados e doloridos. Minha bunda deveria estar dolorida, mas não estava. Eu queria mais, tudo o que ele poderia me dar, eu aceitaria. De boa vontade. Inferno, eu até imploraria por isso. Minhas bolas pararam com o pensamento dele me levando de novo, deslizando dentro de mim, tentando se tornar um comigo.

Meu corpo o queria como se ele fosse oxigênio.

Dessa vez, ele me colocou na mesa. Eu estava de costas, minha bunda em seus quadris, seu pau enterrado dentro de mim. Ele me beijou, me acariciou, me segurou, me fazendo ver fogos de artifício atrás das minhas pálpebras enquanto meu orgasmo rasgava através de mim. Ele agarrou meus quadris com força quando gozou, e eu pude senti-lo inchar e pulsar profundamente, tão profundo quanto ele encheu a camisinha.

Quando nós dois conseguimos nos mover e nossos sentidos voltaram, nós dois estávamos exaustos e ele me arrastou para sua cama para tirar uma soneca. — Eu pensei que ontem foi perfeito — eu disse enquanto ele me envolvia em seus braços. — Mas hoje pode ganhar.

Ele se aninhou em mim, dando na parte de trás da minha cabeça beijos sonolentos, ele murmurou. — Mas hoje está longe de terminar. O melhor ainda está por vir.

Eu acordei antes de Foster então decidi surpreendê-lo com um almoço tardio. Fiz uma rápida salada com frango, rasguei um pouco de pão, adicionei uma tigela pequena de azeite e balsâmico e acrescentei algumas frutas ao lado. Eu nos servi um pouco de suco e notei que ele comprou algumas ostras. Eu não era fã, mas ele as queria da última vez que fomos às compras, mas decidimos contra elas. Ele claramente decidiu a seu favor desta vez porque havia uma dúzia, já descartada. Então, eu as adicionei à bandeja.

Deslizei a bandeja na cama, despertando-o do sono. E ficamos sentados no ar condicionado, alimentando um ao outro, garfos de salada e mergulhando o pão em óleo e vinagre. — Eu não sabia o que fazer com as ostras — eu disse. — Então eu apenas as deixei sem graça.

— Perfeito. É assim que eu as amo. — Ele pegou uma, inclinou a concha e deixou a ostra escorrer pela garganta.

Eu balancei minha cabeça. — Você pode ficar com elas. Não que você precise delas — eu ri. — Bem, não o aspecto afrodisíaco. Você não precisa de nenhuma ajuda nesse departamento.

Ele riu e comeu mais uma. — Você já as teve antes?

— Apenas com vodca e pimenta.

— Ah, foi aí que você errou.

— Elas não eram tão ruins — eu admiti. — Apenas não é o meu favorito. Eu vou ficar com carboidratos e gorduras. — Mergulhei outro pedaço de pão e o comi, lambendo o óleo do meu dedo.

— Eu sei que a vista externa é absolutamente inestimável, mas o ar condicionado aqui foi uma ideia muito melhor — eu disse. Ficamos assim, encostados na cabeceira da cama, meio sentados, meio deitados, os cobertores puxados até a cintura. Era muito mais confortável do que a umidade sufocante do lado de fora. — Eu poderia me acostumar com isso.

Alguns minutos do que pensei ser um silêncio fácil, Foster pareceu um pouco desconfortável. Como se ele estivesse tentando descobrir como me perguntar uma coisa. — Você pode apenas dizer, você sabe.

Ele franziu a testa. — Dizer o quê?

— O que quer que você queira me perguntar ou me dizer.

Ele engoliu em seco. — Não, eu só...

— Queria me perguntar se eu realmente voltarei à minha antiga vida?

Ele me lançou um olhar.

— Eu preciso — respondi sem ele dizer nada. — Eu tenho responsabilidades. Não posso simplesmente ir embora, por mais que eu queira.

Ele não disse nada, então eu me distraí comendo algumas uvas. — Quero dizer, essa pausa foi a melhor coisa que me lembro,

se estou sendo sincero. E tenho certeza de que voltarei a Brisbane com um estado de espírito melhor do que quando cheguei aqui. Eu realmente não quero voltar. Eu, adoraria ficar aqui para sempre. Mas eu tenho que voltar. Na verdade, quando voltar, vou direto para Sydney. Se meus associados não estragaram a papelada final do maior contrato em que trabalhei.

Foster não tinha dito uma palavra e, quando olhei para ele, esperava ver tristeza ou até raiva, mas seu rosto estava torcido em outra coisa. — Tudo bem — brinquei. — Vou tentar uma ostra. É para seu benefício se algum de nós precisa de um afrodisíaco.

Peguei uma ostra, me preparando, mas ele estendeu a mão e, com uma mão no meu braço, ele me parou. — Não coma.

Eu olhei para o rosto dele e percebi que era desconforto.

Ele não estava apenas pálido. Ele estava verde.

Ah não.

Ele saiu da cama e correu para o banheiro. Eu o ouvi vomitar no banheiro e sabia, era de conhecimento geral, que intoxicação alimentar por ostras não era boa. Eu o segui. — Puta merda. Você está bem?

Ele estava curvado sobre o vaso, ainda nu, vomitando no banheiro. Ele levantou a mão como se estivesse me dizendo para deixá-lo em paz. Peguei uma toalha de mão e coloquei-a em água fria, e quando ele parou de ficar doente e recostou-se, entreguei a toalha

e ele enxugou o rosto. Ele parecia horrível. — Volte para a cama — sugeri.

Eu o ajudei a se levantar. Ele estava trêmulo, úmido, mas eu segurei seu cotovelo e, quando voltamos para o quarto, sentei-o e depois limpei a cama com a comida que havia trazido.

Quando coloquei a bandeja no balcão da cozinha, ele estava de volta ao banheiro doente no banheiro novamente.

Eu dei a ele um minuto, depois o segui. — Ei.

Ele agora estava sentado no chão, de costas contra a parede. Ele estava meio caído, ainda nu, e ainda um tom de verde que eu nunca tinha visto em um humano antes. Ele levantou a mão novamente e depois a deixou cair no colo. — Ugh — ele gemeu. — Não é bom. — Ele gemeu novamente, depois vomitou novamente.

Ele não estava saindo do banheiro tão cedo. Ele estava doente e eu precisava cuidar dele, assumir o comando. Lavei a toalha novamente, torci-a e devolvi a ele quando ele se sentou.

Ele *realmente* não estava saindo do banheiro tão cedo. Voltei para o quarto dele, peguei um travesseiro e puxei um lençol da cama e os levei de volta para ele. Ele estava mais deprimido do que antes. — Aqui — eu disse gentilmente. — Deite. Eu voltarei. — Coloquei o lençol sobre ele, não que ele provavelmente se importasse naquele momento, mas minha preocupação era com ele, não o cobiçar enquanto ele estava doente.

Joguei toda a comida da bandeja na lixeira e limpei tudo que pude. Ouvi Foster ficar vomitar mais algumas vezes e não tinha ideia do que mais fazer. Eu não sabia o que esperar, o que dar a ele, ou o quão ruim poderia ficar. Peguei o tablet de Foster, que eu já o vira usar antes para pesquisar boletins meteorológicos, então sabia que tinha uma conexão com a Internet. Encontrei o ícone do Google e procurei rapidamente intoxicação alimentar e ostras, procurando doenças e tudo o que eu poderia fazer para ajudá-lo e o que esperar. Quão doente ele ficaria e quanto tempo duraria?

Quatro pesquisas no Google depois, e de acordo com o Dr. Google, ele ficaria bem em poucas horas ou morreria dolorosamente. Porra. Eu deveria saber melhor do que procurar no Google qualquer coisa médica, mas pelo menos sabia o que fazer. Fluidos, verificar a temperatura e pedir ajuda médica se as coisas piorarem; senso comum, realmente. Dado o fato de que ele vomitara tão rápido e completamente, depois de comê-las era uma bênção.

O iate estava se movendo muito mais do que eu estava acostumado. Talvez ele estar doente estivesse fazendo as coisas parecerem piores do que eram. Talvez meu equilíbrio estivesse fora porque eu estava preocupado. As máquinas perto do rádio apitaram mais que o normal. Ou elas sempre bipavam assim e eu não percebia? Eu nunca tinha prestado atenção nelas antes, porque nunca precisei.

Droga. Pare de entrar em pânico, Stuart.

Encontrei um pouco de Lucozade na geladeira e levei para o banheiro. Ele estava encolhido no chão, os olhos fechados, a cabeça no travesseiro, o lençol meio puxado sobre ele. Ele pareceria pacífico se não estivesse verde.

— Foster? — Eu falei baixinho.

Ele gemeu.

Dei um passo e levantei o copo de plástico. — Eu preciso que você beba isso.

Ele gemeu sua dissidência.

— Isso vai ajudar.

Ele abriu os olhos, então eu me ajoelhei ao lado dele e segurei o copo nos lábios. Ele tomou um gole e fez uma careta, e depois de um longo momento indeciso, sentou-se para poder vomitar novamente no banheiro.

Então um trovão ecoou no céu como se tivesse estendido a mão e sacudido o mastro. — Porra! — Eu falei, correndo pela cabine. Empurrei a porta e saí para um céu escuro e tempestuoso, nuvens baixas e agitadas e a bandeira traseira tremulando ao vento.

Porra!

Subi na cabine, percebendo muito mais o movimento do iate. Eu tive que esperar enquanto balançávamos na água. Eu olhei através da água. Não havia outros barcos à vista, as árvores da ilha balançavam pesadamente e, como se as coisas não estivessem ruins

o suficiente agora, as nuvens se abriram e despejaram um dilúvio de chuva.

Peguei o que pude e joguei o material no depósito sob o assento. Qualquer coisa que fosse móvel ou não aparafusada entrou ali e, quando voltei para o andar de baixo, estava encharcado e a chuva estava pior. O iate agora balançava como uma rolha no oceano.

E ocorreu-me, como as nuvens um minuto atrás, como uma porra de uma chuva torrencial: eu estava em um iate no meio da porra do oceano com um capitão incapacitado e não tinha ideia, absolutamente nenhuma, do que fazer.

Eu corri para o banheiro para perguntar a Foster, mas ele estava debruçado sobre o vaso, vomitando seco no vaso. Todo o seu corpo arfava, os músculos das costas se esticavam e deslizavam sob a pele. Eu odiava perceber isso sobre ele em um momento como este. — Uh, Foster?

Ele deslizou de volta para o chão e gemeu.

— Há uma tempestade — acrescentei.

Seus olhos se fecharam e ele gemeu. A palidez verde-cinza de sua pele não era um bom sinal. Peguei a toalha de limpar o rosto, lavei-a novamente e limpei sua testa, o resto do rosto, assim quando mais trovões e relâmpagos dividiram o céu lá fora. Estávamos balançando solidamente agora, uma sensação que eu duvidava que Foster pudesse sentir. Mas não havia ritmo para isso; estava irregular e empurrando.

Foda-se, foda-se, foda-se.

Ok, então eu estava fazendo isso sozinho.

Percebi então que as máquinas de Foster estavam apitando e piscando, mas não fazia ideia do que fazer com isso. Ele tentou me explicar brevemente, e lembrei-me dele falando sobre comunicações e atualizações meteorológicas, mas não havia prestado atenção suficiente. Eu não esperava ter que saber disso...

Peguei a tela de navegação e procurei o radar meteorológico. E merda. Havia uma enorme faixa de vermelho, amarelo e branco vindo do Leste. E estávamos sentados no lado leste da ilha, no lado leste do recife.

Eu não sabia muito sobre navegar, mas sabia que não era bom.

Estávamos no caminho certo.

O que eu poderia fazer? Apenas ficar aqui, desamparado, cambaleando como um barco de brinquedo em uma banheira turbulenta? E se os mares ficassem tão agitados que virássemos? Isso era possível em um recife? Lembrei-me de Foster dizendo que a água era mais profunda deste lado da ilha, mas nós ficamos aqui porque eu queria evitar a interação humana. Jesus. Estávamos por aqui, no lado errado da ilha, por minha causa. E Foster estava mortalmente doente.

Não era como se eu pudesse fazer alguma coisa. Poderia?

O iate estava agora balançando. As coisas nos armários estavam começando a se mover, deslizar. Me apoiei atrás da mesa para não cair ou me machucar caso algo caísse sobre mim.

Cliquei no Google, sem saber o que diabos procurar, e comecei com o básico. Teria sido quase ridículo se eu não estivesse tão assustado.

Navegar em uma tempestade.

Eu levantava a âncora? Colocava as velas e esperava sair do caminho? Sentava firme e o deixava nas mãos dos deuses?

Li os primeiros posts e, surpreendentemente, encontrei alguns sites reais do que fazer e o que eles disseram que fazia sentido...

Eu verifiquei o mapa do tempo novamente. O pior da tempestade nem estava perto e, pelo que pude ver, estávamos no pior local possível para causar impacto.

Eu tinha que fazer algo.

Então um ruído crepitante me assustou. — Aqui é a Guarda Costeira QF10, Port Douglas. Cavaleiro Branco, por favor responda. Cavaleiro Branco, Cavaleiro Branco, por favor responda.

Cavaleiro branco. Somos nós! A coisa do rádio bidirecional! Havia alguém falando conosco! Consegui chegar ao rádio apesar do movimento do barco, peguei o bocal e pressionei o botão. Eu não tinha ideia do protocolo de rádio náutico ou naval. — Olá?

— Cavaleiro Branco, por favor responda. Câmbio.

— Este é o Cavaleiro Branco.

Silêncio.

Oh — Câmbio — acrescentei.

— Foster Knight? Confirme. Câmbio.

— Não. Meu nome é Stuart Jenner. Sou passageiro a bordo do Cavaleiro Branco. Foster está doente. Ele tem intoxicação alimentar.

— Então silêncio. Merda. — Câmbio.

— É uma ameaça à vida? Você precisa de um helicóptero de resgate? Câmbio.

— Não, eu não penso assim... — Ele comeu algumas ostras ruins, mas um helicóptero de resgate como nos filmes era um pouco drástico, não era?

— Você sabe sua localização. Câmbio.

Ele provavelmente queria coordenadas do GPS, mas essa era uma informação que eu não podia dar a ele. — Estamos na costa leste de alguma ilha. Hum, Ilhas Baixas ou algo assim, não me lembro. Câmbio.

— O seu navio está seguro? Câmbio.

— Eu não sei o que você quer dizer com seguro. Coloquei tudo no convés em armazenamento, mas está ficando meio difícil. Estamos nos movendo bastante. Eu só estava pensando se eu deveria puxar a âncora? Ou tentar navegar até a enseada mencionada por Foster. — Silêncio. — Oh, Câmbio.

— Você é capaz de navegar o iate? Existe risco provável de vida? Câmbio.

Porra. — Eu não sei... — Esfreguei minha mão no meu rosto quando um medo real começou a arranhar meu interior. Eu podia ouvir Foster tentando vomitar de novo, mas seu estômago já estava vazio.

— Cavaleiro Branco, por favor responda.

— Oh. Merda. Desculpa. Câmbio. Não sei como isso deve funcionar.

— Podemos levar um barco da Guarda Costeira para você em setenta e cinco minutos. Por favor confirme. Câmbio.

E isso me impressionou - seja estupidez e uma bravata ou crença falsa em mim mesmo -, mas em setenta e cinco minutos, tudo poderia terminar. Eu não podia simplesmente sentar em minhas mãos e esperar por uma onda nos levar a pedacinhos. Eu tinha que fazer algo. — Não. Vou nos levar para a enseada. Câmbio.

— Por favor repita. Câmbio.

— Vou nos levar para a enseada. Estaremos mais seguros lá. Câmbio. — E desta vez, quando eu disse, saiu com mais convicção. Desliguei o telefone e lembrei-me de Foster falando sobre o protocolo de segurança e onde estavam os cintos dos dispositivos de flutuação. Puxei a almofada do assento e, ainda balançando com o mar agitado, puxei duas daquelas coisas estúpidas de flutuação do cinto. Eu prendi a minha com facilidade, mas sabia que o Foster seria uma história diferente. Entrei no banheiro, me apoiando na porta. Foster estava enrolado em uma bola no chão, quase enrolado no vaso

sanitário. Jesus. Ele também estava mais cinza do que verde agora e eu não sabia se isso era uma coisa boa ou ruim, e ele também estava nu, mas o lençol estava enrolado em torno dele.

— Ok, eu preciso que você coloque isso — eu disse, entrando na sala, segurando a parede do chuveiro e a bacia para apoio do balanço do iate. Inclinei-me sobre ele, tentando me apoiar entre as paredes com os pés, e tentei deslizar uma extremidade por baixo dele, mas não consegui. — Foster, baby, eu preciso que você tente se sentar.

Ele abriu os olhos e gemeu.

— Você pode se sentar um pouco?

Ele tentou se mover, então eu ajudei levantando-o pelo ombro. Ele estava como um peso morto e gemendo como se o movimento o deixa-se doente. Puxei seu braço, provavelmente mais áspero do que deveria, e rapidamente preendi o cinto em volta da cintura, mas pelo menos ele agora o vestia. Foster voltou ao chão e eu levantei sua cabeça, mais gentilmente do que eu tinha feito com o braço, e enfiei o travesseiro debaixo dela, e ele lutou para se enrolar novamente. Eu finalmente o acomodei antes que ele se ajoelhasse e vomitasse no banheiro. Ele agora estava com a bília verde, e eu sabia por muito vinho barato nos meus dias de universidade quão horrível isso era.

Quando ele terminou e se enrolou no chão, peguei a toalha e limpei o rosto dele. — Obrigado — ele murmurou.

Eu agarrei seu momento de clareza. — Foster, vou tentar navegar conosco pela enseada. — Trovões estalaram no alto. — A tempestade vai nos acertar muito aqui.

Ele olhou para mim com os olhos turvos e afundou de volta no chão. Eu o cobri novamente com o lençol e olhei em volta. Na verdade, ele estava bem isolado no banheiro. Ele realmente não podia se machucar muito no chão, mas eu voltei e peguei as almofadas do assento e as coloquei em volta dele por uma boa medida.

O barco estava balançando com firmeza agora e parecíamos estar balançando de um lado para o outro, não curvando-se para a popa, o que me disse que o barco estava meio voltado para o lado errado. Empurrei a porta da cabine, embora ela tentasse segurar o vento. Eu empurrei com força e subi, apenas para o tipo de desejo que eu não tinha.

O céu estava mais escuro do que eu lembrava. O vento era mais forte, as ondas eram maiores, a chuva martelava em uma inclinação. Eu não conseguia ver além da borda do iate.

Porra.

Olhei por cima do compartimento em direção ao arco. As velas abaixaram, felizmente. Eu odiaria imaginar onde estaríamos se elas ainda estivessem armadas.

Mas Foster havia ancorado quando chegamos aqui, e eu sabia que deveria puxá-la, então apertei o botão para puxar a âncora, mas o zumbido da linha parecia errado, tenso e cheio de tensão.

Porra!

Pela maneira como a água estava empurrando contra nós, a linha de ancoragem deve estar presa, nos segurando para que estivéssemos indo contra as ondas.

Martelado pela chuva, e segurando a linha da grade o mais forte que pude, cheguei à âncora. Eu tentei olhar por cima do lado do iate para ver se eu podia ver algo óbvio, e sim, foi puxada com força contra o barco.

Porra.

A última coisa que eu precisava que acontecesse era encaixá-la ou prender e puxar a lateral do iate para baixo. Fui ao leme e nos virei na linha de ancoragem, tentando dar mais espaço. O vento empurrava, as ondas puxavam, a chuva caía, mas mudar nosso ângulo nos fez recuar um pouco. Apenas o suficiente. A linha puxou e começou a se retrair, livre de tudo o que a continha.

Então me lembrei de Foster dizendo que ele já havia atingido uma tempestade de categoria 2. Era isso o que era? Uma categoria 2?

Eu tentei não pensar nisso.

Mas ele não entrou em detalhes, e eu não pensei em perguntar. Era uma informação que eu não precisava saber!

Ok, respire, Stuart.

Eu precisava manter minha cabeça. E eu precisava me orientar.

Toda vez que um raio iluminava o céu, eu via a ilha à minha esquerda, mas estava mais às sete horas e eu precisava dela às nove. O norte estava na frente e eu precisava ir para o norte até o topo da ilha. Girei o leme, tentando nos trazer de volta, mas foi contra as ondas. Estávamos acertando as ondas, mas se eu virasse o arco na tempestade, não iríamos a lugar nenhum. Se eu afastasse o arco da tempestade, encalharemos na ilha. Eu precisava manter o vento do lado de estibordo, por mais errado que parecesse.

Eu não tinha ideia do que estava fazendo.

O vento levou a chuva ao meu rosto, e eu estava ensopado até os ossos. Minhas mãos tremiam. Meu corpo inteiro tremia. Não estava frio, eu estava assustado. Mas eu virei a chave e, quando a água, a chuva e as ondas atingiram o painel, vi os medidores girando para a vida.

Eu não sabia que tinha esperado que o motor não funcionasse. Eu não conseguia ouvir o zumbido silencioso do motor durante a tempestade, mas os medidores me disseram que estava funcionando. Merda! Eu não deveria puxar a âncora depois de ligar o motor? *Tarde demais agora!* Um trovão explodiu, folhas de relâmpago iluminaram o céu escuro, assustando a merda fora de mim. Mas de alguma forma me fez focar, e eu fingi, como sempre fingi, que sabia navegar.

A verdade era que eu não tinha ideia de como velejar.

Eu segurei o leme quando Foster estava no comando, como uma criança segurando o leme de um carro, empoleirado no colo do pai.

Eu não tinha ideia do quão rápido eu estava indo, não tinha ideia do quão rápido eu deveria ir. Eu pressionei o acelerador, não todo o caminho. Por mais que eu quisesse avançar e acelerar para escapar desse pesadelo, sabia que o melhor era seguro e estável.

Nós agitamos uma onda, e eu pensei que o outro lado se foi. Parecemos cair para sempre, mas aterrissamos com um baque, escavando água áspera no ângulo errado.

Jesus. Eu ia nos despedaçar?

Então nós avançamos, e tudo que eu podia fazer era manter a escuridão da ilha à minha esquerda. Nem muito perto, nem muito longe. Não sabia a que distância o recife estava à minha direita. Eu não sabia o quão longe eu tinha que ir para o norte. Tudo o que pude fazer foi tropeçar para frente e tentar segurar o iate com firmeza. O vento e a água estavam empurrando, empurrando, gritando para a ilha, mas eram afloramentos rochosos, eram recifes e corais, rasos, e eu tive que forçar o arco para o norte, segurando e lutando com o leme.

Oh Deus, e se eu batesse o leme?

Apertei o acelerador um pouco mais forte, assim quando uma onda nos ameaçou, e subiram pela parede, borrifos de água - sejam eles chuva ou oceano, eu não sabia dizer, me atacaram do leste. Não

é só água. Toda dúvida, toda incerteza, varria sobre mim, me encharcando até os ossos, e uma constatação fria de que eu estava muito longe, um sentimento de *o que eu fiz* caiu sobre mim das nuvens acima.

Era diferente de qualquer ansiedade que eu já experimentara antes. Não havia paredes se fechando em mim, não havia pressão no meu peito, não havia luta para respirar.

Não foi uma tempestade minha.

Eu não podia negociar meu caminho para sair disso. Eu não conseguia falar doce ou blefar; não havia acordo a ser feito; não havia nada. Eu não conseguia segurar meu olhar em uma mesa da sala de reuniões e esperar o outro homem se dobrar primeiro.

Eu tive que me controlar quando subimos de lado, e tive que esperar quando a crista de uma onda ameaçava colidir sobre nós. Somente a ponta branca era visível no céu encharcado de chuva à minha direita.

Mas não caiu sobre nós, cedeu debaixo de nós, e nós balançamos com o peso da gravidade na água, apenas para subir de novo quando a próxima onda aumentava.

Gostaria de saber se eu poderia estar com muito medo de ficar enjoado.

Eu naveguei e recuei a velocidade enquanto parávamos no vale de uma onda, depois aceleramos a parede que se aproximava. E eu estava tão ocupado assistindo a água à minha direita que esqueci de

ficar de olho na ilha à esquerda até que, com o próximo relâmpago, percebi que não estava lá.

Porra!

Eu exagerara? Eu estava indo muito longe para o leste? No recife, ou pior ainda, eu nos levava da plataforma continental para o mar aberto?

O pânico me atingiu com força como um golpe entre as costelas, e eu nos balancei a bombordo. Não pensei no momento ou na onda que se aproximava e pensei por um segundo de parar o coração que estávamos prestes a mergulhar na água. Se foi a coisa certa a fazer, ou a quilha, ou apenas boa sorte, o iate se endireitou e subimos na água. Uma subida discernível novamente, depois planamos, mais suave, com o vento e a água, e avançamos para o oeste.

Raios ecoavam acima, cobrindo o horizonte, mostrando o céu escurecido, tempestuoso. A chuva era um dilúvio, apenas lençóis de água. Tive a sensação de me virar tantas vezes que não sabia em que direção.

Não conseguia sair do leme para verificar a mesa de navegação. Deus, isso ia funcionar? Dado o quão molhado estava todo o convés e a cabine?

A chuva estava agora nas minhas costas, e o vento e a água nos levaram, então devemos estar indo para o oeste. Ou oeste o suficiente, eu imaginei. E quanto tempo poderíamos fazer isso até

encontrarmos alguma coisa? A ilha, um recife? Coral poderia abrir um buraco no casco e, em uma onda de pânico que estava se tornando algo quase abjeto de terror, comecei a girar a roda para nos levar a estibordo.

E então um raio iluminou o céu novamente, e eu vi.

A alguma distância, talvez a sessenta metros do lado do porto, pouco visível na tempestade cinzenta da tempestade, havia o balanço e a inclinação das palmeiras.

A ilha.

Eu cheguei ao topo da ilha.

Virei-nos para dentro, mais perto da costa e, com a chuva e o vento nas costas, sabia que ainda estava indo para o oeste. Não lutando mais contra as ondas, estávamos voando ao vento. Eu não tinha ideia do quão perto a enseada estava, mas desviei-nos ainda mais para dentro, e as ondas tentaram corrigir meu curso, mas eu precisava virar, girar, girar. Eu precisava ir *para dentro da* enseada, não além dela. O vento soprava forte, o vento tentava nos despejar, e assim que saímos da tempestade para a proteção desse pequeno porto, sacudimos, sacudindo na água, puxando como um barquinho de brinquedo em uma corda.

Eu nos encalhei? Eu bati em um coral? Eu tinha atingido alguma coisa? Ou era exatamente isso que os iates faziam? Eu virei muito rápido?

Então, como se alguém apertou um botão, sem força, sem fúria, deslizamos por águas mais suaves. A chuva ainda caía e o vento rugia acima de nós, mas a água não estava nem de longe tão áspera.

De volta ao leme, reduzi a velocidade do acelerador e desliguei o motor. A chuva ainda caía e o vento rugia entre as árvores, e estava agitado, mas nada como o que havíamos acabado de passar. Nós estávamos protegidos aqui.

Contra todas as probabilidades, contra tudo que a mãe natureza jogou em mim, eu fiz.

Eu nos levei até a enseada.

Deus sabia que dano eu tinha causado ao iate, e eu tinha certeza que Foster me mataria quando ele estivesse se sentindo melhor... Merda! Foster. Soltei a âncora novamente, desta vez até atingir o fundo arenoso, abri a porta e quase caí da escada. Fechei a porta atrás de mim e o silêncio foi quase ensurdecedor.

Sem vento, sem chuva, sem água.

Corri direto para o banheiro e abri a porta. Foster ainda estava no chão, do outro lado do banheiro, de costas para a almofada do assento que eu tinha colocado lá. Se ele se mudou para lá por sua vontade ou se ele caiu e deslizou para lá com a navegação difícil, eu não tinha como saber. Ajoelhei-me ao lado dele e toquei seu rosto. Ele ainda estava quente e um pouco de cor havia retornado, mas seus

olhos se abriram de sono. Ele levou um segundo para se concentrar em mim, então o menor sorriso apareceu no canto da boca.

— Ei — eu disse, de repente emocional. — Você está bem?

— Cansado — ele murmurou. Ele fechou os olhos novamente e não os abriu. O sono foi bom. Isso significava que ele estava melhorando.

Levantei-me e o cobri novamente com o lençol e voltei com a garrafa aberta de Lucozade. Eu fiz ele tomar alguns goles. Embora ele tenha protestado a princípio, expliquei que ele precisava substituir seus eletrólitos e isso o deixaria melhor. Ele tomou um gole do que podia e logo desmaiou novamente.

Achando que era melhor ele ficar onde estava, eu saí e fechei a porta atrás de mim. De pé no meio da cabine, a água se acumulando ao redor dos meus pés, a adrenalina em que eu estava correndo colidiu ao meu redor, e a realidade do que eu tinha feito penetrou em mim. Segurei a mesa, deixei minha cabeça cair para a frente e chorei.

CAPÍTULO DEZESSEIS

FOSTER

Eu acordei no chão do banheiro e notei duas coisas. Meu corpo doía por todo o lado. Como se eu tivesse sido atropelado por um caminhão. E eu estava usando um cinto de flutuação e nada mais. Um cinto de flutuação?

Lentamente, o reconhecimento voltou para mim.

Sexo, Stuart, rindo, comendo... ostras.

Meu estômago revirou novamente, embora eu não vomitei. Eu não pensei que poderia.

Então eu lembrei. Vômitos e vômitos, estar doente e sentir como se a morte estivesse à espreita. Pior que a morte. Lembrei-me de desejar a morte. Eu teria gostado.

Eu me sentei, todos os músculos protestando. Meu estômago e costelas doíam da mesma maneira que doeram depois de ficarem violentamente doentes por horas. Minhas costas e quadris doíam, provavelmente por dormir no chão.

Havia meia garrafa de Lucozade no chão ao meu lado, almofadas da mesa ao redor do chão.

Que diabos?

Então me lembrei de Stuart limpando meu rosto, perguntando se eu me sentia bem, seu olhar de verdadeira preocupação.

Stuart.

Levantei-me, sentindo-me um pouco decadente e dolorido, mas de outra forma tudo bem. Definitivamente me sentia melhor, mas sobreviveria. Enrolei uma toalha em volta da minha cintura, abri a porta e olhei para a cabine dele. A cama estava desarrumada, mas vazia, então eu rapidamente vesti um short, depois descobri que a sala e a cozinha também estavam vazias. As coisas pareciam um pouco espalhadas, mas minha primeira preocupação foi Stuart.

Onde ele estava?

A porta da cabine estava fechada, então eu a abri e subi as escadas. O céu estava azul, a água estava calma e, de onde o sol mal se erguia no horizonte, acho que eram apenas seis e meia da manhã. Mas não havia Stuart... e então eu notei a ilha.

Nós não estávamos onde deveríamos estar.

A última coisa que me lembrava foi de estar no lado leste da ilha. Quando fomos à minha cabine ontem, estávamos definitivamente no lado leste da ilha, longe das pessoas e dos olhares indiscretos. Passamos horas na cama, mas estávamos definitivamente no lado leste de Low Island, e agora estávamos na enseada?

O que...?

— Stuart? — Eu chamei. Ele não estava nadando na parte de trás do iate. A escada não estava abaixada. — Stuart! — Com o coração na garganta, corri para o convés e abri as duas portas fechadas da cabine, e lá estava ele... na minha cama.

Palavras nunca descreveriam o alívio que senti.

Ele se sentou, com os olhos turvos e tentou se levantar da cama. — O que há de errado? Foster você está bem? — Então ele piscou e parou, com um pé no chão. Ele me viu e cedeu. — Oh. Ei.

— Ei — respondi. Então notei o cinto flutuante no chão, a pilha de toalhas molhadas ao lado. — O que aconteceu?

— Você teve intoxicação alimentar — disse ele, sentando-se na cama, esfregando as duas mãos no rosto, e depois apertou os olhos antes de me dar um sorriso cansado. — Mas você parece muito melhor. Que horas são? Como você está se sentindo?

— Eu sinto... Não sei como me sinto. Eu quis dizer, o que aconteceu? Por que estamos na enseada?

— Houve uma tempestade — disse ele, franzindo a testa. — Foi ruim. Não sabia mais o que fazer e lembrei-me de que você disse que a enseada seria mais segura.

— Então você navegou? Meu iate? — Eu me senti enjoado de novo; isso não tinha nada a ver com comer frutos do mar ruins.

— Você estava no chão — disse ele, com um olhar magoado. — Um tom de verde que ninguém deve ter. Eu estava estressado e

assustado, e não sabia mais o que fazer! — Ele saiu da cama e passou por mim.

Agarrei seu braço. — Pare. Eu não estou com raiva.

Ele se virou para olhar para mim, mas o conjunto defensivo de sua mandíbula não havia diminuído.

— Estou chocado — admiti. — E desculpe. Não acredito que você fez isso.

Ele puxou o braço livre. — Eu não tive muita escolha. Era isso ou o helicóptero de resgate...

— O helicóptero de resgate? — Eu tinha certeza que meus olhos quase saltaram da minha cabeça.

— Você estava verde. No chão. Houve uma tempestade enorme, e pensei que íamos virar. Eles mandaram um rádio para você. Eu não liguei para eles. Eu nem sabia como falar com todo o *por cima disto, sobre essa* besteira.

Ele obviamente pensou que eu ainda estava chateado com ele, mas eu estava apenas tentando entender tudo isso. Coloquei minha mão em seu ombro. — Ei. Você navegou!

Eventualmente, ele sorriu, a tensão entre nós diminuindo. — E eu coloquei o cinto em você, caso fôssemos ao mar.

Deslizei minha mão pelo braço dele até os dedos e apertei-os. Eu não tinha perdido o que ele disse antes, estava apenas tentando recuperar o atraso. — Você estava com medo.

— Petrificado.

— Eu sinto muito.

— Não foi sua culpa — Ele sussurrou.

Nós dois sabíamos que isso não era verdade. Eu era responsável por seu bem-estar aqui fora, e eu falhei. Epicamente.

Uma onda de cansaço caiu sobre mim, e meu estômago revirou com náusea, náusea real desta vez. — Eu preciso me sentar — eu disse. Soltei o cinto e o tirei.

— Vá tomar banho — ele sugeriu. — Isso fará você se sentir melhor. Vou fazer um chá preto para você.

— Você vai me contar tudo então? — Eu perguntei.

Ele assentiu. — Acho que podemos esperar uma visita do barco da Guarda Costeira. Pelo menos, eles disseram que ligariam ontem à noite quando eu lhes disse que tinha chegado à enseada.

Eu assenti. — Sinto muito que você tenha passado por isso sozinho.

Ele me deu um sorriso que não estava bem em seu rosto. — Tome um banho. Vou colocar a chaleira. Então você pode passar por cima do seu barco para ver o dano que causei a ele.

— Dano?

Ele deu de ombros e virou-se para a pia, ocupando-se com a chaleira.

Ele estava certo sobre o chuveiro. Isso me fez sentir muito melhor. Humano, quase. Mas ele estava errado sobre o dano. Não havia nenhum. Tudo estava perfeito. Melhor que perfeito. Ele provavelmente evitou danos nos navegando pela ilha.

Ele ficou no convés, olhando as árvores, um pouco perplexo.
— O que há de errado? — Eu perguntei.

— Como não pode haver danos? Eu estava esperando árvores caídas ou despidas.

Eu esfreguei seu braço. — Elas sofrem ciclones aqui e se recuperam de volta.

Ele me deu um pequeno sorriso. — E o barco?

— Ele está perfeito. Obrigado.

— O que você está me agradecendo?

— Por salvar meu iate. Por nos salvar. Por cuidar de mim. Por estar tão assustado como o inferno, mas sendo corajoso o suficiente para fazê-lo de qualquer maneira.

— Acabei por fazer o que qualquer um faria — ele murmurou.

— Não, você fez o que poucas pessoas podiam fazer. Stuart.
— Eu esperei que ele olhasse para mim. — Não me lembro muito sobre a noite passada. Nada da tempestade. Mas eu me lembro de estar doente como o inferno e de ver seu rosto, cuidando de mim, limpando meu rosto, me fazendo beber. — Eu sorri para ele. — Obrigado. Muitas pessoas também não teriam feito isso.

— Eu estava preocupado com você — disse ele gentilmente. Então seus olhos encontraram os meus, e essa rara vulnerabilidade voltou. — Eu estava com medo.

Deslizei minha mão em torno de seu pescoço e o puxei contra mim. — Você fez muito bem, Stuart. E sabe de uma coisa? — Eu me afastei e segurei seu braço para que ele tivesse que olhar para mim. — Você disse antes que não era corajoso o suficiente para mudar sua vida. Bem, você acabou de provar que é.

Ele fez uma careta com um olhar que eu não conseguia identificar. Então ele pareceu mudar de rumo. — Posso te perguntar uma coisa?

— Claro.

— Cavaleiro Branco, o nome do seu iate... — Ele quase sorriu. — Eu não pensei muito nisso, mas o cara da Guarda Costeira continuou repetindo. Entendo que é o seu nome, mas isso significa o que eu acho que faz?

Eu sorri. — Se você está pensando que isso significa uma aquisição corporativa amigável que supera a aquisição hostil de um cavaleiro negro, você estaria correto.

Ele assentiu devagar. — Eu pensei assim.

— Meus dias de hostilidade corporativa terminaram. Parecia apropriado.

— Isto é. — Ele engoliu em seco e perguntou: — Como está se sentindo?

— Nada bom. Mas melhor do que eu estava. Com agradecimentos a você. — Peguei sua mão e segurei nossos dedos. De alguma forma, apesar de todo o sexo e beijo que havíamos feito, um de nossos momentos mais íntimos. — É melhor eu ligar para a Guarda Costeira.

Ele assentiu. — Sim. E peço desculpas por minha falta de conhecimento sobre protocolo.

— Eles realmente vão aparecer?

Ele deu de ombros e fez uma cara pensativa. — Acho que sim. Como eles sabiam onde estávamos, afinal?

— Rastreamento ao vivo. Estou registrado e eles provavelmente estavam apenas me ligando por advertência, vendo a tempestade chegando e nosso sinal não se movendo.

Ele suspirou. — Bem, estou contente. Meio que me senti muito sozinho aqui na noite passada. — Ele olhou para a ilha pitoresca, calma e bonita como era. — Não acredito que é o mesmo lugar.

Levantei a mão dele nos meus lábios e beijei primeiro os nós dos dedos, depois a palma da mão. — Obrigado. Por tudo que você fez. Sempre soube que você estava ouvindo quando estava lhe dizendo como navegar e o que fazer, mas não achei que você precisaria.

— Nem eu.

Havia uma quietude nele, e eu não tinha certeza da causa disso. Ele ainda estava abalado desde a noite passada? Ou ele estava

com raiva? Ele me achava irresponsável? Ele queria ir embora? — Então — eu cobri. — Ainda tem mais um dia. Você quer voltar para Cairns mais cedo?

Ele franziu a testa. — Por quê? Você ainda está se sentindo doente?

— Não, eu apenas pensei que você poderia ter tido bastante excitação por um dia para durar um tempo.

— Para durar para sempre — acrescentou. Mas então ele respirou fundo e me deu meio sorriso. — Eu não quero voltar mais cedo.

Eu não quero voltar seguiu em minha mente, e eu esperava que ele dissesse isso. Mas houve apenas silêncio. Ele estava na mesma página? Ele sentia o que eu sentia? Antes que eu pudesse perguntar, ele puxou minha mão e me levou para as escadas.

— Vamos. Vamos pegar o chá para você e você pode ligar para a Guarda Costeira antes que eles venham nos procurar.

A chamada para a Guarda Costeira foi breve, mas informativa. Foi uma tempestade de categoria 2, não muito perigosa, mas Stuart navegou e navegou sozinho, no escuro, sozinho. Dirigindo com chuva, vento soprando, ondas altas. Eu não acho que ele percebeu a

extensão de suas ações. Teríamos corrido algum perigo se ele não nos tivesse levado para a enseada protegida? Impossível dizer, mas era provável.

Ele fez a coisa certa. Ele fez uma coisa corajosa.

— Oh — falei no bocal. — Jenner pede desculpas por não saber o protocolo de rádio. Câmbio.

A resposta da Guarda Costeira foi um som feliz. — Certifique-se de ensiná-lo se ele vai velejar um pouco mais. E diga a ele que ele fez muito bem. Câmbio.

Sorri para Stuart, que estava sentado à mesa e ouvindo a conversa inteira. — Eu vou. Câmbio, desligo.

Pendurei o receptor bidirecional no suporte e fui até ele. Ele fez chá preto e um pedaço de torrada. — Você quer tentar comer?

Meu estômago revirou e balancei a cabeça. — Ainda não. Eu vou tomar o chá, no entanto.

As coisas estavam em silêncio entre nós, não inteiramente de um jeito bom, mas também de um jeito ruim. Era como se as coisas precisassem ser ditas, o ar precisasse ser limpo. — Eu devo muito a você — comecei. — Pela noite passada. Por cuidar de mim e sair da tempestade. Isso realmente exigiu coragem. Sei que você não é bom com elogios pessoais, mas estou muito orgulhoso de você.

Ele corou e, embora não tenha dito nada em resposta, deu o menor sorriso. Então, na forma típica de Stuart, ele mudou de assunto. — Então, eu tenho mais um dia. Mais uma noite...

Bebi meu chá e esperei para ver como meu estômago reagiria.
— O que você quer fazer?

— Eu não quero fazer nada — ele respondeu em quase um sussurro. — Quero me sentar no convés e não perder nem um minuto da vista, o sol.

Ele não queria perder um minuto hoje porque estava saindo amanhã. E de repente o chá foi uma má ideia. Afastei-o e tentei sorrir para ele. — Então é isso que vamos fazer.

— Com você — acrescentou, encontrando meus olhos. — Eu quero sentar com você. E não perder um minuto *contigo*.

Meu coração bateu contra as minhas costelas. — Eu quero isso também.

Ele sorriu tristemente, depois se iluminou como se precisasse se controlar. — Então eu vou me trocar. A sunga branca.

Eu ri apesar de me sentir mal e com o coração pesado.

Enquanto ele se trocava e subia ao convés, limpei o banheiro e desinfetei o que pude. Limpar onde eu estava doente me fez sentir um pouco melhor, então peguei alguns biscoitos e uma garrafa nova de Lucozade, e quando o encontrei no andar de cima, ele estava deitado de bruços sobre uma toalha, tomando banho de sol em um bronze dourado.

— Gostaria de saber onde você estava — ele murmurou, com os olhos ainda fechados.

Sentei-me ao lado dele, depois deitei de lado para que eu pudesse estudar seu rosto. — Você é realmente lindo — eu disse, tão gentil quanto a brisa.

Seus lábios se curvaram em um sorriso; suas pálpebras se abriram lentamente. — Assim como você.

— Você me viu no meu pior — eu disse. — Ontem à noite, violentamente doente. Enquanto completamente nu. Dificilmente bonito.

Ele deu uma risada e rolou para o lado dele, nossos corpos, nossos rostos, a apenas alguns centímetros de distância. Ele passou os dedos pelos cabelos da minha têmpora. — Você se sente melhor?

Eu assenti. — Um pouco. Mas não tenho certeza se vou concorrer a qualquer maratona sexual do último dia. Desculpa.

Ele procurou meus olhos e acabou dizendo: — Eu não me importo. Eu só quero isso. Estar aqui com você, assim.

E foi exatamente assim que ficamos. Ele rolou para perto de mim, arrastando os pés até poder usar meu braço como travesseiro, e ele cochilou. Dado que ele teve uma noite tão terrível, duvidei que ele tivesse dormido muito, então não me importei. Isso me deu tempo para saborear o silêncio, o não dito, a proximidade. Ele nos meus braços no calor do sol.

Depois, quando o sol ficou quente demais, nadamos na água fria da enseada. Só entrei brevemente, mas me sentei na beira do convés com os pés na água e o observei. Depois disso, sentamos no

banco na cabine comigo encostado no final e ele entre minhas pernas, de costas para o peito, para que eu pudesse beijar o topo de sua cabeça, segurá-lo em meus braços.

E foi assim que passamos o último dia inteiro. Sempre tocando, sempre perto.

Infelizmente, tivemos que voltar ao continente antes do pôr do sol. O plano seria ficar perto de Port Douglas e depois seguir para Cairns pela manhã. Perguntei-lhe se ele queria navegar de volta para a costa, mas ele rapidamente recusou. Ele se sentou comigo enquanto eu segurava o leme, com a mão na minha perna.

Nosso plano original era ficar entre Wentworth Reef e Port Douglas, e poderíamos atracar se ele quisesse ir a um restaurante no continente. Mas ele não quis. Ele não queria sair do iate.

Ele tinha que sentir o mesmo que eu. Ele tinha que sentir. Ele precisava me tocar, estar perto de mim, como se soubesse que nosso tempo estava quase acabando e ele mal podia suportar. Mesmo que ele não pudesse dizer, suas ações falavam mais alto.

Na hora do jantar, eu podia suportar torradas e chá, que comemos na cabine. Havia outros barcos por perto, não muito perto, mas Stuart não parecia se importar agora. Ele nem pareceu notar. Ele simplesmente se plantou nos meus braços e assistimos o pôr do sol sobre a água.

Nosso último.

Nossa última noite.

E mesmo quando a escuridão caiu, nenhum de nós se mexeu. — Eu não quero que isso acabe — eu sussurrei, seguido por um beijo acima de sua orelha.

— Eu também — ele respondeu, fazendo meu sangue cantar e meu coração bater.

Certamente ele tinha que ouvir isso martelando no meu peito...

— Vamos para a cama — ele murmurou, levantando-se e me puxando pela mão. Fechamos a cabine e entramos no quarto dele, onde ele tirou a sunga. Seu pênis estava cheio, e embora meu corpo tenha reagido, eu simplesmente não tinha certeza se podia. — Stuart, eu...

Ele sorriu quando deslizou nu na cama. — Não precisamos fazer nada — disse ele, batendo na cama ao lado dele. — Eu só quero estar com você.

Tirei a roupa e apaguei as luzes, depois me juntei a ele na cama. Ele deslizou para o meu lado, como os ímãs faziam, com a cabeça na dobra do meu braço.

Eu queria dizer para ele ficar. Eu queria dizer a ele para deixar o emprego, a vida antiga e ficar comigo.

Eu queria contar a ele como me sentia.

Mas enquanto eu procurava as palavras certas, sua respiração se igualou e ele dormiu. Eu o puxei para perto e passei meus braços em volta dele, e mesmo que ele não pudesse me ouvir, ou talvez

porque ele não pudesse me ouvir, eu disse as palavras de qualquer maneira. — Estou me apaixonando por você.

Eu acordei me sentindo muito melhor. E eu acordei com a bunda de Stuart pressionada com força contra o meu pau. Talvez tenha sido por isso que me senti tão bem, mas de qualquer forma, foi uma maneira extremamente agradável de acordar.

O céu mal estava claro lá fora, então eu sabia que era cedo e passei a mão pelo quadril dele. — Bom dia — ele murmurou, ainda sonolento.

Eu beijei a parte de trás de sua cabeça e minha coluna se curvou involuntariamente, pressionando meus quadris com força e calor contra ele. — Manhã.

Então me lembrei de que era seu último dia e congelei.

— Eu vou embora hoje — ele sussurrou como se soubesse onde minha mente tinha ido.

Eu beijei seu ombro. — Eu sei.

Ele empurrou a bunda de volta. — Uma última vez — ele disse rispidamente. — Por favor.

Um arrepio percorreu meu corpo e ele gemeu baixo em sua garganta.

— Fique aqui — respondi. Eu rolei para a cabeceira, encontrando rapidamente o que precisava. Eu me preparei, então ele. Dedos lisos encontraram seu buraco e ele arqueou em mim.

— Não — ele lamentou. — Eu preciso de você. Dentro de mim. Apenas faça.

— Você não está pronto — respondi, mas ele levantou a perna, estendeu a mão para agarrar meu pau e me guiou para dentro dele.

Eu o fodi lentamente, e ele arqueou as costas, me dando um melhor acesso, e eu entrei. — Oh merda, Stuart — eu respirei, tentando conter a urgência, o desejo de bater nele.

Agarrei seu quadril e mordi delicadamente seu ombro, e ele gritou, arqueando um pouco mais. — Foster, por favor. Eu quero sentir isso por dias. Faça-me sentir isso por dias.

Oh merda.

Então eu agarrei um pouco mais e empurrei mais fundo. Ele gemeu, longo e baixo, e começou a se acariciar.

— Mova-se em mim — ele implorou. — Foda-me.

Então eu fiz.

Eu o empurrei de bruços, rolando em cima dele, e antes que ele pudesse reclamar, eu bati nele. Exatamente como ele gostava. Exatamente como ele precisava disso.

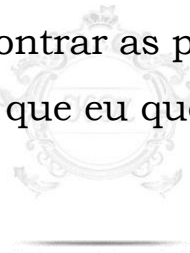
Eu me afastei um pouco e empurrei mais fundo, todo o caminho. Ele agarrou os lençóis, gritando quando enterrei todo o

meu comprimento dentro dele. Mas ele levantou a bunda e mexeu os quadris e eu empurrei nele novamente.

Deslizei meus braços sob seu peito e o segurei enquanto lhe dava exatamente o que ele queria. Então parei, deixando-o saborear a sensação de ser possuído, e beijei sua nuca para dizer-lhe para não me deixar. E eu empurrei profundamente, beliscando a pele de seu ombro para implorar para ele ficar.

E ele gozou em resposta, estremecendo debaixo de mim, apertando meu pau e ordenhando meu orgasmo dos meus ossos, minha alma. Eu gozei com tanta força, segurando-o, enterrado tão profundamente dentro dele.

Mas não consegui encontrar as palavras. A fala me escapou, o medo me envolveu. E tudo o que eu queria dizer não foi dito.



Navegamos pela costa serpenteando com um vento lento e evitando uma conversa que precisávamos ter. Uma conversa que nenhum de nós queria iniciar. Ele desapareceu no convés enquanto eu me concentrava em velejar, e isso me deu tempo para preparar mentalmente as palavras que eu precisava dizer.

Quando ele subiu as escadas, seus passos devagar, eu sabia que era isso. Eu encontrei seu olhar e respirei fundo, pronto para colocar meu coração em risco.

— Estou pronto — disse ele.

Eu pisquei. — Você está o que?

— Está tudo arrumado. Pronto para ir. — Ele soltou um suspiro lento. — Meu voo é às doze.

Minha mão caiu do leme e eu olhei estupefato. — Ou não.

— O que?

Meu coração estava na minha garganta e eu mal conseguia engolir. — Ou você não poderia ir. — Meu discurso não estava planejado. Visões na minha cabeça, dando-lhe algum discurso romântico sobre seguir seu coração e me escolher, estavam dando terrivelmente errado. — Você poderia ficar.

Ele me deu um sorriso triste. — Eu não posso.

— Por que não?

Ele passou a mão pelos cabelos e olhou para o mar. — Eu tenho uma vida lá. Não posso simplesmente ir embora.

— Sim, você pode. Você não é feliz lá. Você disse então. Você disse que queria ficar aqui. Comigo.

— Eu disse que *desejo*. Ou poderia. — Seu sorriso triste se transformou em um sentimento de pena. — Mas foi apenas um sonho bobo. Não era real.

Essas palavras doeram como se ele tivesse me dado um tapa. — Foi real para mim.

— Foster — ele começou, me alcançando.

Afastei meu braço. — Esqueça. Não sabia que nada disso era real para você. Eu deveria ter, e eu sou um idiota. Desculpa.

— Foster, não foi isso que eu quis dizer.

— Eu acho que está bem claro o que você quis dizer. — Olhei para a proa do iate e levantei o queixo. Essa conversa foi encerrada. Eu terminei. Eu tolamente baixei a guarda e olhe para onde isso me levou.

— Eu só...

— Em breve chegaremos ao porto — falei por ele.

Ele era um homem inteligente; ele pegou a dica. Ele se sentou no banco, não perto de mim como costumava fazer, e puxou o celular do bolso. Ele ligou e, nos segundos seguintes, os bipes começaram. E eles não pararam.

Mensagens. E-mails. Chamadas perdidas.

Seus ombros caíram cada vez mais a cada som. Ele apenas ficou sentado e olhou para a tela enquanto o telefone continuava emitindo um bipe, e então ele realmente tocou. Mas ele não respondeu. Ele apenas ficou sentado e ficou olhando.

E um vislumbre de esperança tomou conta do meu peito.

Ele não queria essa vida. Ele odiava e estava o matando. Como quase tinha me matado.

— Você vai responder isso? — Eu perguntei do telefone tocando.

Seu olhar encontrou o meu e seus olhos brilharam como se estivesse lutando contra as lágrimas. Mas havia uma ponta em sua

mandíbula e suas narinas dilataram, e ele se levantou do banco e se foi descendo as escadas, antes que eu pudesse piscar.

— Stuart — gritei, mas a porta da cabine batendo foi sua única resposta.

Eu não poderia deixar o leme. Estávamos entrando no porto, havia muito tráfego e eu precisava estar no comando. E eu tentei ver a razão, e tentei ver as coisas da perspectiva dele. Eu estive no lugar dele, afinal. Eu sabia *exatamente* o que ele estava passando.

Mas fiquei mais irritado quanto mais perto do porto chegamos.

Eu sabia exatamente que tipo de pessoa era necessária para fazer o trabalho que ele fazia, e isso exigia teimosia, ego e desafio. E eu tinha todos os três em abundância. Se ele pensou que poderia me enganar, ele estava errado.

Se ele queria ir embora, que assim seja. Puxei a vela grande, desliguei o motor e naveguei no porto.

Estava ocupado, como sempre, e isso também me irritou.

Havia barcos, cruzeiros, empreendimentos, todos passando os dias como se nada estivesse errado. Em terra, havia pessoas sem preocupações no mundo, andando e correndo com cães ou empurrando carrinhos de bebê. Palmeiras balançavam como se meu mundo não estivesse acabando.

Como se meu coração não estivesse partido.

Amarrei o iate e esperei que ele subisse. Se ele estivesse saindo deste barco, ele poderia muito bem me olhar nos olhos enquanto fazia isso.

Eventualmente, depois do que pareceu uma eternidade, ele entrou na cabine, vestido com shorts adequados e uma camisa, mochila na mão. *Meu Deus, ele está realmente saindo.*

Eu nem tentei esconder a raiva na minha voz. — Eu não pensei que você iria desistir.

— Como?

— Como um fodido castelo de cartas. Pensei que você fosse um homem íntegro que acreditasse em si mesmo e que pudesse tomar decisões ousadas e defender sua posição. Mas, aparentemente, eu estava errado.

Raiva instantânea brilhou em seus olhos, e ele apontou o dedo para mim. — Você não pode me julgar. Você não pode dizer o que é certo para mim. Eu tenho uma vida inteira em Brisbane. Pessoas que dependem de mim.

— Besteira. Você tem um chefe que o substituirá antes que a tinta da sua carta de demissão esteja seca. Você tem caras com quem se encontra para coçar uma coceira física. Se não for com você, eles encontrarão outra pessoa. Assim como você faria.

Suas narinas dilataram. — Assim como eu *fiz*, você quer dizer?

— O que tínhamos era mais do que isso, e você sabe disso.

Ele jogou as mãos para cima, a frustração vencendo. — O que você quer que eu diga? Que vou largar o emprego e subir aqui para ficar com você? Você acha que teríamos um final de conto de fadas, navegaríamos juntos no pôr do sol? Este não é um filme da Disney, Foster.

— Estou ciente disso, Stuart. E eu nunca esperei que você me quisesse. Eu não sou cego pra caralho. Você é um jovem bem-sucedido financiador, e eu sou um cara fracassado que não conseguiu aguentar. Então não, nunca esperei que você me quisesse, mas esperava que você se posicionasse.

— Posicionasse para o que? — Ele chorou.

Deus, ele é cego? — Pela vida que você quer. Não a vida que você se sente obrigado a viver. Você só tem uma vida e não é feliz nela. Faça a mudança. Saia. Você não precisa se mudar para cá, embora eu adoraria se você o fizesse. Faça o que te faz feliz.

Ele ficou olhando por mais tempo. Seu telefone tocou, mensagem após mensagem, e quando tocou, ele olhou para a tela. — Porra! — Ele rosnou em frustração. — Eu preciso atender isso.

— Sim, ok. Entendi — murmurei, a luta em mim se foi. Todo o meu discurso mental deu tão errado, mas no final, não importava. Tinha acabado. Ele estava indo embora, e eu o deixei. Eu não poderia fazê-lo ficar.

Ele atendeu a ligação. — Stuart Jenner... Sim, certamente. Você pode esperar um segundo e terá toda a minha atenção...

Obrigado. — Ele colocou o telefone no peito e estendeu a mão para eu apertar. — Foster, eu preciso ir.

Aperto de mãos? Depois de tudo o que fizemos juntos?

Eu acho que não.

Eu olhei para a mão dele, nem mesmo tentando esconder o quão ofendido eu estava. Seu rosto caiu e ele abaixou a mão. — Eu nunca fui bom em despedidas — ele sussurrou.

Eu queria abraçá-lo. Eu queria esmagá-lo contra mim, sentir cada colina e vale de seu corpo contra o meu, onde ele se encaixava tão bem. Eu queria beijá-lo mais uma vez ... Mas, em vez disso, dei um passo para trás e facilitei para ele.

Ele assentiu. — Foster... Obrigado por tudo. Eu tive as melhores duas semanas... da minha vida. Nunca esquecerei... — Ele engoliu em seco. — Obrigado. Me desculpe, eu não posso ser o que você pensou...

Eu balancei a cabeça, decidido a não deixar minhas emoções aparecerem. — Adeus, Stuart.

Ele pegou sua bolsa e colocou o telefone de volta no ouvido enquanto saía do cais. Eu fiquei lá no sol escaldante e nos ventos quentes e tropicais sentindo frio e pesado. Eu o vi entrar em um táxi e o vi ir embora, o telefone ainda no ouvido. Ele não olhou para trás. Ele nem acenou.

Então foi isso mesmo.

Ele se foi.

Eu voltei abordo do meu iate, concluí uma verificação de todos os sistemas, preenchi os diários de bordo e despiu as camas, esvaziei os caixotes do lixo, limpei e esterilizei tudo. Como sempre fazia depois de cada trabalho. Mecanicamente. Sem sentir. Entorpecido.

Então comecei a prepará-lo para o próximo lote de clientes, que deveriam chegar em dois dias. Aparentemente, eu tinha dois casais do Japão reservados para um cruzeiro de três dias. Apenas uma viagem curta desta vez, não duas semanas. Fiz uma anotação mental para dizer à sede que preferia não fazer mais trabalhos longos. Nada mais de uma semana, eu decidi. E nunca com um cliente.

Era muito pessoal, muito íntimo.

Eu estava muito investido.

Recebi a lista de detalhes da matriz para o próximo trabalho, incluindo as necessidades alimentares, e solicitei um pedido de supermercado para ser entregue logo na manhã da nossa partida.

Eu tive visões loucas de Stuart aparecendo no píer, correndo como num filme idiota, me dizendo que ele não podia embarcar no avião. Me dizendo que ele não podia sair; ele queria estar comigo.

Mas ele não fez.

E como meu trabalho estava terminado e o sol se pôs, o céu ficou escuro, eu sabia que ele realmente se fora.

Eu estava realmente sozinho.

Apesar do barulho do porto, o barulho da marinha, as vozes, os pássaros, nunca me senti tão sozinho. Peguei a garrafa de tequila e sentei na minha mesa de jantar. Antes de Stuart, eu havia gostado do silêncio. Agora era a última coisa que eu queria.

Eu me servi de uma dose, mas não tinha o mesmo gosto.

Eu precisava lambar sal da pele dele, morder limão da boca dele para provar o mesmo novamente.

Quando meu telefone tocou com uma mensagem de texto, meu coração pulou. Era ele? Ele ficou?

Eu vi o nome dele e borboletas inundaram meu estômago.

Estou em casa. Eu gostaria de não estar.

Vou para Sydney pela manhã. Eu gostaria de não ir.

Sinto muito por como as coisas terminaram.

Eu gostaria de ser tão corajoso quanto você.

Eu pude ser o verdadeiro eu com você, pela primeira vez na minha vida.

Nunca te esquecerei.

Toda vez que ver um pôr do sol ou um nascer do sol, pensarei em você. Uma praia, um barco, uma garrafa de tequila. Pessoas apaixonadas.

Eu vou pensar em você.

Meu coração apertou ao ponto de dor. Lágrimas de raiva, lágrimas de coração partido encheram meus olhos e joguei meu telefone na porra da parede.

Foda-se ele.

Foda-se ele por ter vindo aqui, por me fazer perceber o que estou perdendo. Mas acima de tudo, foda-se por sair.

Eu não responderia. Não podia. Não mudaria nada.

Dois dias depois conheci meus novos clientes no cais do porto, como sempre fazia. Eles eram muito gentis, educados, sempre acenando para mim, sempre sorrindo.

Mas eles não me desafiaram, não como Stuart. Eles não foram atrás por si mesmos, não como Stuart. Eles não conversaram comigo por horas, não me fizeram rir, não me fizeram sentir nada, não como Stuart.

O pôr do sol não parecia o mesmo.

O nascer do sol não tinha a mesma sensação de infinitas possibilidades.

Meu iate, minha casa não era a mesma.

O sol, o vento, o oceano não eram os mesmos.

Então me ocorreu com a clareza de um aperto no meu coração que não era verdade. Tudo era exatamente o mesmo. Tudo estava como deveria ser. O que estava diferente era eu.

CAPÍTULO DEZESSETE

STUART

Eu odiava Sydney, eu não pertencia a este lugar, e a probabilidade de eu me mudar para cá era um carço pesado no meu estômago. Eu não queria estar aqui. Não por essas duas semanas, não por essa fusão, por nada.

A cidade cinzenta e sombria através das janelas salpicadas de chuva, empatia com o meu humor.

Eu não queria estar aqui.

Eu queria estar a milhares de quilômetros de distância em um iate branco cercado por quilômetros de azul. Água azul, céu azul, olhos azuis...

Esse negócio de Sydney era grande, e eu estava aqui como analista da Paulington, com meu chefe Gerard Soto, por duas semanas finalizando os detalhes. Bull & Keo era o maior peixe do lago corporativo e eles queriam que eu ficasse. Eles não fizeram nenhuma tentativa de escondê-lo, brincando dizendo a Gerard que eu poderia fazer melhor com eles. Eles ganharam e jantaram comigo, sob o pretexto de negociar com Paulington, embora tentassem me atrair para o lado deles para uma linha muito lucrativa.

Eles me ofereceram muito dinheiro e me ofereceram uma escolha de locais. Sydney, Singapura, Jacarta. Eu poderia escolher, fazer parte da equipe global e conquistar o mundo.

Não ficava maior que isso.

Era tudo pelo que eu trabalhava duro. Era uma oferta pela qual outras pessoas matariam, e eu deveria ter agarrado com as duas mãos. Eu não deveria ter hesitado. Eu não deveria ter dito a eles que precisaria de tempo para considerar sua oferta.

Meu cérebro estava me dizendo *pegue, pegue, pegue*. Meu coração estava ansiando por outra coisa.

Alguém.

Alguém que não respondeu ao meu texto. Outra pessoa que me disse que eu era covarde, que me deixou ir embora.

Eu enviei outros textos ...

Eu sinto muito.

Eu estava errado.

Se eu pudesse ficar naquele píer mais uma vez ...

Ele não respondeu a nenhum deles. Claro que ele não tinha. Ele tinha sido corajoso o suficiente para dizer isso na minha cara.

Eu olhei pela janela, com o coração pesado e perdido, sem interesse no acordo que estava sendo feito agora, a maneira como as pessoas apertavam as mãos e davam parabéns, dando um tapa nas costas e sorriam.

— Muito bem, senhor Jenner — me disseram. Fui aplaudido, agradecido, parabenizado por uma névoa irracional e fui levado ao King Street Wharf, a um restaurante requintado em Darling Harbour. Eu estava cercado por trajes italianos, champanhe francês e charutos cubanos, no meio de conversas vazias e promessas vazias. Quando estávamos sentados à mesa comprida para caber a todos nós, a riqueza e o poder que me cercavam eram surpreendentes. Os homens nesta mesa influenciavam as economias.

Uma bolha de pânico começou a se expandir no meu peito.

Uma mão bateu no meu braço. — Acostume-se aos elogios, senhor Jenner. Quando você trabalhar para nós, este será o seu novo normal.

Porra, inferno.

Eu não queria isso.

Não queria países exóticos, oportunidades extraordinárias, ternos caros em apartamentos executivos. Eu não queria nada disso.

Olhei para o outro lado do porto, para os navios de cruzeiro, os táxis aquáticos, os iates ...

Uma taça de champanhe fresca foi colocada na minha mão e eu nem conseguia falar. Eu estava prestes a ter um ataque de pânico total na frente de todos. Meus pulmões apertaram. Meu coração bateu fora do ritmo.

— Jenner? Tudo certo?

Eu olhei para os rostos preocupados à mesa.

Respire, Stuart.

Mas eu não conseguia lidar com isso, e a bolha de pânico se expandiu um pouco mais. Eu estava perdendo. Eu precisava de ar fresco e...

O que Foster disse? Haveria um momento e eu saberia. Meu momento decisivo - quando eu sabia que partiria - seria cristalino e agudo. Naquele momento, você saberá, ele disse. Porque se você não sair, você vai morrer.

Jesus. Ele estava certo.

Tentei respirar, mas não consegui. Meu peito estava apertado, minhas costelas muito pequenas.

— Com licença, senhor Jenner — interrompeu um garçom. — Isto é para você, com a mensagem 'Parece que você poderia usar uma dose'.

Ele deslizou uma garrafa de tequila da Alquimia Reserva de Don Adolfo Extra Añejo na minha frente.

A tequila de Foster.

Eu atirei meu olhar para o garçom. — O que? Quem...?

— No bar — ele respondeu com um sorriso educado.

Eu nem percebi que estava de pé até esticar o pescoço, olhando, procurando...

E lá estava ele. Sentado a uma mesa, recostado como se fosse o dono do lugar, vestindo bermuda cargo e camisa polo, seus sapatos de couro e um sorriso de merda.

Foster.

Eu quase chorei de alívio. Meus olhos arderam. Meu coração cantou.

Eu nunca quis mais nada.

Naquele segundo, naquele momento, tudo estava cristalino.

Eu queria ir até ele, rastejar em seus braços, e nunca sair, mas eu não conseguia me mover. Como se ele soubesse que eu estava preso, ele se levantou e se aproximou casualmente. Ele estava incrivelmente malvestido, mas com a confiança que ele exalava, ele poderia muito bem ser dono desse lugar e de todos nele.

Ele caminhou até a mesa, olhando para os rostos olhando para ele. — Cavalheiros. — Então ele acenou para alguns em particular. — Jack. Carlos. Larry. — Eles o encararam como se não pudessem colocar seu rosto nessas roupas casuais. Eu imaginei que eles estavam acostumados a vê-lo vestindo ternos finos.

Então Foster inclinou a cabeça. — Sr. Shimizu. Sempre uma honra.

O pequeno japonês obviamente o reconheceu imediatamente porque também se levantou e se curvou. — Knight. O que te traz aqui? Eu pensei que você não estava mais ativo. — Assim que o Sr. Shimizu disse seu nome, suspiros silenciosos foram ao redor da mesa e cabeças giraram em sua direção.

Foster sorriu. — Estou aqui apenas para fazer o que os cavaleiros brancos fazem melhor.

— E o que é isso? — Larry Sterling perguntou da cabeceira da mesa. Ele não parecia particularmente satisfeito.

Foster sorriu para ele. — Uma oferta amigável de aquisição que supera o cavaleiro negro. Não acredito que uma aquisição hostil seja necessária aqui.

Sterling soltou uma risada, e poderia ter funcionado se não fosse pelo toque de medo em seus olhos. — E agora Knight. Apenas para qual empresa você pretende fazer uma oferta?

— Eu não quero nenhuma empresa — respondeu Foster sem problemas. Ele olhou diretamente para mim. — Estou aqui para algo um pouco mais pessoal.

Soltei uma risada, e meus pulmões ardiam e meus olhos lacrimejavam como se eu tivesse sido mantido debaixo d'água e acabei de quebrar a superfície.

Foster olhou diretamente para mim. — O que você acha? Quer velejar pelos Whitsundays comigo? Para sempre?

Eu respondi com um aceno rápido. — Deus, sim.

Ele sorriu. — Estou estacionado em fila dupla — disse ele, apontando para o porto. Olhei para fora e pude ver uma multidão reunida no cais ao redor de seu iate, apesar da chuva forte, maravilhada com sua beleza.

Eu sorri para ele, cada célula do meu corpo zumbindo.

— Está pronto? — Ele perguntou.

Eu assenti. — Tão pronto. — Eu olhei para todos os rostos me encarando, alguns confusos, outros furiosos. — Obrigado, senhores — eu disse. — Tem sido ótimo e tudo, mas eu gostaria de recusar respeitosamente o seu convite para me juntar à sua equipe. Eu tive uma oferta melhor.

Peguei a garrafa de tequila, dei um aceno de despedida e, quando Foster estendeu a mão, eu a peguei. O calor, a força, o toque familiar me encheram de algo novo, algo emocionante, algo certo. E juntos, de mãos dadas, saímos correndo do restaurante, chovendo, atravessamos o cais e entramos no iate.

A casa dele.

— Pegue as linhas de atracar — disse ele, enquanto ligava o motor.

Inclinei-me pelos fundos e enrolei as linhas, amarrando-as como ele me mostrou. Eu pisei na cabine, sorrindo. O sorriso de Foster combinava com o meu enquanto ele estava ao leme, nos afastando do cais. Deslizei meus braços ao redor dele e me abracei ao seu lado.

— Eu não posso acreditar que você está aqui — eu sussurrei.

— Levei sete dias para navegar até aqui — disse ele, olhando por cima da proa, navegando no porto.

Sete dias? — Por que você não me avisou que estava vindo?

— Depois que decidi que estava vindo para você, não parei. Deixei meus últimos clientes de volta na base e não aguentei o

silêncio mais um segundo. Nem mais um segundo sem você — ele disse. Com uma mão no leme, ele me beijou então. Eu me agarrei a ele, saboreando seus lábios, sua língua, seu toque. Com um zumbido, ele se afastou e olhou para a frente novamente enquanto continuávamos navegando, mas ele sorriu. — Liguei para o seu escritório para descobrir onde você estava, esperando que em Brisbane. Disseram que você estava em Sydney, então achei que estava no meio do caminho. Enfim, a minha entrada lá atrás não foi emocionante? Romântica?

Eu bufei e o segurei um pouco mais apertado. — Nunca fiquei tão agradecido por ver alguém.

— Parecia que você poderia usar um pouco de ajuda lá atrás.

— Eu estava me afogando — murmurei em seu pescoço. — Esse foi o meu ponto de inflexão lá atrás. O meu momento de sair ou morrer.

— Eu sei — ele disse com um sorriso, ainda olhando para a frente, mas seu braço em volta de mim se apertou. — Havia alguns grandes nomes nessa mesa.

— Eu não queria essa vida. Eu não queria nada disso.

— Eu sei.

— Cada segundo desde que eu saí, senti como se o mundo estivesse me afogando. — Eu olhei para ele, para sua mandíbula quadrada, seus olhos. — Você me salvou lá atrás.

Ele me beijou novamente, me empurrando contra o leme, e antes que pudéssemos nos empolgar, ele se afastou com um gemido. — Nós não conseguiremos sair do porto nesse ritmo.

— Então solte a âncora — sugeri.

— Temos que voltar ao porto de Cairns em oito dias. — Ele lambeu os lábios, quase nervoso. — Você tem certeza que quer essa vida?

Eu encontrei seu olhar para que ele pudesse ver a honestidade no meu. — Nunca estive mais certo.

— E suas roupas, suas malas no hotel? — Ele perguntou como se tivesse acabado de pensar nelas.

— Foda-se — eu disse. — Eu não vou precisar disso para onde estamos indo. E temos oito dias para descobrir o que fazer com o meu apartamento em Brisbane. E o meu carro. — Havia muito em que pensar, mas eu realmente não me importei.

Quando nos aproximamos das Sydney Heads¹¹, Foster me fez levantar a matriz. As marés estavam agitadas com ondas altas, mas o tempo tempestuoso significava que o vento era forte e logo estávamos navegando, voando sobre a água, para o norte, onde precisávamos estar.

Ele riu quando tirei meu paletó e joguei no chão da cabine. Tirei os sapatos e tirei as meias, depois tirei a gravata e desabotoei os dois primeiros botões da camisa. Eu segurei minha gravata ao

¹¹ O Sydney Heads é uma série de promontórios que formam a entrada de 2 km de largura do porto de Sydney, em Sydney, Nova Gales do Sul, Austrália.

PRIVATE CHARTER

N.R. WALKER

vento, soltando um longo — woouoooooooo — ao vento enquanto eu estava com Foster ao meu lado. Estávamos molhados da chuva, mas estávamos saindo da tempestade, para céus mais brilhantes, águas mais calmas. Para onde as águas azuis encontravam areias brancas, para onde a única coisa melhor do que ver o pôr do sol era vê-lo nascer. Onde a única coisa mais quente que os trópicos era o homem parado ao meu lado.



EPÍLOGO

STUART

O sol estava escaldante, o vento estava quente, o som da água batendo no casco me fez sorrir.

Eu estava deitado no convés, vestindo nada além da sunga, e Foster estava descansando a cabeça na minha barriga. Eu estava quase cochilando e ele, como costumava fazer, estava brincando com um velho pedaço de corda, amarrando e desamarrando nós. Ele fazia isso com os olhos fechados, e eu brincava com o cabelo dele.

Foi há cinco anos nesta semana que ele navegou para o porto de Sydney e me levou de um jeito de conto de fadas que roubou meu coração.

Bem, isso não era verdade. Ele roubou bem antes disso.

Eu ri ao me lembrar da viagem de Sydney a Cairns.

— O que é engraçado? — Ele perguntou.

Brinquei com seus cabelos, provocando os fios entre meus dedos e acariciando seu couro cabeludo. — Lembrando a Baía de Nelson. Como só chegamos até lá antes de termos que ancorar.

Ele riu, um estrondo rouco. — Eu pensei que fizemos bem em chegar tão longe.

— Meu Deus, você fez um trabalho rápido em mim naquele dia.

Agora ele riu. — E você adorou cada minuto.

— Todo segundo. — Eu cantarolei. — Se eu pensar no que você fez comigo, ainda posso sentir.

Ele me lançou um olhar de humor. A corda parou em sua mão.
— Quer um lembrete?

— Claro que sim.

— Deus. Você não se cansou esta manhã?

Eu acariciei seu cabelo. — Nunca é o suficiente.

O sol estava nos deixando sonolentos.

— Oh. — Eu apenas lembrei. — Tia Kim ligou quando você estava no banho mais cedo. Só queria dizer oi.

Ele cantarolou e fechou os olhos. — Eu ligarei para ela mais tarde. — Ele adorava quando eu brincava com seu cabelo, e seu comportamento pacífico e sonolento me fez sorrir. — Você quer que eu faça reservas para o jantar de volta ao continente? — Ele perguntou, sua voz preguiçosa.

— Não. — Ele sabia qual seria a minha resposta antes mesmo de fazer a pergunta. Eu nunca queria ir para a praia quando estávamos aqui. Só nós. Eu amei a bolha em que nos cercamos.

Nos últimos cinco anos, eu fiz como ele sugeriu. Eu trabalhei no mercado de ações, fiz palpites sobre onde as tendências e atrasos

seriam, quando comprar, quando vender. Eu era melhor nisso do que nunca em fusões e aquisições.

Mas eu não morava no barco.

Vendi meu apartamento em Brisbane e comprei uma casa de praia em estilo antigo ao norte de Cairns. De uma só vez, eu tinha passado de viver elegante e sofisticado - e sendo miserável - para um cara que raramente usava sapatos e morava em uma casa velha e desgastada pelo tempo que dava para o oceano com seu próprio cais. Onde eu podia manter um olho na economia mundial e outro no Mar de Coral, procurando um iate branco e elegante com um belo capitão ao leme. E eu estava, sem dúvida, o mais feliz que já estive.

Trabalhei quando me convinha e ajudei Foster a administrar seu negócio de fretamento particular. Se ele estivesse fazendo uma parada programada na costa, eu o encontraria em qualquer marinha em que ele atracasse. Quando ele não estava trabalhando, o iate estava atracado e estávamos em casa ou a bordo, trancados juntos em sua cabine. Mas estávamos juntos duas, três, às vezes quatro noites por semana. Eu tinha feito alguns trabalhos com ele quando ele precisava de um par extra de mãos no convés, mas, na maior parte, trabalhamos separadamente. Nós éramos realistas, acima de tudo. Não havia como trabalharmos juntos no iate e vivermos juntos no dia a dia e esperarmos durar mais do que alguns meses.

Então, trabalhamos separadamente, nossas vidas entrelaçadas em todos os pontos possíveis e ficamos ridiculamente felizes.

Este era o nosso quinto aniversário, e estávamos levando três dias para navegar para o recife e passar nosso tempo completamente distante e ininterrupto. Era totalmente remoto e absolutamente perfeito.

— Sabe, acho que preciso de um novo par de sunga — pensei.

Ele parou de dar um nó e olhou para mim. — Você está tentando me fazer olhar para o seu pau?

Eu bufei. — Não. Se eu quisesse que você olhasse, eu estaria nu agora.

Ele fez um som feliz e voltou a fazer nó, com os olhos fechados, indo pela sensação. — Enquanto o novo par for branco e transparente quando molhado tudo bem.

Sim. Deus não permita que eu compre qualquer outra cor. Comprei um par preto uma vez e ele os odiou.

Eu o assisti trabalhar a corda entre os dedos, praticando metodicamente, transformando-a em nós firmes que eu não conseguia replicar, mesmo com instruções em vídeo do YouTube.

— Que nó você está fazendo? — Eu perguntei.

Ele olhou para a corda em suas mãos como se só estivesse vendo agora, então a levantou em minha direção. Eu peguei,

tentando descobrir como ele manipulou os diferentes fios de corda para parecer que eles eram um. — É para você — disse ele.

— Como é chamado? — Todos os nós tinham nomes estranhos, e eu tentei aprendê-los, quando ele me disse. Este era diferente, e era tão seguro que parecia inquebrável.

Ele se sentou e me encarou, um olhar estranho em seu rosto. — É para você.

Eu quase ri, e provavelmente teria se não fosse pelo olhar em seu rosto. Como se ele estivesse incerto e completamente certo ao mesmo tempo. Eu me sentei, nossos joelhos dobrados e se tocando. — É chamado de nó 'é para você'?

Ele balançou a cabeça e riu. — Não. Eu fiz para você. É chamado de 'nó do amor verdadeiro' porque, uma vez feito, e bem feito, permanece assim para sempre.

Eu vi como a corda era torcida, atada, fios separados se tornando um. — Eu posso ver isso. — Claro, era impressionante, mas... — Por que é para mim?

— Porque eu quero que você se case comigo.

Minha cabeça levantou, chocada. Tenho certeza que minha expressão disse tudo. — O que?

— Case comigo. — Ele lambeu os lábios e engoliu em seco. — Eu poderia organizar uma proposta num mergulho subaquático ou uma proposta escrita no céu, se você preferir. Algo cheio de romance e fanfarra. Eu poderia te levar para Paris, mas... — Ele

olhou ao redor do oceano, para a extensão de nada além de uma vasta água, céus infinitos e nós. — Mas está tudo que preciso aqui. Só você e para sempre.

Oh meu Deus, ele estava falando sério.

Meu cérebro entrou em curto-circuito. Meu coração parou de bater, mas eu assenti. Eu estendi o nó, o nó para sempre. E lá, no meio do oceano, pelos recifes de coral e com as ilhas ao longe, eu estava cercado por tudo que eu precisava. Foster e a promessa de sempre. — Sim.

Ele me beijou até ficar deitado em cima de mim, sorrindo para mim. — Acho melhor levarmos isso para a cabine.

Eu sorri para ele. — Será Foster Jenner-Knight? Ou Foster Knight-Jenner.

Ele me beijou com lábios sorridentes, pegou minhas mãos e as prendeu no convés acima da minha cabeça. — Você quer meu sobrenome? — Ele perguntou. Os olhos dele ficaram escuros. Ele claramente gostou da ideia disso, muito.

— Sim. E você pode ter o meu.

Ele usou os joelhos para espalhar minhas coxas, minhas mãos mantidas apertadas acima da minha cabeça. Seus quadris estavam nivelados com os meus, sua ereção dura e pressionada contra mim nos lugares certos. — Stuart Jenner-Knight — ele sussurrou. — Eu amo o som disso.

Revirei meus quadris. — Eu posso dizer.

Ele gemeu, mas então seus olhos procuraram os meus. — Você realmente vai se casar comigo? — Ele soltou minhas mãos para que ele pudesse traçar o lado do meu rosto.

Eu assenti. — Sim. Eu era seu para sempre, quando você navegou em Darling Harbour e me resgatou. Mas você me fez um nó para sempre com um pedaço de corda velha, então agora é oficial.

Ele sorriu e deu um beijo suave nos meus lábios. — Eu não deveria deixar escapar desse jeito. Eu provavelmente poderia ter planejado melhor. Mas parecia certo.

— Foi perfeito. Não preciso de Paris ou de propostas sofisticadas em restaurantes caros ou fanfarras especiais. Eu apenas preciso de você.

— E você me tem, senhor Stuart Jenner-Knight. Para sempre.

— Sim. Para sempre. Eu tenho o nó para provar isso.

Ele riu e me beijou novamente, desta vez por mais tempo, com mais propósito. — Com licença, senhor Foster Jenner-Knight — eu disse sem fôlego quando ele beijou minha mandíbula. — É melhor você me levar para o convés e terminar o que começou.

Os olhos dele brilhavam; seu sorriso era imundo e cheio de promessas. — Bem, eu sou o capitão do navio — disse ele, pulando e me colocando de pé. — E todos os bons capitães precisam de um garoto de cabine disposto.

Eu parei. — Ainda posso ser um garoto de cabine se formos casados?

PRIVATE CHARTER

N.R. WALKER

Ele riu. — Você pode ser meu garoto de cabine para sempre.

— Mesmo quando estivermos velhos e grisalhos?

Ele sorriu. — Ficarei muito decepcionado se você não for.

— Eu também — respondi. Peguei o nó que ele tinha feito para mim, apoiei-me na ponta dos pés e o beijei. — Agora se apresse. Seu garoto de cabine está impaciente e excitado. Melhor não o deixar esperando.

Ele riu enquanto me seguia abaixo do convés. Ele fechou a porta, bloqueando o resto do mundo atrás de nós. — Quantos dias temos? — Ele perguntou, me levando para trás em sua cabine.

Eu levantei a corda atada. — Nós não temos dias. Nós temos para sempre.



FIM